



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL**

THIAGO COELHO SILVEIRA

**DESVELANDO OS CAMINHOS DO SANTANA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UM PROCESSO DE RURBANIZAÇÃO
EM TERESINA – PI**

**TERESINA – PI
FEVEREIRO DE 2013**

THIAGO COELHO SILVEIRA

**DESVELANDO OS CAMINHOS DO SANTANA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UM PROCESSO DE RURBANIZAÇÃO
EM TERESINA – PI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Juliana Lopes Aragão.

**TERESINA – PI
FEVEREIRO DE 2013**

S587d

SILVEIRA, Thiago Coelho.

Desvelando os caminhos do Santana: história e memória de um processo de rurbanização em Teresina / Thiago Coelho Silveira. – 2013.

158 f. : il.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2013.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Juliana Lopes Aragão.

1. Santana (Bairro) Teresina. 2. Rurbanização. 3. Memória. 4. História. I. Título.

CDD: 981
307.76

THIAGO COELHO SILVEIRA

**DESVELANDO OS CAMINHOS DO SANTANA:
HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UM PROCESSO DE RURBANIZAÇÃO
EM TERESINA – PI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História do Brasil pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Juliana Lopes Aragão.

Aprovado em: 22/02/2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Juliana Lopes Aragão (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto (Examinador Externo)
Universidade Estadual do Piauí

Prof^a. Dr^a. Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí

**TERESINA – PI
FEVEREIRO DE 2013**

*A Manoel e Maria, fonte de força e
inspiração!*

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos dois anos do curso de Mestrado em História do Brasil, muitas pessoas contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Desde o primeiro dia de aula, até os dias finais desta produção, tive a oportunidade conhecer e desfrutar da companhia de pessoas muito especiais. Dessa forma, quero expressar meus agradecimentos a cada uma em particular.

Embora hoje eu não frequente regularmente nenhuma denominação religiosa, existem em minha consciência, princípios cristãos que me fazem acreditar na existência e na força de *Jeová*. Assim, é a *Jeová* que agradeço de maneira mais sincera e especial.

Também agradeço a toda a minha família, em especial à minha mãe, Maria, e meus irmãos, Carlos, Izabel, Manoel Júnior, Edson, Kátia, Socorro, assim como a todos os sobrinhos que tem acompanhado pacientemente a minha trajetória na ambição de tornar-me historiador, compreendendo minhas muitas ausências. Agradeço também a meu pai, Manoel (*in memoriam*), cujo amor pelo Santana trouxe a família para morar na região. Foram suas histórias dos anos em que trabalhou na Usina Santana, quando eu era criança, que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também a Prof^a. Dr^a. Juliana Lopes Aragão, que aceitou orientar este trabalho e que tanto contribuiu para que ele se tornasse uma realidade. Sua leitura atenta e sua experiência como arquiteta e historiadora, sempre indicando pontos em que o trabalho poderia ser melhorado, foram muito importantes para meu crescimento como pesquisador e como historiador. Levo desses anos a memória de uma orientação temperada com sua atenção, doçura, bondade e gentileza.

Com a Prof^a. Dr^a. Cláudia Cristina da Silva Fontineles dei meus primeiros passos na carreira de historiador. Desde a disciplina Introdução aos Estudos Históricos na graduação na

Universidade Estadual do Piauí, passando pela iniciação científica, aprendi o significado do que é o amor pela História. Agradeço-a de modo especial pelas contribuições no Exame de Qualificação, pois foram muito importantes para a versão final deste trabalho bem como por tão gentilmente aceitar participar da banca de defesa. É para mim uma honra.

Ao Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto por prontamente aceitar o convite para participar da banca de defesa. Lendo sua tese, aprendi que para ser universal basta falarmos de nossa aldeia. Com essa inspiração, busquei construir este trabalho.

Ao Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, profissional incrível, com quem muito aprendi nas aulas de História e Cidade e no Seminário de Linha de Pesquisa. Sua experiência, seu conhecimento sobre a História do Piauí e suas considerações no Exame de Qualificação contribuíram significativamente para a versão final deste trabalho.

Aos professores Áurea da Paz Pinheiro, Denilson Botelho de Deus, Edwar de Alencar Castelo Branco, com os quais cursei as disciplinas do curso. Cada a um, a seu modo, contribuiu direta ou indiretamente para o desenvolvimento deste trabalho.

A Prof. Dr^a. Maria Dione Carvalho de Moraes, com quem cursei a disciplina Antropologia das Populações Rurais no Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia, na modalidade domínio conexo. Esta professora é um exemplo de profissional e pesquisadora na área das Ciências Sociais. Através de suas aulas, sempre preocupada em trazer discussões que pudessem ajudar os mestrandos e doutorandos de sua turma em seus trabalhos, tive acesso ao arcabouço teórico sobre a rurbanização, conceito que muito contribuiu para que eu compreendesse melhor meu objeto e encontrasse as respostas aos meus questionamentos.

Aos colegas da oitava turma do Mestrado em História do Brasil, Débora Layane, Fábio, Fagno, Genimar, Hélio, Hermano, Ivana, Jayra, Marluce, Mona Ayala, Patrícia, Paulo. Passamos muitos momentos juntos, uns divertidos outros nem tanto, nos eventos, nas viagens (Patrícia que o diga), nas disciplinas, enfim, carrego todos em meu coração de uma forma muito especial. A oportunidade de conhecer de perto Jayra e Hélio mostrou-me como o historiador pode ser plural no seu fazer. Agradeço também aos demais colegas da turma que traçaram juntos esta caminhada.

Aos funcionários do Arquivo Público do Piauí, em especial a D. Jesus, que muito me ajudou na busca de fontes para esta pesquisa. Também agradeço aos meus entrevistados, pois graças a eles pude ampliar o alcance desta pesquisa.

Aos colegas da Unidade de Saúde do Dirceu II, onde fui acolhido durante o primeiro ano do curso de Mestrado. Um obrigado muito especial a Deusimar, Eliane, Evaneide, Francisca Rosa, Márcia, Paulo e Ribamar.

Aos colegas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, com os quais passei o último ano do curso. Com cada um deles tenho aprendido sobre os desafios de ser professor na Educação Básica. Lembro, de forma muito especial, de Alyne, Aracely, Deilson, Ediane, Emanoela, Evangelina, Genilda, José Luís, Márcio, Patrícia, Rosemary e Sofia.

Nos últimos anos fiz muitas amizades. Arimatéa, Fernando César, Josi, Liliane, Luciana, Miridan, Tiago, Vicência são pessoas que têm me acompanhado nos últimos seis anos. O ombro-amigo que sempre dispuseram muito ajudou no desafio de construir esta dissertação. Agradeço ainda a Arnon Araújo Lacerda que viu de perto muitas de minhas angústias e alegrias ao longo dos últimos anos.

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.

(Marc Bloch)

SILVEIRA, Thiago Coelho. **Desvelando os caminhos do Santana:** história e memória de um processo de rurbanização em Teresina – PI. 160 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo compreender a história e a memória do processo de rurbanização do bairro Santana em Teresina – PI, no período compreendido entre as décadas de 1970 e 2000. O recorte temporal foi assim delimitado, por que na década de 1970 o bairro passa por uma (re)organização espacial por conta da mudança de prédio da Usina Santana, indústria de açúcar presente na região desde o início do século XX, e da criação do loteamento Jardim Europa que impulsionou um processo de migração interno da população dentro dos limites espaciais da região; estendendo-se até os anos 2000, pois durante esses anos alia-se ao processo de (re)organização espacial, uma série de melhoramentos urbanísticos, mudando significativamente os modos de viver no bairro, dicotomizado pelas relações entre o rural e o urbano. Para tanto, fizemos uma análise dos anos 70 e 80, período em que o bairro é enquadrado no perímetro rural da cidade, percebendo a relação entre a Usina Santana e a Cerâmica Santana como reforçadoras de um ideal de bairro rural, embora no período já possam ser percebidas algumas características de urbanidade. Em seguida, analisou-se os anos 90 e 2000 compreendendo como se deu a ação do poder público, predominantemente municipal, na região como impulsionador de sua urbanização, possibilitando a emergência de um estado de rurbanização. Por fim, discutiu-se a relação entre a memória da população e a Usina Santana, percebendo como esta empresa influenciou decisivamente na constituição de uma memória coletiva que extrapola as fronteiras espaciais do bairro. Metodologicamente, foi utilizada a análise documental a partir de fontes adquiridas junto ao Arquivo Público do Piauí (APPI), à Prefeitura Municipal de Teresina e à biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como também utilizamos a metodologia da história oral, coletando entrevistas com moradores do bairro visando perceber como a Usina se faz presente na memória do bairro e como a população percebe os melhoramentos urbanísticos da região. Nossa análise se direcionou para o estudo do fenômeno da rurbanização no bairro Santana, compreendendo que este ainda está em andamento, estando a região permeada de características urbanas, mas também rurais; além disso, o estudo da memória permitiu-nos perceber como a Usina Santana se destaca como eixo norteador de uma memória que vai além dos limites locais, assim como o foi também para a própria formação e crescimento do bairro.

Palavras-chave: História. Memória. Rurbanização. Santana.

SILVEIRA, Thiago Coelho. **Revealing the ways of Santana:** history and memory of a process of rurbanization in Teresina – PI. 160 f. Master Thesis (Master Degree in History of Brazil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

ABSTRACT

This study aims to understand the history and memory of process of rurbanization of Santana Neighborhood in Teresina – PI, in the period between the 1970s and 2000s. The time frame was limited this way, because in the 1970s the neighborhood goes through a spatial (re)organization because of the change of building the Usina Santana, the sugar industry in this region since the early twentieth century, and the creation of Jardim Europa residential that propelled a process of internal migration to the region, extending to the year 2000, because during these years joins the process of spatial (re)organization, a series of urban improvements, significantly changing the ways of living in neighborhood, dichotomized by the relationships between rural and urban. To this end, we analyzed the 70s and 80s, during which the neighborhood is framed in a rural area of the city, perceiving the relationship between the Usina Santana and Cerâmica Santana as reinforcing the ideal of a rural neighborhood, although the period may be longer perceived some characteristics of urbanity. Next, we analyzed the 90s and 2000s comprising as it was the action of government, mostly local, in the region as a propelling of its urbanization, allowing the emergence of a state of rurbanization. Finally, we discussed the relationship between people's memory and Usina Santana, perceiving how this company decisively influenced in the formation of a collective memory that goes beyond the spatial boundaries of the neighborhood. Methodologically, the document analysis was implemented from sources acquired by the Arquivo Público do Piauí (APPI), the Teresina Municipality and the library of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), but also used the methodology of oral history, collecting interviews with neighborhood residents in order to understand how the Usina is present in the history of the neighborhood and how the population perceives the progress of the region. Our analysis was directed to study the phenomenon of rurbanization in the Santana Neighborhood, perceiving that this is still in progress, with the region permeated with urban characteristics, but also rurals, in addition, the study of memory allowed us to understand how Usina Santana stands out as a guideline of a memory that goes beyond local boundaries, as was also for the formation and growth of the neighborhood.

Keywords: History. Memory. Rurbanization. Santana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGESPISA – Águas e Esgotos do Piauí S. A.

AEB– Anuário Estatístico do Brasil

APPI – Arquivo Público do Piauí

BB – Banco do Brasil

CEFET-PI – Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí

CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CNES – Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde

CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

COHAB – Companhia de Habitação

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social

FMS – Fundação Municipal de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFPI – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí

LRB – Laboratório Raul Bacelar

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome

NOB/SUAS – Norma Operacional Básica

PDLI – Plano de Desenvolvimento Local Integrado

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSF – Programa Saúde da Família

PT – Partido dos Trabalhadores

SASC – Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania

SDR – Superintendência de Desenvolvimento Rural

SDU – Superintendência de Desenvolvimento Urbano

SDU/SUDESTE – Superintendência de Desenvolvimento Urbano da Região Sudeste

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação

SEMCAD – Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente

SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo

SoftLab – Sistema Informatizado de Produção de Exames Laboratoriais

SUAS – Sistema Único de Assistência Social

SUS – Sistema Único de Saúde

TER 120 – Rodovia Municipal de Teresina 120

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Evolução do Perímetro Urbano de Teresina.....	29
FIGURA 2: Usina Santana saúda o Presidente Ernesto Geisel.....	34
FIGURA 3: Assinatura de Contrato de Crédito com o Banco do Brasil.....	35
FIGURA 4: Porcentagem de domicílios (particulares permanentes) servidos pela rede geral de água canalizada em pelo menos um cômodo. Teresina-Piauí. 2000	68
FIGURA 5: Perímetro de Expansão Urbana de Teresina na década de 1990	73
FIGURA 6: Aspectos demográficos do bairro Santana	77
FIGURA 7: Porcentagem de domicílios (particulares permanentes) com coleta de lixo por serviço de limpeza. Teresina-Piauí. 2000.....	80
FIGURA 8: Zona urbana de Teresina segundo regiões administrativas, 2006	103
FIGURA 9: Prédio da 1ª Usina de Açúcar do Piauí	120

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Domicílios com Abastecimento de Água no Santana e nos bairros vizinhos.....	66
TABELA 2: Condições da Saúde no Santana e nos principais bairros vizinhos	75
TABELA 3: Coleta de lixo e Esgotamento Sanitário no Santana e bairros vizinhos.....	81
TABELA 4: População e Renda Mensal das Pessoas Responsáveis por Domicílio.....	82
TABELA 5: Comparação da situação da Educação no Santana e nos bairros vizinhos	94
TABELA 6: Área de cultivo de cana-de-açúcar (1931-1935).....	123
TABELA 7: Rendimento, por hectare, da produção de cana-de-açúcar (1931-1935)	123
TABELA 8: Produção anual da cana-de-açúcar (1931-1935).....	124
TABELA 9: Transporte coletivo que atende ao Santana e aos principais bairros vizinhos...	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CAMINHADAS PELO SANTANA	15
CAPÍTULO I – DA USINA AO JARDIM: O “SANTANA” DOS ANOS 70 AOS 80	21
1.1 (Re)Organizando o Jardim: a Usina Santana como eixo de mudanças espaciais.....	25
1.2 Percorrendo os caminhos do Jardim Europa	47
CAPÍTULO II – O SANTANA ENTRE O RURAL E O URBANO: O CONSOLIDAR DE UMA RURBANIZAÇÃO PRESENTE	59
2.1 Cuidados com o Jardim: urbanização e melhoria da qualidade de vida.....	61
2.2 O Santana em rurbanização: por uma (re)definição cotidiana do bairro	97
CAPÍTULO III – PASSEANDO COM MNEMOSYNE: O SANTANA NAS TRAMAS DA MEMÓRIA	111
3.1 Gil Martins entre a história e a memória	113
3.2 Os Santiago e as faces do Santana.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS: TERMINADO O PASSEIO POR NOSSO JARDIM? ..	142
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	156

INTRODUÇÃO: CAMINHADAS PELO SANTANA

*Todos os jardins deviam ser fechados,
com altos muros de um cinza muito pálido,
onde uma fonte
pudesse cantar
sozinha
entre o vermelho dos cravos.
O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência
nem o abandono...
O que mata um jardim é esse olhar vazio
de quem por eles passa indiferente¹.*

A epígrafe acima carrego comigo há muito tempo. Cada vez que a leio e releio lembro-me de quantas vezes os olhares desinteressados percorrem os jardins de uma cidade, paisagens que guardam muito de sua história e de suas tramas. A cidade, esse lócus da vivência humana, tornou-se objeto de estudo de tipos cada vez mais variados de cientistas e suas ciências, gerando no seio acadêmico uma infinidade de olhares e opiniões sobre sua existência, conteúdo, forma, passado, história e, para alguns, até mesmo o futuro. Nossa ambição, no entanto, é pequena, mas valiosa. É sobre isso que trata esse texto: ambição pessoal de um pesquisador que deseja ver sua cidade. Para além disso, este trabalho é o esforço de perpetuar no seio da academia a necessidade dos estudos sobre a cidade e seus bairros – esses espaços onde transeuntes constroem e reconstroem, consciente ou inconscientemente, suas trajetórias e suas histórias.

Em uma tentativa de fazer o contrário do que Quintana aponta – esse olhar desinteressado para o jardim, empenhamo-nos em olhar mais que interessadamente para o que

¹QUINTANA, Mário. *Poesias*. Porto Alegre: Editora do Globo, 1962.

temos à vista. Nosso jardim, o Santana, não o é no sentido corrente da palavra com suas flores e plantas dispostas conforme os ditames de seu jardineiro. Nosso jardim é um bairro da cidade de Teresina, capital de um Estado – o Piauí – que se encontra no seio do nordeste brasileiro. Como seu jardineiro fiel, buscamos aqui, narrar a história do bairro Santana concatenando-o nas tramas de sua cidade entre os anos 70 e os anos 2000, período especialmente escolhido por motivos bem delimitados.

Decidimos construir nossa narrativa pautada na crença de que são nossas experiências que delineiam nosso objeto, caracterizado a partir de nosso próprio olhar. Mudamos para o bairro Santana no início dos anos 90 após iniciativa de nosso pai, que havia sido trabalhador da Usina que deu nome ao bairro. Desse modo, crescemos eu e meus irmãos, ouvindo as histórias do cotidiano de trabalho na Usina, da formação do bairro, das proibições e liberdades que se podiam desfrutar nas terras da empresa que se tornaram posteriormente as terras do bairro. Memórias (re)transmitidas a nós e que aos poucos vão se perdendo no intenso trabalho de atualização e reatualização da memória².

Assim, participamos juntamente com a população das muitas mudanças que se fizeram presentes no bairro. O marco inicial remonta aos anos 70, tomando como referência sua (re) organização espacial e desenvolvimento após o fechamento da Usina. O segundo marco, os anos 2000, por entendermos que as mudanças urbanizantes pelas quais o bairro passará – colocando-o em processo de rurbanização – foram significativas na transformação espacial do lugar. Trajetória que se inicia lentamente durante os anos 70, 80 e 90, ganhando celeridade após 2000.

Organizamos o trabalho de modo que as informações inseridas permitissem ao leitor formular um raciocínio balizado pela ordem dos acontecimentos, associado às categorias centrais de discussão no trabalho, a saber: organização espacial, rurbanização e memória.

Seguindo a ordem apontada acima, definimos como tema central para o primeiro capítulo a história do processo de (re)organização do bairro a partir da mudança de prédio da Usina, bem como a partir do surgimento do povoado Jardim Europa. Anteriormente à sua criação, já existia o povoado Usina Santana, do qual surgiu o Jardim Europa durante os dias finais da Usina Santana S/A. Utilizando-se aqui, e ao longo de todo o texto, distintas leituras, passaremos pelos anos 70 e 80 percebendo o processo de metamorfose do bairro que perde suas características rurais e assume cada vez mais contornos urbanos. Nesse capítulo, em especial, foi muito importante o posicionamento de Corrêa³ sobre os agentes modificadores

²CATOGRA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

³CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

do espaço nos ajudando a compreender a relação entre a Usina e o bairro que surgiu nos seus entornos. Endlich⁴ e Favaretto⁵ também são importantes para a discussão deste capítulo, pois permitiram que ampliássemos nosso olhar sobre o urbano e o rural, percebendo-os não de forma dicotômica e antagônica, mas a partir de sua complementaridade.

O segundo capítulo se inicia nos anos 90 e trata da inclusão de mais uma categoria de análise: a rurbanização – perspectiva teórica adotada pensando-se em uma aproximação entre a História e as Ciências Sociais. Temos percebido que com o avanço do processo de aparelhamento urbanístico do bairro novos conflitos vão aparecendo, com relevância para o confronto entre o rural e o urbano. Se, de fato, não podemos falar na construção de uma única conjuntura espacial, sentimo-nos à vontade para falar de identidades em conflito e em transformação entre esses dois mundos e que subsidiam as discussões em torno da rurbanização que cria novos espaços. As fontes encontradas permitem-nos fazer um painel do bairro no período, bem como nos ajudam a relacionar as políticas desenvolvidas para a cidade, que terminam por incluir o citado bairro. Calvino⁶, em especial, mostrou-nos como pode haver muitas cidades dentro de uma só, abrindo caminhos para que compreendamos a singularidade do espaço que analisamos. Espaço que, conforme nos conta Certeau⁷, é construído cotidianamente pelo homem ordinário que habita e percorre a cidade. Essa perspectiva nos ajudou a entender a rurbanização pregada por Carneiro⁸. Para essa autora, o espaço rurbanizado é aquele que não possui limites muito claros entre suas dimensões rural e urbana, fato que se dá não apenas pelas mudanças na paisagem, mas também pelos modos de viver da população que cada vez mais assume padrões mais ecléticos. Nesse sentido, os posicionamentos de Wirth⁹ casam com nossa perspectiva, pois o autor considera o urbanismo como um modo de vida, condição necessária para tratarmos da rurbanização – esse modo de vida que carrega elementos rurais e urbanos.

⁴ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-32.

⁵FAVARETTO, A. S. A longa evolução da relação rural-urbano. Para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. In: **RURIS**. Revista do centro de Estudos Rurais. Universidade Estadual de Campinas/IFCH, v. 1, n. 1. Campinas/Unicamp/IFCH, 2007, p. 157-192.

⁶CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁷CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.; _____; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

⁸CARNEIRO, M. J. (coord.). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto “Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção”. Rio de Janeiro, setembro de 2002, p.5-23.; CARNEIRO, M. J. O ideal rurbanizado: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. **Anais**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

⁹WIRTH, Louis. Urbanism as Way of Life. In: **The American Journal of Sociology**. Chicago, v. 44, n. 1, 1938. p. 1-24.

No terceiro capítulo entra em cena nossa última categoria de análise: a memória. Optamos para o último capítulo, por que ela permite olhar para as questões anteriormente levantadas sob a luz de um signo que continuamente emerge como amálgama, unindo as narrativas das fontes orais e documentais: a Usina Santana S/A. Essa indústria exerceu e exerce forte influência sobre o bairro não apenas por que das suas terras o Jardim Europa e o próprio Santana aflorou, mas por ter se fixado permanentemente na memória daqueles que lá moram. Seu papel é reforçado pelas fontes oficiais que a citam como símbolo de progresso. É, portanto, neste capítulo, que nossa narrativa dá vazão às construções memorialísticas sobre a Usina que perpassam o bairro naquilo que poderíamos chamar de memória coletiva ou, como Joël Candau¹⁰ prefere, enquadramentos sociais da memória. Não uma memória que limita a memória individual, mas que se mistura de tal forma que atravessa gerações, desde os mais jovens aos mais velhos. As fontes orais, juntamente com outros documentos escritos encontrados, compõem o arcabouço documental do capítulo. No desenvolver dos capítulos alguns autores vão surgindo, permitindo-nos realizar um diálogo entre a empiria e o arcabouço teórico proposto. Destacamos, dessa forma, os escritos de Bosi¹¹, Candau¹², Godói¹³, Hall¹⁴, Le Goff¹⁵, Pollack¹⁶, Silva¹⁷. Esses autores contribuem de forma significativa, pois nos auxiliam a entender a relação da Usina com o bairro mediada pela atuação dos seus donos – no início do século XX, o industrial Gil Martins e no final do século, os Santiago – agentes que interferem decisivamente não apenas no ordenamento espacial da região, mas também nas memórias e nas identidades da população. Como Candau argumenta, os estudos sobre memória estão quase que indissociavelmente ligados aos estudos sobre as identidades, sendo a memória a base destas. Assim, na medida em que percebemos como a memória do Santana se constrói, percebe-se também um movimento que identifica o bairro aos princípios da rurbanização.

¹⁰CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

¹¹BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

¹²CANDAU, 2011.

¹³GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

¹⁴HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

¹⁵LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

¹⁶POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.; POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

¹⁷SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Dessa forma, buscou-se uma perspectiva pluriocular em nossas análises, tendo em vista que nenhuma leitura das cidades pode ser aceita como definitiva ou superior a inúmeras outras possibilidades que podem surgir¹⁸.

É necessário ainda esclarecer a relação entre o povoado Jardim Europa – que posteriormente recebe o status de loteamento – e o bairro Santana, delimitado a partir do zoneamento urbano da capital em 1994. O Jardim Europa está inserido dentro dos limites territoriais do próprio Santana. No decorrer da pesquisa, muitas vezes nos questionamos por que o bairro teria dois nomes, pois nas fontes apareciam as denominações Jardim Europa e Santana referindo-se ao mesmo espaço. Até que encontramos um mapa onde o Jardim Europa aparece como um loteamento dentro do bairro Santana, sendo este uma localidade bem mais ampla formada por outros loteamentos que surgiram na cercania do Jardim Europa na atualidade. Os mapas, porém, apontam apenas a existência do Jardim Europa dentro do bairro Santana, o que faz com que muitos dados encontrados para o Santana se apliquem na verdade ao Jardim Europa, sendo este a área densamente povoada do bairro. Para os moradores, não existe diferença entre o Jardim Europa e o Santana, sendo esta divisão meramente administrativa, corroborando com Ítalo Calvino¹⁹ ao falar dos espaços que adquirem sua própria conformação alheia à delimitação institucional, são as cidades invisíveis que adquirem um fôlego próprio.

Dessa forma, esta narrativa optou por adotar em perspectiva analítica o nome Santana, pois no bojo da discussão que desenvolveremos, ele permite que construamos uma narrativa o mais coerente possível acerca da região. Enfatizando ainda que é justamente a inserção do Jardim Europa dentro do bairro Santana que permite que tratemos da rurbanização também apontada no título e que poderá ser conhecida de maneira mais aprofundada a partir da leitura do texto. Do ponto de vista da memória, as pessoas que entrevistamos moram no Jardim Europa ou possuem ligação com ele de alguma forma. A escolha dos entrevistados não seguiu uma ordem pré-determinada. Em um primeiro momento, procuramos a Sra. Maria Leice, ex-diretora do CMEI do bairro, pois tivemos o interesse de estudar como aquela instituição chega no bairro como símbolo das ações do poder público por um lado, mas por outro também como lugar de memória na medida em que o CMEI carrega o nome de um dos antigos donos da Usina. Esta entrevistada nos direcionou para os demais, pois como diretora e professora da instituição por cerca de dezesseis anos, ela conhecia bem o bairro e seus

¹⁸ BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

¹⁹ CALVINO, 1990.

moradores. Assim, chegamos à Sra. Adelaide, ao Sr. Antônio Carlos e à Sra. Antônia Rosa que muito contribuíram para o desenvolvimento das discussões deste trabalho. A escolha por estes e não por outros moradores, deve-se à disponibilidade demonstrada para a realização das entrevistas. Outros moradores chegaram a ser contatados, mas não demonstraram o desejo em participar do estudo. Este fato, no entanto, não foi impeditivo para o bom andamento da pesquisa.

Assim como um caminhante, para usar as palavras de Certeau²⁰, olhamos o bairro buscando perceber aquilo que o diferencia, que o torna singular, acreditando que esta pesquisa traz uma importante contribuição para a historiografia teresinense e piauiense na medida em que permite descobrir e perceber uma dentre as múltiplas faces que Teresina possui.

²⁰CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CAPÍTULO I

DA USINA AO JARDIM:

O “SANTANA” DOS ANOS 70 AOS 80

*Na realidade, cabe pensarmos as diferenças expressas na paisagem enquanto manifestações das contradições que estão no cerne do processo de produção do espaço. A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança [...]*¹.

A cidade é um espaço múltiplo que segue seu curso com constantes ressignificações. À medida que vai crescendo surgem novas áreas, algumas em crescimento galopante, enquanto outras vão ficando à margem, como que esquecidas pelos agentes modificadores² da paisagem da cidade. Isso não as torna menos importante, ao contrário, cabe pensarmos tais espaços como flores que ainda não desabrocharam, mas que não estão impedidas de fazê-lo.

A trajetória que marca o desenvolvimento do bairro Santana é assim. Como que uma flor, ele já teve seus momentos do desabrochar, mas também já teve seus momentos de se fechar. Atualmente, ele passa por mais um desses momentos onde começa a abrir-se aos raios de sol dos beneficiamentos que atingem Teresina nos seus espaços mais recônditos. Durante muito tempo ele foi relegado ao esquecimento por parte do poder público municipal. Suas origens, ligadas à Usina Santana S/A, parecem ter sido impedoras de um maior beneficiamento da região, vista não como um bairro onde mora uma população carente de serviços públicos, mas como terras particulares daquele empreendimento.

Por outro lado, temos em vista que o centro das cidades tende a ser um espaço privilegiado para as transformações urbanas empreendidas pelos poderes públicos estadual e

¹ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 36.

² CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

municipal. A esse respeito, Regianny Lima Monte³ destaca como essa prática se tornou presente na cidade de Teresina dos anos 70, quando os governantes locais, impulsionados pelo afã desenvolvimentista dos governos militares, empreenderam práticas de modernização que atingiam apenas o centro da cidade. Nesse sentido, a autora nos diz:

[...] É também no centro onde as transformações do espaço físico se dão de uma forma mais acentuada, sendo este o primeiro espaço a passar por modificações e intervenções ao se pôr em prática uma política de modernização da *urbe*, já que representa o “cartão de visita”. O centro é, portanto, o espaço em que a cidade mais se transforma, modifica sua arquitetura, recria lugares, edifica uma nova paisagem⁴.

Neste sentido, entendemos a ausência de maiores intervenções infraestruturais nas zonas periféricas da cidade como reflexo de práticas que buscavam modernizar o centro de Teresina, pois era este o espaço comercialmente mais interessante além de ser o local visto pelos visitantes e, portanto, interessava para os governantes intervirem. Ao mesmo tempo, a realização das obras aparecia no discurso governamental como uma forma de responder aos anseios de progresso almejados no período. Nesse sentido, Monte afirma:

[...] A euforia nacional-desenvolvimentista refletia em nível local como uma nova oportunidade para que o povo piauiense realizasse seus sonhos de progresso, entendido como a possibilidade de implantação do processo de industrialização que assegurasse o desenvolvimento econômico do estado e possibilitasse a tão almejada modernização na malha urbana da capital⁵.

A autora destaca como a cidade como um todo carecia de melhorias na urbanização, o que também nos remete à situação que pode ser percebida no Santana. Embora por muito tempo estando nesse estado de aparente abandono, percebemos que nas últimas três décadas ele vem ganhando maior expressividade junto aos órgãos do poder público municipal. Leve-se em consideração que a ação dos gestores públicos ocorre não pelo simples anseio da população, mas como uma contingência do aumento populacional. Sua população cresceu, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pois no ano de 1996 a população era de 2.996 e após 2000 esse número subiu para 3.712, obrigando os gestores públicos a atuarem no local. De modo que a representatividade desse núcleo populacional

³ MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

⁴ MONTE, 2010, p. 94-5.

⁵ MONTE, 2010, p. 88.

parece ter aprendido a fazer-se ouvir na busca de melhorias no espaço onde habitam. Espaço esse que não é apenas material, mas também sentimental, pois as pessoas tendem a se ligar ao lugar de suas moradas, guardando um elo afetivo que os estimula a querer ver mudanças positivas ao seu redor.

Nesse sentido, temos percebido que aos poucos a região vem acompanhando o compasso de sua cidade, Teresina. Cada vez mais os beneficiamentos públicos de ordem municipal se fazem presentes, tais como: creche, escola, campo de futebol, posto de saúde. Na perspectiva de Aldo Rossi⁶, “[...] a cidade, como coisa humana por excelência, é constituída por sua arquitetura e todas aquelas obras que constituem seu modo real de transformação da natureza”⁷. Assim, essas estruturas devem ser compreendidas não apenas em uma perspectiva material, mas, sobretudo, devem ser entendidas como construções humanas que têm muito a contar sobre o passado do bairro. Tais estruturas fazem mudar a paisagem da região, ainda muito contida dentro dos limites rurais que a cercam, não mudando apenas a paisagem, mas também os modos de viver de seus moradores.

Uma vista aérea do bairro revela que ele apresenta uma pequena ilha – o loteamento Jardim Europa, equipada com um aparato urbanizado em um meio caracteristicamente rural. Nesse sentido compartilhamos de alguns dos argumentos de Ângela Maria Endlich⁸ para conceituar o rural, ao afirmar que:

[...] o rural deve ser compreendido como uma questão territorial, porque, o uso de solo e as atividades da população residente no campo não se limitam mais somente à agricultura, mas se vinculam a várias atividades terciárias. Assim, o desenvolvimento rural é considerado como um conceito espacial e multissetorial. A proposta é que se compreenda como rural o território não urbano, neste caso, como o que não é da cidade⁹.

Tal conceituação se encaixa com o que podemos visualizar na paisagem do bairro. Embora o Santana esteja dentro dos limites legais do que a prefeitura chama atualmente de rural, ele guarda consigo características bastante marcantes do meio urbano. Visto não apenas do ponto de vista das atividades primárias, mas como um espaço que permanece em constante relação com o urbano. Desse modo, o Santana vai se diferenciando de outros espaços da cidade, constituindo-se como uma ilha e um ponto de passagem entre as duas macro-zonas de

⁶ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁷ROSSI, 2001, p. 25.

⁸ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 11-32.

⁹ENDLICH, 2010, p. 17.

Teresina – a rural e a urbana. A definição da autora parece corroborar com um estado geral que se encontra na literatura pertinente, de que essas categorias – o rural e o urbano, não mais podem ser pensadas como um binômio antagônico e que não se misturam, mas sobretudo integrado em uma rede de relações econômicas, sociais e históricas.

Para Raquel Rolnik¹⁰, a cidade é o resultado do esforço conjunto de homens e mulheres. Uma obra magnífica que vem constantemente sendo alterada, reelaborada no tempo, atendendo às novas necessidades que vão aparecendo. A cidade e seus bairros são ao mesmo tempo filhos e reféns de quem os cria, sujeitos a qualquer mudança de necessidade. É pensando nisso que a autora afirma que “[...] a arquitetura da cidade é ao mesmo tempo continente e registro da vida social [...]. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases”¹¹. Os bairros dessa cidade ajudam a formar esse alfabeto, a montar e desmontar palavras e frases. O bairro Santana, portanto, é uma dentre as inúmeras letras que compõem o alfabeto chamado TERESINA, mas uma letra que tem muito a nos contar.

Seguindo nessa mesma direção, Rossi nos apresenta um ponto de vista mais alargado sobre os entendimentos acerca da cidade, compreendendo-a como esse conglomerado de fatos urbanos que têm muito a contar sobre o passado da cidade. Partindo da ideia de que o método histórico seria o melhor para analisar a cidade, o autor afirma que:

A cidade e região, a terra agrícola e os bosques tornam-se coisa humana porque são um imenso depósito de fadigas, são obras das nossas mãos; mas, enquanto pátria artificial e coisa construída, também são testemunhos de valores, são permanência e memória¹².

Como testemunhos das mudanças que a sociedade percorre, os espaços da cidade aparecem como expressões da relação entre as permanências e rupturas, permitindo que se perceba a cidade em sua configuração histórica. Nesse sentido, os estudos que desenvolvemos sobre o Santana não deixam de perceber as mudanças na paisagem como reflexos das mudanças de comportamento das pessoas que o habitam, na medida em que esse novos padrões de viver interferem de maneira decisiva no modo como os espaços de convivência são cotidianamente (re)construídos.

¹⁰ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹¹ROLNIK, 2004, p. 17.

¹²ROSSI, 2001, p. 22.

Essa forma de pensar converge com os estudos de Ana Fani Alessandri Carlos¹³, pois a autora percebe a paisagem urbana em uma perspectiva que vai além das formas, afirmando que:

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma¹⁴.

Concordando com os posicionamentos de Carlos, percebe-se como a mudança na paisagem do Santana deve ser compreendida sob um enfoque processual, e como tal dinâmico. Desse modo, buscando construir uma narrativa que permita um entendimento da região, esta seção foi pensada para narrar o processo de (re)organização espacial do bairro ocorrido na passagem dos anos 70 aos 80 – período em que o Santana ainda é fortemente ligado à materialidade da conjuntura de trabalho e das relações sócioespaciais ditadas pela Usina Santana S/A como mostraremos a seguir. É nesse processo de (re)organização que aparece o loteamento Jardim Europa que se confunde com o próprio Santana, seja na documentação oficial ou mesmo nas fontes orais, sendo necessário que elucidemos como se dá essa relação, ao mesmo tempo em que procuramos situar o bairro dentro da conjuntura de desenvolvimento que a cidade de Teresina passava no período.

1.1 (Re) Organizando o Jardim: a Usina Santana como eixo de mudanças espaciais

A pesquisa sobre o passado do Santana foi se mostrando cada vez mais empolgante, pois fez com que nos utilizássemos uma diversidade de fontes que tangenciam nosso objeto e que muitas vezes torna o trabalho bem complexo; além do fato de sabermos que estamos estudando um objeto que até então passou despercebido aos olhos da pesquisa acadêmica.

Diferente dos historiadores do século XIX, ditos positivistas, que buscavam narrar os fatos como acreditavam ter acontecido a partir de um objeto dado e que se negavam a utilizar outras fontes senão as escritas e expedidas pelos órgãos oficiais¹⁵, nosso trabalho se

¹³CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

¹⁴CARLOS, 2008, p. 36.

¹⁵REIS, José Carlos. **A História, entre a filosofia e a ciência**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

fundamenta pela associação das fontes escritas às orais. Empregando, portanto, uma metodologia de trabalho muito influenciada pelas mudanças pelas quais a História passou e têm passado nas últimas décadas do século XX e o continua a fazer, preocupando-se em dar visibilidade àquilo que é visto como comum, que durante muito tempo foi marginalizado pela disciplina¹⁶.

Entendemos e percebemos que o processo de urbanização do Santana não acontece na velocidade em que a população deseja, nem tampouco no mesmo ritmo que outras áreas urbanizadas da capital ou que passaram por esse processo no mesmo período em que estudamos. O bairro está inserido no chamado “Grande Dirceu” e, embora date do início do século XX – ao menos como povoado, tendo em vista que outros bairros residenciais mais novos apresentam um aparato urbanístico melhor equipado para atendimento à população, ele ainda carece de cuidados.

Assim como o Santana, a região do “Grande Dirceu” é um espaço social e historicamente repleto de preconceitos e exclusões. Segundo Monte¹⁷, o Dirceu foi

Construído para abrigar uma população de baixa renda, [...] contava com alguns serviços regulares como abastecimento d’água e energia elétrica, entretanto os maiores problemas estavam ligados ao processo de deslocamento da população, tendo em vista que o bairro dista nove quilômetros do centro da cidade, e as vias de acesso eram ainda muito precárias, onerando ainda mais uma população que já vivia de poucos recursos¹⁸.

A criação do Dirceu, no final da década de 1970, está inserida no plano de ampliação de uma série de políticas públicas que tinham como objetivo reduzir o déficit populacional de Teresina, ao mesmo tempo em que empurrava para mais longe os pobres que moravam na zona leste, na atual região ocupada pelos bairros São Cristóvão e São João, dando continuidade a um processo de elitização daquela zona que perdura desde então¹⁹. Nesse mesmo período teremos mudanças significativas na organização espacial do Santana, embora ele permanecesse distante social e espacialmente da malha urbana contínua de Teresina, foco dos olhares da ação pública.

¹⁶BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

¹⁷MONTE, 2010.

¹⁸MONTE, 2010, p 71.

¹⁹ARAUJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e estradas:** a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980). 128 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

Diante desse distanciamento, nosso olhar para o bairro permite que o percebamos como um espaço socialmente cheio de significados, construído cotidianamente pelas pessoas que o habitam e que, nas palavras de Pierre Mayol²⁰,

[...] surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele *a pé saindo de sua casa*. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma *caminhada*, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência²¹.

Dessa forma, caminhando pelas ruas e pelo passado do Santana percebemos que o seu processo de urbanização passa por algumas etapas e que não se conclui no recorte temporal analisado, sendo possível identificar dois momentos: primeiro, a mudança de prédio da Usina e o reordenamento espacial da população; segundo, a chegada da atuação do poder público municipal na região de maneira significativa a partir da segunda metade da década de 1990, adentrando os anos 2000. Privilegiamos, a partir deste ponto, a situação do bairro na passagem dos anos 70 aos 80.

A história do Santana está ligada à instalação da Usina Santana S/A. Esse empreendimento ocupou dois prédios diferentes durante os anos de sua existência e em torno desses foram se formando habitações ocupadas pelos seus trabalhadores, determinando decisivamente na organização espacial do local e no modo como as pessoas viviam. Quando da instalação do primeiro prédio da Usina²² em 1906²³, houve uma necessidade de dar condições de moradia para os seus trabalhadores. O proprietário Gil Martins dava a cada um seu pedaço de terra, onde lá poderia habitar. Ressalte-se que esse fato não se constitui enquanto doação, pois a necessária formalização contratual das doações não ocorria. Dessa forma, os laços que os trabalhadores mantinham com a Usina pela relação de assalariamento se estendia ao espaço de suas habitações. Uma vez que o trabalhador fosse demitido ou decidisse deixar de trabalhar no empreendimento, ele deveria deixar o bairro ficando aquela residência para ser ocupada por outra pessoa que viesse a substituí-lo. Isso fica evidente quando analisamos o processo de (re) organização espacial do bairro, pois os moradores foram deslocados de um espaço para outro conforme a conveniência dos donos do

²⁰ MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.p. 35-185.

²¹ MAYOL, 1996, p. 41, grifo do autor.

²² A partir deste ponto, passamos a nos referir a Usina Santana apenas como Usina.

²³ BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – PMT, 1994.

empreendimento. Caso a doação tivesse sido formalizada, os moradores dificilmente teriam aceitado passivamente tal imposição. Temos em mente que as pessoas se ligam afetivamente com os espaços que ocupam, assim a mudança de um lado para outro implicaria no rompimento desses laços.

Ao passo que a Usina foi instalada, dá-se a constituição do povoado Usina Santana – uma aglomeração residencial existente nos entornos da Usina. Essa necessidade dos moradores de se instalarem nas proximidades do prédio surge por conta de sua localização, dentro do contexto do desenvolvimento urbanístico da capital naquele período, pois este se limitava ao espaço ocupado entre os rios Poti e Parnaíba, impossibilitando o fluxo diário dos trabalhadores entre uma possível moradia na área urbana da cidade e seu local de trabalho na zona rural.

Além disso, essa situação ainda pode ser compreendida como reflexo de uma estratégia empresarial privada, uma vez que a estreita relação entre distância e local de trabalho cria um vínculo de fidelidade sólido na convivência empregado – empregador, denotando a complexidade das relações ali estabelecidas. O mapa na página seguinte mostra a transformação que resultou na ampliação da configuração espacial da região metropolitana de Teresina.

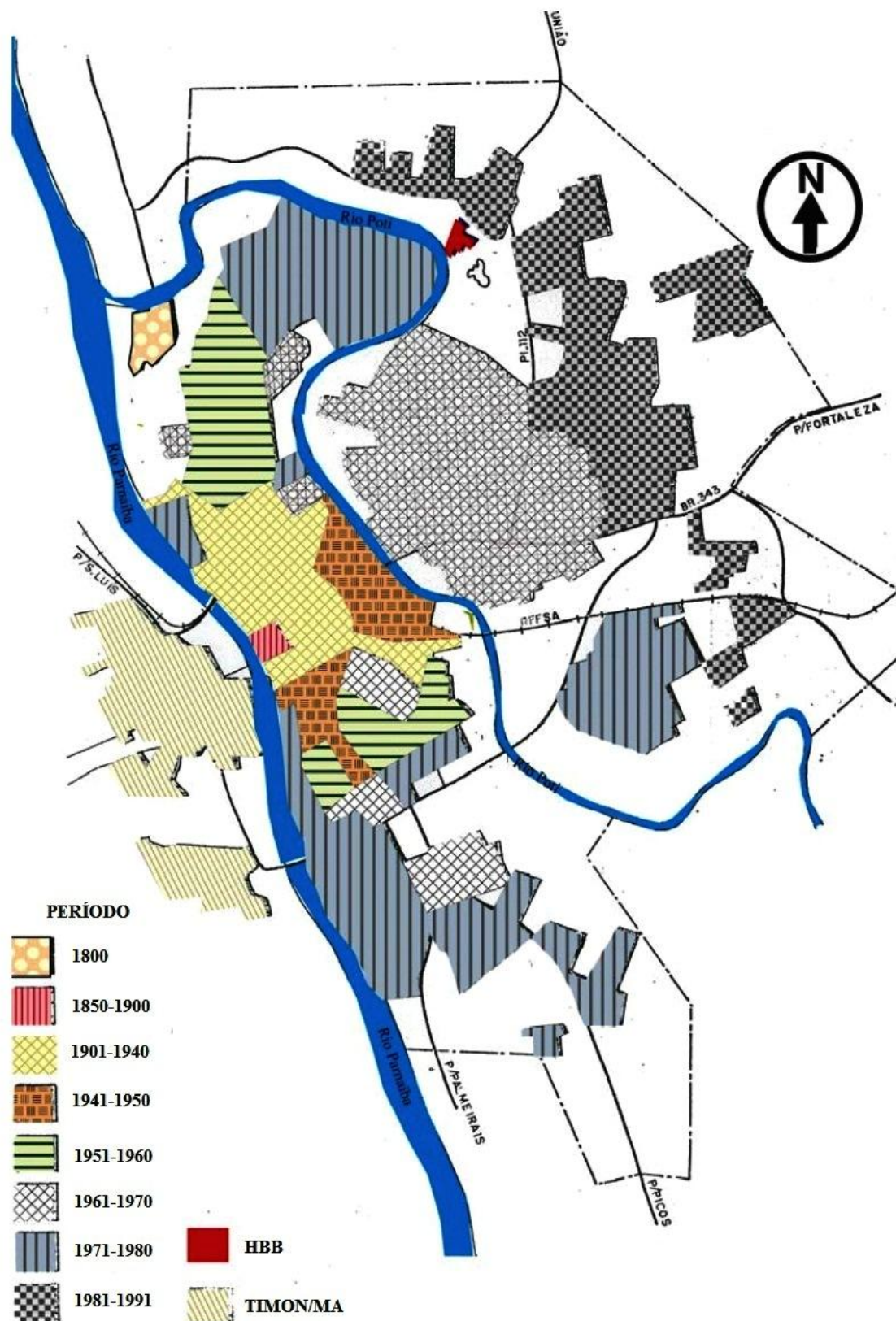


FIGURA 1: Evolução do Perímetro Urbano de Teresina.
 FONTE: Adaptado de LOPES, 2011²⁴.

²⁴LOPES, Wilza Gomes Reis et. al. A Paisagem Urbana e o Sistema de Espaços Livres da Cidade de Teresina, Piauí. *Anais. VI Colóquio da Pesquisa QUAPA-SEL*, 2011, São Paulo, 2011. v. 1. p. 1-15.

Como pode ser percebido, Teresina ainda era pouco desenvolvida quanto a equipamentos urbanos quando comparamos a malha urbana da cidade no momento da implantação da Usina àquela apontada pelo mapa entre os anos de 1971 e 1980, não contando sequer com uma rede permanente de transporte público urbano²⁵, que dirá rural. Notemos que o mapa mostra que até a década de 1950 o crescimento da cidade se dá no espaço entre os rios Parnaíba e Poti. O desenvolvimento da cidade ainda não havia se imposto para além de suas margens fluviais. Essa perspectiva também é levantada por Cristina Cunha de Araújo²⁶ ao afirmar que a cidade estava “modificando assim seus limites geográficos, o que pode ser verificado com maior dimensão nas zonas Norte e Sul”²⁷, só começando a atravessar os limites do rio Poti a partir dos anos 60. Do rio Poti até se chegar a Usina é necessário que se percorra cerca de 14 a 16 km, ficando claro que sua instalação se deu em um espaço eminentemente rural. Dessa forma, aqueles que decidissem trabalhar na produção de açúcar teriam que se deslocar de maneira quase que permanente para os seus entornos.

Seguindo na direção leste do mapa, vamos encontrar os caminhos que levam à Usina e aos povoados que vão surgir por conta de sua atuação, em um meio efetivamente rural e distante do centro comercial e administrativo da cidade. Desse modo, o mapa acima reforça ainda mais nosso argumento da compulsoriedade dos trabalhadores da Usina virem a morar nos seus arredores por conta de sua localização, não existindo ainda transportes públicos que permitissem as idas e vindas cotidianas daquele local de trabalho até o centro da cidade. Segundo Araújo e corroborado pelo mapa, somente no final da década de 1960 “o traçado inicial da cidade, elaborado por Antônio Saraiva, começa a ser rompido, e as novas zonas começam a surgir”²⁸, pois como pode ser percebido pela imagem acima, o crescimento de Teresina ainda se limitava ao sentido norte-sul, acompanhando as margens dos rios Poti e Parnaíba.

O uso das imagens pelo historiador pode tornar sua narrativa mais coerente, pois estas possibilitam que nosso olhar seja alargado. Assim, retomamos o posicionamento de Peter Burke²⁹ sobre a necessidade e a possibilidade dos usos das imagens quando afirma que:

Independentemente de sua qualidade estética, qualquer imagem pode servir como evidência histórica. Mapas, pratos decorados, ex-votos, manequins e

²⁵NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

²⁶ARAÚJO, 2009.

²⁷ ARAÚJO, 2009, p. 46.

²⁸ ARAÚJO, 2009, p. 17.

²⁹BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

os soldados de cerâmica enterrados nas tumbas dos primeiros imperadores chineses têm todos alguma coisa a dizer aos estudantes de história³⁰.

Utilizamos mapas distintos ao longo desta escrita no auxílio das discussões sobre a história do Santana, permitindo que o integremos nas tramas da cidade. Como um espaço dentro da cidade, a discussão em torno deste bairro não pode se desvincular daquilo que era proposto para a cidade no período analisado. Pensando nisso, utilizamos mapas já trabalhados por outros autores, melhorando o quanto possível a qualidade das imagens para que sua visualização cumpra os objetivos necessários tendo em vista que não dispomos dos originais.

Araújo também utilizou de imagens em sua narrativa, pois também as percebe como fontes importantes para a discussão da história da cidade de Teresina. No período analisado pela autora, ganha destaque a construção da ponte Juscelino Kubitschek que foi determinante para permitir que o crescimento urbano de Teresina se intensificasse no sentido leste, permitindo que se ligasse aquele espaço ao centro da cidade. A autora ainda diz que:

[...] Atréadas à ponte outras construções da zona Leste tornaram-se possíveis a começar pela BR-343, que teve seu acesso concluído, e a avenida Frei Serafim. Outro ponto relevante foi o surgimento de bairros na região que até então era denominada de zona do Jockey Clube, onde já existia o bairro de Fátima, que aglomerava uma quantidade significativa de moradores³¹.

A influência que os melhoramentos urbanísticos exercem no espaço da cidade, ao aproximar pessoas em lugares antes não ocupados e ligando aqueles isolados anteriormente. A ponte, como aponta Araújo, não apenas viabilizou um acesso mais fácil ao centro da cidade, como também serviu de impulso para outros investimentos.

No final da década de 1960, provavelmente em 1969³², após o estouro de uma caldeira, as instalações da Usina ficaram danificadas o que levou seu dono a transferi-las para outro local por volta de 1970-1971, desta vez dois quilômetros mais próximos da área urbana de Teresina naquele ano, que estava começando a ultrapassar o rio Poti no sentido leste da cidade. Com tal mudança de prédio, também irão mudar as pessoas. Nesse processo, vê-se o nascimento do Povoado Jardim Europa que mais tarde passará a ser chamado de Loteamento Jardim Europa e que como demonstraremos no capítulo seguinte é tratado pelas pessoas como

³⁰ BURKE, 2004, p. 21-2.

³¹ ARAÚJO, 2009, p. 38.

³² CAMPOS, Antônio Carlos de Sousa. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 19 set. 2010.

sendo o próprio Santana, bem como também o é pelo poder público municipal que ora trata o Jardim Europa como Santana ora o trata como um ente que é interior ao Santana.

A mudança de prédio e a posterior mudança dos moradores está de acordo com o que nos é apresentado por Roberto Lobato Corrêa, segundo o qual:

Os grandes proprietários industriais e das grandes empresas comerciais são, em razão da dimensão de suas atividades, grandes consumidores de espaço. [...] A terra urbana tem assim, em princípio, um duplo papel: o de suporte físico e o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades³³.

A instalação da Usina naquela área da cidade não deve ter sido uma escolha sem fundamento. Considerando o tipo de atividade exercida pela Usina, ela não poderia ter sido instalada no centro da malha urbana de Teresina, e sim em um local que atendesse bem às suas necessidades, em razão da área que necessitaria para produção da cana-de-açúcar bem como para a instalação da morada dos funcionários, emitindo ressonâncias na maneira como os trabalhadores da Usina passaram a ocupar as proximidades da empresa, estabelecendo uma estreita relação com a Usina e a ocupação dessa região pela população. De maneira que entendemos que os requisitos locacionais, mencionados por Corrêa, deveriam estar ajustados tanto à produção da Usina como à moradia dos trabalhadores. Encontramos o *Cadastro Industrial do Estado do Piauí*³⁴, datado de 1971, onde consta que a Usina possuía o seguinte perfil:

USINA SANTANA S/A. Povoado Santana. Capital Social: Cr\$ 860.000,00. N.º de empregados diretos: 72. Área Coberta: 4.000 m². Faturamento Anual: Cr\$ 1.374.000,00. Linha de Produção: Açúcar e Álcool. Potência Instalada: 1.500 HP. [...] Produto: Açúcar refinado³⁵.

Notemos que o documento aponta uma definição diferente para o produto comercializado pela Usina, ora apontando que ela produz açúcar e álcool, ora apresentando que ela produzia açúcar refinado. Isso talvez se dê por que desde a década de 1930³⁶ a Usina já tinha instalações para a produção de álcool motor, embora no ano de 1971 ela estivesse desativada. Argumentamos, então, que o dado correto seja o referente à produção de açúcar

³³CORRÊA, 2002, p. 13.

³⁴PIAUI. **Cadastro Industrial do Piauí**. Teresina: Fomento Industrial do Piauí S/A (FOMINPI) – Núcleo de Assistência Industrial, 1971.

³⁵PIAUI, 1971, p. 60, 127.

³⁶BASTOS, 1994.

refinado, pois alguns anos depois os donos da Usina solicitam apoio para a produção do álcool no Piauí, mais especificamente em Teresina, como segue:

A Usina Santana encaminhou ao Instituto do Açúcar e do Alcool, no Rio de Janeiro, documento examinando a possibilidade de instalação de uma usina para produção do álcool anidro nesta capital, utilizando a cana-de-açúcar como matéria-prima, ao invés de mandioca, como a que poderá vir a ser instalada no município de Uruçuí. Vários produtores de cana de Teresina assinaram o documento, porque entendem ser a usina elemento necessário ao estímulo da produção de cana na região³⁷.

Dessa forma, percebemos que a Usina Santana exercia posição de liderança entre os produtores locais por ser simultaneamente plantadora e consumidora da cana e do açúcar, respectivamente. Nas cercanias do povoado Usina Santana, grandes eram as plantações que estavam sob sua guarda, bem como em seu redor sendo cultivada na vizinhança cujos donos aproveitavam suas terras para o cultivo da cana – negócio até certo ponto bem lucrativo, sobretudo por conta dos custos logísticos serem mínimos, pois o gasto com o transporte – elemento que incide de maneira mais pesada no cálculo dos custos – era mínimo devido a proximidade com sua principal consumidora: a Usina.

Quando questionada sobre a origem da cana que era utilizada, a Sra. Adelaide de Sousa Campos³⁸ informa que ela “trazia de fora, minino. Era muita cana. Os de fora ajudava a daqui. Aqui tinha muita cana demais. Aqui tudo era brejo, tudo era brejo”³⁹ – informação que é ratificada pelo Sr. Antônio Carlos de Sousa Campos⁴⁰ ao dizer que:

Trazia de fora. Tinha os fornecedor ói. Tinha os fornecedor: Chaguinha [...], comandante Ribamar (dono do São Félix), é... Ari Botelho, Ari Botelho (dono do Ritiro, [...]) fornecedor também, seu Oitin, velho Hermino, velho Hermino que é o pai do Francisco, Valter Bastos, velho Tunico é... Por que daqui até o município de Castelo, tudo ela comprava cana⁴¹.

Diante desse quadro, a dedicação da Usina em encabeçar o movimento pela implantação da produção do álcool na capital, portanto, não aparece sem sólidas justificativas; seguindo a dinâmica de crescimento do Estado, imposta, sobretudo, pela construção civil tendo em vista que no início da década de 1970, o então governador Alberto Tavares Silva

³⁷USINA Santana quer produção de alcool no Pi. **O Dia**, Teresina, p. 1, 30 jul. 1976.

³⁸CAMPOS, Adelaide de Sousa. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 19 set. 2010.

³⁹CAMPOS, 2010.

⁴⁰CAMPOS, Antônio Carlos de Sousa. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 19 set. 2010.

⁴¹CAMPOS, 2010.

realizara muitas obras, elegendo Teresina como seu principal palco de atuação, reforçando por meio destas o discurso desenvolvimentista muito comum dos governos da Ditadura Militar no Brasil. É acompanhando esse direcionamento que Cláudia Cristina da Silva Fontineles⁴² chega a afirmar que “a cidade de Teresina contém a sua história e muito da história do Piauí, pois foi escolhida como a principal vitrine das ações governamentais nos dois mandatos de Alberto Tavares Silva”⁴³.

No jornal O Dia, encontramos uma imagem da Usina saudando o Presidente Ernesto Geisel que estava em visita ao Piauí, como mostramos abaixo.

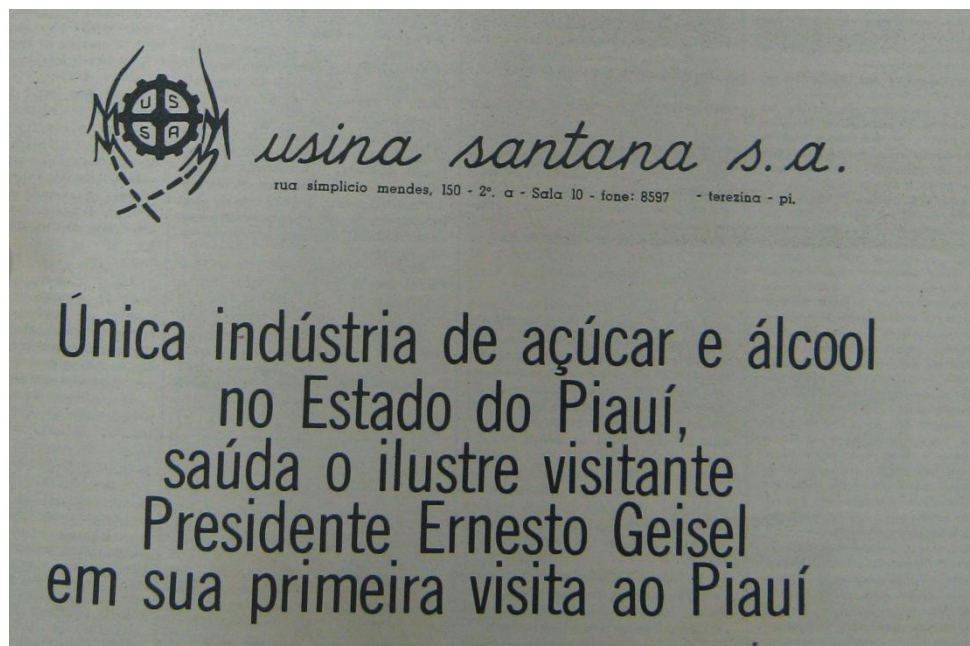


FIGURA 2: Usina Santana saúda o Presidente Ernesto Geisel.
FONTE: Jornal O Dia⁴⁴.

A imagem acima não só informa que a Usina saúda o Presidente da República por sua visita ao Estado, mas também nos conta como o empreendimento utiliza-se do fato de ser o único produtor de açúcar e álcool no Estado como reforçador de sua importância para a sociedade piauiense sendo digno de render saudações ao Presidente por meio de um periódico impresso. Dessa forma, reforçamos o nosso argumento de que o fato da Usina possuir instalações para a produção de álcool teve força significativa na disputa por verbas com o interior do Estado no ano seguinte.

⁴²FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva Fontineles. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí.** 374 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2009.

⁴³FONTINELES, 2009, p. 138-9.

⁴⁴USINA Santana S.A. **O Dia**, Teresina, p. 9, 6 fev. 1975.

A busca de verbas para financiar o aumento de sua produção era uma prática que a Usina utilizava desde o início da década de 1970. Em 1972, quando a empresa teve como diretores os industriais Aluisio Costa Raimundo Paixão, buscou-se o financiamento do Banco do Brasil (BB) por meio de sua carteira agrícola. Na imagem abaixo, podemos ver os dois industriais sentados à mesa do lado esquerdo da fotografia e o Gerente do BB, o Sr. Odin Gomes dos Reis.



FIGURA 3: Assinatura de Contrato de Crédito com o Banco do Brasil
 FONTE: Jornal O Dia⁴⁵.

Sobre esse momento o jornal informa que o Banco do Brasil estava financiando desde grandes a pequenos empreendimentos, o que nos faz lembrar das palavras de Monte⁴⁶, pois a autora destaca que na década de 1970 havia muitos discursos que chamavam a atenção para a necessidade de industrializar o Piauí. Desse modo, essa notícia também cumpria aos objetivos governamentais como que dando uma resposta a estes anseios industriais se tivermos em mente que a imprensa durante a Ditadura Militar sofria censura, bem como tal matéria jornalística pode ter sido construída por partidários do regime que almejavam a sua legitimação procurando transmitir para a sociedade a idéia de que o regime agia em favor dos

⁴⁵BANCO do Brasil destinou recursos a Usina Santana. **O Dia**, Teresina, p. 5, 4 jan. 1972.

⁴⁶MONTE, 2010.

diversos segmentos da sociedade. Assim, como historiadores precisamos questionar o que os jornais nos dizem. Sobre o financiamento para a Usina, o jornal segue contando que a “A Agência local do Banco do Brasil e a Usina Santana S. A. assinaram contrato de financiamento, destinando o BB recursos na ordem de 750 mil cruzeiros para melhorar e aumentar a produção açucareira da Usina, para o ano de 1972”⁴⁷.

Avançando em nosso recorte temporal, percebemos que no contexto pós-governo de Alberto Silva a Usina buscará seu fortalecimento pela diversificação de sua produção, podendo, assim, atingir outro mercado consumidor aumentando sua rentabilidade e capacidade produtiva. A busca do apoio do governo do Estado e sua possível concordância para ajudar poderia contribuir, dentre outros resultados, para a imagem de que Teresina não interrompera seu crescimento, mesmo após a mudança de governo com a saída de Alberto Silva. Fontineles afirma que Alberto Silva insistentemente se mantém vivo na memória da cidade por seu espírito empreendedor, sendo recorrentes as comparações entre o governo de seu sucessor Dirceu Mendes Arcoverde e o seu próprio. Para a autora, Teresina “tornou-se o palco privilegiado dos sonhos e desejos, mas também dos embates em relação aos caminhos trilhados pelo Piauí, sendo considerada a locomotiva do progresso que conduziria o Estado rumo à modernidade”⁴⁸.

Esse discurso de progresso e desenvolvimento é recorrente no período da Ditadura Militar (1964-1985), principalmente por que os governos militares ansiavam por colocar o Brasil na onda do desenvolvimento mundial, como se por meio disso fosse possível justificar a permanência de um estado autoritário e cerceador das liberdades. Nesse sentido, Araújo aponta a necessidade de “fabricar a imagem de um país que procurava se inserir no cenário econômico mundial, o que demandava tornar-se moderno, apto para fazer parte daquele cenário”⁴⁹. Imagem fabricada, maquiada, sobretudo por que desejava esconder o regime de terror que havia se instaurado. Dessa forma, esse projeto de modernização que se queria tomará diversas formas, dentre elas a de investimento na habitação, projetando as ações do governo para os que tinham pouco acesso à renda. Assim,

[...] Tal projeto foi materializado nas obras de construção de conjuntos habitacionais destinados às classes com renda mensal de um a dois salários mínimos, sendo a formalização desse plano sustentado com a criação de órgãos governamentais em nível federal, como o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo –

⁴⁷BANCO do Brasil destinou recursos a Usina Santana. **O Dia**. Teresina, p. 5, 4 jan. 1972.

⁴⁸FONTINELES, 2009, p. 141.

⁴⁹ARAÚJO, 2009, p. 16.

SERFHAU; em nível estadual surgiram as Companhias de Habitação – COHAB⁵⁰.

No entanto, os órgãos citados, segundo a autora, não conseguiram eficiência na execução de seus planos, sobretudo por que faltava integração entre suas ações. Por outro lado, os municípios brasileiros acabaram por criar planos de desenvolvimento próprios e muitas vezes também desarticulados com os projetos nacionais.

Em Teresina, o reflexo dessa política governamental vai fazer surgir o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI)⁵¹. Sobre esse plano, cujo objetivo era o desenvolvimento urbano da capital, Nascimento⁵² afirma que “especialistas o avaliaram como inadequado à realidade local, mas com ele surgiu a primeira lei de zoneamento da cidade, que não foi aplicada, exceto alguns projetos de infraestrutura urbana com pequeno implemento do padrão de vida na cidade”⁵³. A não aplicação do PDLI deve ter ocorrido, dentre outros motivos, pela falta de articulação com os órgãos em nível federal e estadual. Essa articulação seria fundamental para a viabilização da execução plano, o que acabou não acontecendo, permitindo que a cidade crescesse sem um instrumento que delimitasse as intervenções no espaço urbano.

Pensando nas diversas intervenções que Teresina passará, em especial, no período compreendido pela Ditadura Militar, Araújo ainda diz:

Em Teresina, os diferentes administradores que se sucederam entre os anos 1960 e 1970 colocaram em prática seus diferentes projetos, [...] desse modo a forma que o espaço urbano de Teresina vai tomando confirma essas diferentes intervenções. Isso se refletiu no cotidiano dos moradores da cidade, que também a seu modo, vão participando das mesmas ou modificando de acordo com suas necessidades⁵⁴.

Esses diferentes projetos por vezes, serviam como forma de inscrever na história do Piauí e da cidade, o nome de políticos e suas ações, deixando marcas profundas na

⁵⁰ARAÚJO, 2009, p. 16.

⁵¹OLIVEIRA, Newton (Coord.). **Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina**. Teresina: COPLAN S/A, 1969.

⁵²NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Revista Brasileira de História**. n. 53, v. 27, São Paulo, p. 195-214.

⁵³NASCIMENTO, p. 206-7.

⁵⁴ARAÚJO, 2009, p. 41-2.

organização do espaço de Teresina. Exemplo disso foram os governos de Alberto Tavares Silva, mantidos entre o recinto do elogio e da crítica⁵⁵.

Independe dessas intervenções, os gestores públicos municipais de Teresina não vão deixar de buscar meios para alcançar o desenvolvimento tão propagado pelos discursos políticos, mesmo que para isso fosse necessário disputar verbas com o interior do Estado. Assim, retomando a discussão sobre a instalação da produção de álcool na Usina, notamos que nas entrelinhas do discurso de modernização que permanece presente na cidade nos anos 70⁵⁶, estava ali inserido o interesse no deslocamento de verbas que provavelmente seriam aplicadas no sul do Estado, para aplicação na capital. A presença da capital no norte do Piauí, desde a sua transferência da cidade de Oeiras para a Vila do Poti, redirecionou paulatinamente a aplicação de verbas no Estado para a região norte⁵⁷. Mais uma vez, percebemos uma intencionalidade neste sentido, à medida que a reportagem citada anteriormente mostra o favorecimento dos produtores de cana da capital em detrimento dos interesses dos produtores de mandioca em Uruçuí, no sul do Piauí.

Ao mesmo tempo em que os produtores de cana lutavam em busca da conquista desse benefício, esperavam por ajuda para salvar sua plantação que sofria com a falta de chuvas que assolava a capital naquele momento. A continuação da reportagem que citamos páginas atrás pouco também retrata essa problemática, mostrando o estado de ansiedade em que se encontravam os produtores:

[...] os produtores esperam, com ansiedade, segundo disse o sr. Absail Leôncio, pelo secretário de Agricultura do Estado, agrônomo Odair Soares, que se encontra em Recife, participando de reunião da Sudene, e a procura de ajuda para salvar as plantações de cana na zona rural da capital. O superintendente da Sudene, José Lins de Albuquerque, já foi informado da crítica situação que atravessa os plantadores de cana do Piauí. Até o momento, a unicapossível salvação das plantações, é o bombardeamento das nuvens de Teresina, provocando a chuva artificial⁵⁸.

A continuidade da leitura da reportagem, sugeriu-nos, inicialmente, uma contradição entre a Usina e os produtores de açúcar da capital. Se a plantação estava com dificuldades de sobrevivência, como sua produção poderia abastecer a produção de álcool anidro? Não deveria ser a salvação da plantação a sua principal preocupação e não a produção de álcool no estado? A conclusão a que chegamos é que a solicitação de autorização para a produção de

⁵⁵FONTINELES, 2009.

⁵⁶FONTINELES, 2009; MONTE, 2010.

⁵⁷GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba – Cidades-beira (1850-1950)**. Teresina: EDUFPI, 2010.

⁵⁸PIAUI pede usina de alcool para utilizar a cana. **O Dia**, Teresina, p. 3, 30 jul. 1976.

álcool na capital e a consequente transferência de verbas para Teresina e não para Uruçuí, poderia salvar a produção fazendo-se os investimentos necessários, além de ampliar a produção para que se desse conta do novo elemento produtivo que se pretendia inserir: o álcool.

Poucos anos depois dessa disputa por investimentos, veremos nascer próximo à Usina um novo povoado. O *Perfil da Zona Rural de Teresina*⁵⁹ nos traz informações significativas sobre o início da formação desta localidade, contando muito da cidade. Se referindo a um período de quase duas décadas anterior à sua publicação, o documento informa que “O povoado originou-se do Povoado Usina Santana. É um loteamento residencial popular, com características urbanas. [...]”⁶⁰. Aqui destacamos como o autor dá ênfase ao fato de que o Jardim Europa originou-se do povoado Usina Santana, o que nos faz perceber não só a íntima relação entre os povoados, mas também o processo migratório que aconteceu de um povoado a outro. O Jardim Europa nasce nos entornos do novo prédio da Usina, mudando não apenas o local onde o açúcar passa a ser produzido, mas também o local de morada dos trabalhadores. Esse fato reforça a ideia de que a Usina exercia influência sobre essas pessoas estendendo as relações de trabalho ao espaço do privado que é a intimidade, a casa.

Para entender melhor esse processo, fizemos uso de maneira significativa da metodologia da história oral para fundamentar esta argumentação. Destacamos o termo processo, pois a mudança dos moradores não aconteceu em um “estalar de dedos”, mas foi uma transformação ao longo dos anos 70 e 80. Ainda tratando dessa opção metodológica, concordamos com Gwyn Prins quando afirma que:

[...] A questão é que o relacionamento entre as fontes escritas e orais não é aquele da prima-dona e de sua substituta: quando a escrita falha, a tradição sobe ao palco. Isso está errado. As fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem⁶¹.

Concordamos com Prins, pois não consideramos que a fonte oral, construída a partir das entrevistas realizadas, seja apenas uma fonte auxiliar, complementar à fonte escrita. Entendemos que assim como a fonte escrita, a fonte oral pode fazer surgir novas possibilidades de olhar nosso objeto de análise, como o tem feito e transformado este trabalho.

⁵⁹TERESINA. *Perfil da Zona Rural de Teresina*. Teresina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 1995.

⁶⁰TERESINA, 1995, p. 48.

⁶¹PRINS, 1992, p. 6.

Sobre as múltiplas possibilidades que a história oral pode proporcionar no âmbito das pesquisas em História, concordamos com a perspectiva adotada por Pesavento⁶² para os estudos sobre a cidade, vendo nas fontes orais recursos que permitem ao historiador ter acesso a depoimentos e relatos de memória. Dessa forma, a autora acrescenta:

E, para além da palavra escrita, há aquela da oralidade, que implica outra forma de dizer a cidade, através do som e das palavras ditas. Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado. Fala-se e conta-se, então, dos mortos, dos lugares que não mais existem, de sociabilidades e ritos já desaparecidos, de formas de falar desusadas, de valores desatualizados. Traz-se ao momento do agora, de certa forma, o testemunho de sobreviventes de um outro tempo, de habitantes de uma cidade que não mais existem⁶³.

Nesse sentido, a história oral possibilita que o historiador desenvolva sua narrativa ao utilizar dessas reminiscências do passado trazidas ao presente no evocar do passado pelo entrevistado. Assim, o ato de analisar o passado do Santana foi conduzido a partir do uso de uma diversidade metodológica permitindo-se que se conheça as práticas antes desenvolvidas nas experiências de um vivido que passou, que já não se faz presente e que se desenrolaram envolvidas nas tramas do poderoso empreendimento que foi a Usina abrigada pelo bairro.

Acerca da discussão em torno da mudança de prédio da Usina Santana, destacamos a fala do Sr. Antônio Carlos de Sousa Campos⁶⁴, o qual relata que após a mudança de prédio da Usina e a sua compra por um grupo da Paraíba, Ivan Santiago – filho do então dono do empreendimento, Fernando Santiago, assim procedeu:

Com a passagem de lá pra cá, da santana velha pra cá, ele já declarando já falência não tinha mais outra coisa loteou o Jardim Europa. Ele loteou o Jardim Europa pra ir mantendo suas dívidas, né. Aí quando ele loteou, ele criou a Imobiliária Jardim Europa. Ele criou a imobiliária Jardim Europa, essa imobiliária Jardim Europa tinha recibo, tinha tudo⁶⁵.

Essa fala é bastante significativa, pois mostra as estratégias utilizadas pelo dirigente da Usina buscando a sobrevivência da empresa. Para isso, ele criou um outro empreendimento

⁶²PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. v. 27, n. 53, 2007. p. 11-23.

⁶³PESAVENTO, 2007, p. 20.

⁶⁴CAMPOS, 2010.

⁶⁵CAMPOS, 2010.

visando gerar lucros para manter sua produção e os trabalhadores que dela dependiam. Ao mesmo tempo, sua decisão terá um reflexo importantíssimo na (re)organização espacial da região naquele momento, direcionando o sentido de seu crescimento urbanístico dali por diante. Assim, a criação do Jardim Europa terá um duplo papel: alocar os trabalhadores vindos das terras antes próximas ao primeiro prédio da Usina, como também servir de gerador de renda para pagar parte das dívidas da Usina.

Desse modo, a criação do loteamento muda não apenas a fisionomia do espaço, mas os referenciais daqueles que o habitam. Destacamos assim, que a “forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas”⁶⁶. O Santana, assim como a cidade que o abriga – Teresina, possui uma forma própria de seu tempo, fazendo-se com que percebamos a importância de estudos como este, entendendo que o movimento de (re) organização espacial do bairro interfere decisivamente nos referenciais de lugar que se criam em torno do espaço que se habita.

Sobre esse momento de criação do loteamento que será denominado de Jardim Europa, obtivemos também o relato da Sra. Adelaide de Sousa Campos⁶⁷. Ela chegou no bairro no momento em que ocorria a divisão dos lotes. Assim, ela nos informa: “Quiseram fazer as pessoas ir pagar. Fizeram uns carnezin pros funcionário ir pagando aos pouco. Mais aí acontece que ninguém num pagô nada. Ainda hoje a gente mora aqui”⁶⁸.

Essa informação é significativa, pois demonstra como a criação do Jardim Europa nasce como uma forma de levantar dinheiro e, de certa forma, poderia também servir para regularizar a situação dos trabalhadores que já ocupavam as terras da Usina nos arredores do primeiro prédio por ela utilizado. Assim, percebemos o encaminhamento de uma série de decisões tomadas pela administração da Usina que acabara interferindo decisivamente na configuração espacial da região. Tais práticas, desveladas pela fala da Sra. Adelaide, interferiam não apenas na organização espacial do bairro, (re)configurando as áreas de moradia frente às áreas de produção, mas também na vida das pessoas que participavam deste processo. Sobre esse mesmo carnê de pagamento, uma outra entrevistada – a Sra. Antônia Rosa Araújo de Sousa⁶⁹ – nos conta que “pagava. Quando o Chico trabalhava lá, ele deu aquele carnezin. Não sei nem onde entrou. Ainda ficamos devendo 7 cruzeiros naquela época.

⁶⁶ROSSI, 2001, p. 57.

⁶⁷CAMPOS, 2010.

⁶⁸CAMPOS, 2010.

⁶⁹SOUSA, Antônia Rosa Araújo. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 10 jan. 2013.

Ficamos devendo, ai foi embora e acabou”⁷⁰. Desse modo, o que a Sra. Antônia Rosa nos conta ratifica a informação acerca da criação do loteamento enquanto manobra para levantar dinheiro para ser investido na Usina.

Notemos que a mudança de prédio referida foi realizada pelos donos anteriores, já que apenas em 1978 a Usina foi comprada pelos Santiago, não sendo eles os responsáveis pela mudança de prédio e sim continuadores do processo de mudança do local das habitações impulsionando a migração das pessoas para o Jardim Europa. O Jornal do Piauí traz uma matéria sobre a importância desse processo de compra realizado em Teresina no fim da década de 1970, assim relatando:

[...] foi negociada com um grupo forte da Paraíba, tendo à frente o Industrial o Sr. Fernando Santiago que veio especialmente a esse fim a Teresina, acompanhado do advogado Valter Arcoverde, a secular Usina Santana, cuja tradição integra o patrimônio do Piauí. A transação que foi operada pela soma de 35 milhões de cruzeiros, livra a empresa de uma ameaçada falência e tranquilizar dezenas de operários que sentiam-se ameaçados com o desemprego enquanto a safra também estava sofrendo uma ameaça de colapso⁷¹.

Esse momento é apresentado pelo jornal como sendo a solução para os problemas da empresa, possivelmente livrando-a da falência, denotando o mal estar pelo qual o empreendimento já passava e que, até certo ponto, justificava a posterior criação do Jardim Europa. A realização da compra teve à frente o Sr. Fernando Santiago, embora seu filho é que tenha ficado encarregado da administração do negócio, o Sr. Ivan de Assunção Santiago. É no cerne desses acontecimentos que a empresa passa às mãos do grupo paraibano, que inicia o processo de decisões em uma tentativa de sanar os problemas presentes.

Ao tentar salvar a Usina, o Sr. Ivan acaba por fazer nascer um novo povoado⁷² com características urbanas em um meio totalmente rural, na passagem dos anos 70 para os 80. Esse fato, nos faz lembrar das falas de Roberto Lobato Corrêa quando indica como os usos que se fazem do espaço urbano interferem em sua produção. Segundo o autor,

[...] Tais usos definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre

⁷⁰SOUSA, 2013.

⁷¹PARAIBANOS compraram a Usina Santana. **Jornal do Piauí**, Teresina, 29/30 de abril de 1978.

⁷²O termo *povoado* é usado nos documentos da Prefeitura de Teresina para se referir a um aglomerado de pessoas que vivem na zona rural. Em 2004, quando o status da região muda de rural para urbano, como já apontamos, a região passa a ser denominada de loteamento.

outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado⁷³.

Embora a fala de Corrêa se refira ao espaço urbano, percebemos como no espaço rural esses usos também definem áreas. Essa reflexão nos faz olhar como a cidade vai se organizando conforme os usos que as pessoas fazem do espaço ocupado ou não, definindo áreas de maior ou menor concentração de renda e fluxo de atividades. No caso do Santana, sua organização como bairro depende diretamente do uso que o dono da terra, o Sr. Ivan, assim o faz. Desse modo, podemos perceber como existem cidades dentro de uma mesma cidade⁷⁴ e que os bairros se formam permeados por interesses nem sempre bem definidos. Assim, a

cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície datada⁷⁵.

Tal perspectiva ajuda a compreender o Santana como um bairro construído em uma temporalidade bem definida, interferindo na natureza, (re)fabricando-a a partir dos referenciais que expressam a materialidade do tempo em que decorre o processo de mudança na paisagem, seja ela rural ou urbana. De forma que o Santana deve ser compreendido dentro da complexidade do fluxo de atividades que marcam os espaços.

Sobre esse fluxo de atividade, concordamos com Joan Vicent⁷⁶, pois a autora não percebe o rural como um espaço estático, parado, mas dinâmico, de fato, a autora vê o rural como um ambiente onde o movimento é processual. Segundo a autora,

[...] A perspectiva comum que historiadores e antropólogos sociais atingiram quando começaram a determinar fases na transformação da sociedade agrária – primeiro na Europa, e agora nos países do Terceiro Mundo – é consequência do reconhecimento conjunto da ação individual, da pressão de

⁷³CORRÊA, 2002, p. 7.

⁷⁴ROLNIK, 2004.

⁷⁵PESAVENTO, 2007, p. 15.

⁷⁶VICENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global Universitária, 1987. p. 375-402.

peças sobre peças, e de uma concepção de tempo, frequência e fluxo – de uma consciência de processo, em suma⁷⁷.

Desse modo, as mudanças que acontecem no espaço compreendido pelos povoados Santana e Jardim Europa – e que posteriormente o poder público municipal chamará homogeneamente de Santana, fazem parte de um processo histórico. Daí este capítulo já apresentar no seu subtítulo *O “Santana” dos Anos 70 aos 80*, pois estamos tomando uma denominação *a posteriori* para demonstrar que embora estejamos aqui tratando de um momento em que a localidade ainda não havia recebido essa denominação, sendo ainda catalogada como rural.

A dinâmica que envolve o fluxo mercantil da Usina, faz com que se perceba que esses indivíduos estão “em movimento, tanto social como geográfico”⁷⁸. Corrêa corrobora com essa discussão, ao destacar que a produção do espaço urbano sofre a interferência de vários agentes empenhados em fazer e refazer a cidade, seus bairros, seus espaços. São eles: “(a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; (b) os proprietários fundiários; (c) os promotores imobiliários; (d) o Estado; e (e) os grupos sociais excluídos”⁷⁹. De maneira que percebemos como o Jardim Europa é construção destes agentes, embora o autor fale de espaço urbano e nesse momento o Jardim Europa ainda se encontra como espaço rural, sendo fruto da intervenção direta da ação do primeiro elemento apontado, os grandes industriais.

Percebemos no Santana um fluxo de ações e atividades que mesmo estando em um espaço rural, não deixam de estar em acordo com o que é apontado por alguns autores como práticas da urbe, situação que revela a complexidade da integração entre a instância espacial rural e urbana. Esse ponto de vista ajuda a perceber a íntima relação que existe entre esses espaços, sendo necessária uma análise mais flexível quanto a essas demarcações. Segundo Bernadelli⁸⁰:

Entendemos que a importância dessas relações entre urbano e rural é essencial, pois caso privilegiarmos as diferenças e desconsiderarmos as relações existentes entre os espaços, será difícil conseguirmos estabelecer proposições e políticas adequadas, seja para o meio rural, seja para o urbano,

⁷⁷VICENT, 1987, p. 397.

⁷⁸VICENT, 1987, p. 383.

⁷⁹CORRÊA, 2002, p. 12.

⁸⁰BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 33-52.

pois ambos devem ser analisados em suas particularidades, dinâmicas e papéis que desempenham, bem como em suas complementaridades⁸¹.

A autora destaca a especificidade do rural, mas também a sua complementaridade, tornando necessário que olhemos atentamente para as relações que permeiam a localidade analisada, tendo em vista que ela não se restringe às delimitações de rural e urbano. Nesse sentido, ao tratar do meio rural brasileiro na década de 1980, Arilson da Silva Favareto⁸² afirma que “[...] as transformações econômicas, o processo de modernização da produção e a crescente integração dos mercados levaram, ao fim de um tipo específico de ruralidade, aquela que já foi chamada [...] de sociedades camponesas”⁸³. Dessa forma, o autor está chamando atenção para a complexidade do espaço rural brasileiro, exigindo uma análise que extrapole antigas classificações do rural, que ora o trata pela ótica agrícola ora pela perspectiva da industrialização que o país passou nas últimas décadas do século XX.

Desse modo, é necessário também olhar para a especificidade da região que analisamos, destacando-se a ação dos grandes industriais, nesse caso os da Usina. No entanto, mesmo a ação de um grande industrial sofre intervenções e sanções, pois devem estar dentro de um marco regulatório jurídico que legitime a sua atuação. Segundo Corrêa, este “marco não é neutro, refletindo o interesse dominante de um dos agentes, e constituindo-se, em muitos casos, em uma retórica ambígua, que permite que haja transgressões de acordo com os interesses do agente dominante”⁸⁴. Nesse caso, a ação do industrial Ivan vai de encontro ao marco regulatório jurídico imposto pela Prefeitura de Teresina naquele momento. A venda de lotes foi interrompida, conforme nos conta o Sr. Antônio Carlos:

Aí ele meteu os topógrafo aqui dentro, por que todo usineiro já tem a equipe de topógrafo, de topografia que trabalha pra ele. Então, cortaram isso aqui. Quando lotearam todim, lote por lote, ai ele foi vender, que era exatamente pra tirar um parte do prejuízo da empresa. Aí quando começou a vender a Prefeitura chegou e barrou. Por que que barrou? Por que naquele tempo existia uma lei que proibia fazer lote rural de dez por vinte e cinco. O lote rural tinha que ter no mínimo de três hectare pra frente. Existia essa norma. Então, ai foi, foi barrado. Ai a Prefeitura privou. Ai muita gente ele já teve foi que devolver o dinheiro, pra muita gente que tinha comprado particular. Ai ficou o loteamento empacado, empacado na Justiça tentando

⁸¹BERNADELLI, 2010, p. 44.

⁸²FAVARETO, Arilson da Silva. A longa evolução da relação rural-urbano: para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. *Ruris*. v. 1, n. 1, 2007. p. 157-192.

⁸³FAVARETO, 2007, p. 177.

⁸⁴CORRÊA, 2002, p. 12.

liberar, tentando liberar, por que o usineiro tinha toc de marca⁸⁵ dentro do judicial né lutando com uma liminar, com uma coisa pra liberar. Quando tinha... quando tava nessa luta toda, aí Dr. Ivan vendeu aquele dali Fazenda Agropol, que hoje é Agropol né, vendeu⁸⁶.

A intervenção da Prefeitura, dessa forma, representou um obstáculo para a tentativa do proprietário da Usina de diminuir suas perdas, representando, na verdade, mais um revés econômico para o seu empreendimento. Pois, como afirma o Sr. Antônio Carlos, ele acabou por devolver o dinheiro daqueles que lá compraram terrenos. Ainda segundo nosso entrevistado, o proprietário teria vendido as terras onde ficavam o antigo prédio da Usina, transferindo para o Jardim Europa por completo os moradores que ainda residiam no antigo povoado. Depois desse fato, ele ainda teria perdido uma outra parte das terras em uma aposta de cavalos, trazendo de vez a porção dos trabalhadores e moradores que ainda não estavam no Jardim Europa. O Sr. Antônio Carlos continua:

Ele tinha um cavalo chamado Cicrano. Ele apostava tudo nesse cavalo, que era um cavalo bonito que tinha na região. E pra corrida só tinha ele. Ele nunca tinha perdido uma corrida. Ele apostou uma corrida com... Eu num sei se foi com o [...] Ele apostou a corrida e foi na exposição, na Expoapi, aí ele perdeu a corrida. Ele apostou tantas hectares de terra valendo tantos mil ou tantos milhões, eu num sei. E ele foi confiado por que confiava no cavalo, aí ele perdeu. Ele perdeu a corrida. Ai então como ele perdeu, ele perdeu esses terreno tudim, essa área de la pra cá perdeu numa corrida de cavalo. Então, como ele perdeu, aí ele pensava que o home não ia também ligar de uma hora pra outra. Aí home começou: “eu quero meu terreno, quero meu terreno, você perdeu e eu quero meu terreno”. Então, o que que ele fez? Chegou e mandou a equipe de topografia tirar. Quanto tirô pra entregar, o home disse: “pois tem trinta dias pra seus morador sair tudo daqui de dentro”. [...] Então, pra onde o povo ia? Aí o povo não tinha mais pra onde ir. Ai ele liberou pra vim todo mundo aqui pro Jardim Europa. Aí o povo cumeçaram a vim de lá pra cá. E aí Dr.? Disse não, vá lá Boró, véi Chico Moura e Benedito Leite é quem entregava. Era quem entregava o lote. Foram entregando pro povo. Aí de certo tempo eles entregando pra o povo aí o... aí o... povo morando aqui aí morre uma pessoa aí foram enterrar lá, no cemitério véi que tinha lá. Aí ele disse: “nã essa carniça num é pra enterrar aqui não, enterra lá”. Aí ele fez esse aqui⁸⁷.

Neste outro trecho, nos é narrado o momento da transferência total dos moradores de um povoado a outro, dando continuidade ao processo que já vinha acontecendo mediante a ocupação do segundo prédio da Usina, movimento de mudança que já acontecia mesmo antes

⁸⁵Expressão utilizada pelo entrevistado para nos passar a ideia de que o Usineiro tinha influência junto aos integrantes do sistema judiciário piauiense.

⁸⁶CAMPOS, 2010.

⁸⁷CAMPOS, 2010.

da compra da Usina pelos Santiago em 1978. Esse momento narrado acima teria acontecido por volta de 1983. Se a aposta realmente aconteceu, parece conveniente que os antigos moradores não fossem aceitos pelo novo proprietário das terras, sobretudo por que a relação entre morador e proprietário tende a ficar conflituosa quando não existe aproximação entre as partes, culminando na saída do morador. Dessa forma, forçar a saída desse morador no momento de mudança dos donos da terra seria uma saída razoável para minimizar o conflito, fosse para o novo proprietário, fosse para o antigo que consentiu anteriormente a ocupação dos lotes. O agravamento de tal situação piorou com a intervenção da Prefeitura ao impedir a venda dos lotes no Jardim Europa, não havendo nada a fazer a não ser acomodar esses moradores.

O deslocamento do prédio da Usina não implicava necessariamente em mudança da população. A estratégia de vender um novo loteamento, colocada em prática por Ivan Santiago, possivelmente se deu no sentido de também aproveitar um movimento que trazia pessoas para a região e que não tinham ligação com a Usina. Lembremos que o alcance da influência da Usina ia além dos seus entornos espaciais, pois ela possuía toda uma rede de fornecedores que estavam alocados em terras próximas. Com a impossibilidade da venda dos lotes no tamanho desejado, parece-nos que sua opção foi fazer uma venda das terras antes ocupadas pelos primeiro prédio da Usina, aí sim dentro dos limites do marco regulatório jurídico, alojando as pessoas que estavam no antigo povoado Usina Santana no espaço que havia sido reservado ao Jardim Europa.

1.2 Percorrendo os caminhos do Jardim Europa

Acompanhando a trajetória da Usina, percebemos que ela não teve apenas um dono ao longo de sua quase secular existência. Ivan, filho do último deles – Fernando Santiago, acabou por dar terra para pessoas que inclusive não trabalhavam no seu empreendimento, engendrando na região uma rede de relações sociais que se estendiam ainda mais para além dos muros de seu empreendimento. Tal movimento reforça a “importância do estudo da cidade quando este parte do conteúdo social”⁸⁸. De modo que o estudo que ora se desenvolve

⁸⁸ROSSI, 2001, p. 45.

não deixa de evidenciar as questões sociais que se apresentam no bairro. Segundo a Sra. Adelaide⁸⁹,

Eu vim pra cá porque eu morava no Centro, e lá tudo era coisa tudo aleia. Nada era meu. Ai arranjei pra cá, vim pra Toca da Raposa. Da Toca da Raposa vim cá, por que tavalutiando isso aqui. Aqui na Usina Santana e pedi um pedacin e me deram. E adiantô⁹⁰.

De maneira que vamos percebendo como a Usina foi congregando pessoas em seu redor, mesmo aquelas que não estavam ligadas diretamente ao seu eixo produtivo, mas que de alguma forma viam naquele pedaço de terra uma perspectiva de ganho e estabilidade. O caso da Sra. Adelaide é representativo de muitos outros que, segundo ela mesma, também encontraram nessa região um lugar para morar, ainda que não houvesse regularização cartorial do espaço. Segundo ela,

[...] aqui ninguém tem nada, mas na hora de sair vende o que tem e vai simhora. Tira uma declaração na delegacia e passa praquele comprador que tá chegando. A gente pode vender todo tempo aqui. Aqui não tem papel, documento não. Nada de cartório, tem não, tem não. A coisa aqui é assim: tudo foi dado e ai o documento nunca teve inventário nenhum. Simplimente mora e simplimente é dono. Quem tá é dono, outro num entra. Só se a gente vender. Aí a gente vende pelo preço que lhe tire também⁹¹.

A situação apontada pela Sra. Adelaide nos faz retomar o embargo que o Sr. Antônio Carlos afirmou ter acontecido quando o Jardim Europa estava sendo loteado e vendido. Possivelmente, foi essa ocorrência que levou a não regularização da terra por parte dos donos da Usina. De tal forma que os anos passaram e os moradores assumiram a postura de possuidores do espaço habitado, garantindo-lhes inclusive o direito de vender e comprar pedaços de terra. Procuramos a Superintendência de Desenvolvimento Urbano da Região Sudeste (SDU/SUDESTE) buscando esclarecimentos sobre o processo de regularização da terra. Informalmente, o servidor que nos atendeu disse que as terras eram consideradas privadas e que estavam em processo de regularização, mas sem previsão para efetivação, e que pela quantidade de anos que as pessoas lá moravam elas não poderiam ser retiradas. Provável razão pela qual o poder público municipal havia demorado tanto para investir em

⁸⁹CAMPOS, 2010.

⁹⁰CAMPOS, 2010.

⁹¹CAMPOS, 2010.

infraestrutura no bairro. Essa fala informal⁹², frente ao silêncio documental, reforça para nós a suspeita de que não podendo resolver de imediato os problemas sociais enfrentados pela população já na época de criação do Jardim Europa, a saída escolhida pelos dirigentes municipais foi o aparente esquecimento da região, que crescia cotidianamente sem planejamento.

Em contrapartida, o comportamento da população residente frente à negociação de venda ou compra de um lote de terra no Jardim Europa, acontecia sem burocracia ou restrição. A Sra. Adelaide destaca que a declaração de compra e venda é realizada na delegacia, remetendo-nos à ideia de que as pessoas que habitam o Jardim Europa têm a consciência de que esse tipo de negócio necessita de uma chancela por parte do poder público. De modo que a posse dos terrenos e das casas se dá pelo usufruto do espaço, o qual passa a ter como dono o comprador que, ao que nos parece, adquire o espaço como se o tivesse recebido ainda durante a criação do loteamento. Assim, essa venda chancelada pela delegacia, ainda que não regulamentada nos termos da legislação de transferência de imóveis, é instrumento que passa a diante o direito de posse sobre a terra. Deve-se ter em mente que em uma delegacia trabalham pessoas que possuem conhecimento da legislação e sabem que a delegacia não tem autoridade legal para realizar tal tipo de transação. Dessa forma, essa prática pode também ser reflexo da baixa escolaridade da população no período, que ao necessitar fazer uma declaração – ou seja, precisar que alguém de confiança redija um documento – definindo os termos da negociação, via a delegacia, representante legal do poder público estadual, como portadora de sua confiança para escrever tal declaração de modo fiel à transação realizada, conferindo-lhe aspectos de legalidade perante o comprador e vendedor. Dito de maneira mais simples, uma pessoa da delegacia seria alguém com instrução e confiança suficiente para que um morador que está executando a venda possa solicitar o favor de redigir o documento que garante a ocorrência da compra e da venda do lote.

É pensando nisso que concordamos com Emília Pietrafesa de Godói⁹³ ao afirmar que “as percepções e ações dos sujeitos estão inscritas nas condições sociais e historicamente situadas e “funcionam” em um nível mais profundo do que a realidade passível de apreensão imediata – é preciso dar à luz as práticas”⁹⁴. Portanto, ao ler e reler a transcrição das

⁹²A expressão *fala informal* foi utilizada pelo fato de o servidor não ter aceito gravar uma entrevista, como prevê a metodologia da história oral. Como as informações ditas mostraram-se relevantes, optou-se citá-la sem referências diretas ao nosso interlocutor.

⁹³GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

⁹⁴GODÓI, 1990, p. 27.

entrevistas coletadas, nosso olhar se direciona também para essas práticas que devem ser percebidas à luz do que os moradores se permitem relatar e contar.

Continuamos indagando a Sra. Adelaide, dessa vez acerca das condições estruturais do bairro. Sua fala permite perceber que sua estrutura era bastante diferente daquela que encontramos nos anos 2000 como discutiremos mais à frente, fazendo com que percebamos como as mudanças se fizeram presentes na região no final do século XX e continuando na primeira década do século XXI. No período ao qual ela se refere exatamente, ou seja, a passagem dos anos 70 aos 80, as condições de moradia, o acesso à educação, saúde e lazer eram bastante diferenciados.

O Sr. Antônio Carlos também nos fala a respeito, concordando com a caracterização feita por Sra. Adelaide quando de sua chegada no bairro, ainda na condição de povoado rural. Assim, ele nos conta:

Aqui era só mermo, só as ruazinha mermo cortada de trator. Naquele tinha muita máquina, por causa da Usina. Tudim foi feito com trator. Eu me lembro como se fosse hoje. [As casas] eram tudim de palha. O colégio, posto médico, a igreja já existia. Fizeram essa aí às pressa⁹⁵.

Tal caracterização muito mais do que nos falar das condições estruturais do povoado, conta-nos a respeito da população que lá habitava. Uma população pobre que como tal vivia em condições precárias. As moradias da população eram feitas de taipa e cobertas de palha – casas características de uma população menos favorecida economicamente e que mesmo quando tem uma renda melhor, esta não se mostra o suficiente para que se façam moradias de melhor qualidade, deixando de lado o padrão com condições mínimas habitáveis para dá lugar a arranjos habitacionais.

A relação da Usina Santana com a (re)organização espacial do bairro vai além da simples alocação dos trabalhadores. Os moradores do Jardim Europa acabavam por fazer uso do que nossos entrevistados chamaram de “Barracão”. Este era um comércio que fornecia mantimentos para a população moradora do bairro. Assim, a ligação que as pessoas mantinham com aquele empreendimento ultrapassa os vínculos da relação de trabalho e moradia. Mesmo com o processo de declínio da Usina já estando em andamento durante esse momento de (re)organização espacial do bairro no período que se estende da década de 1970 a 1980, o empreendimento não vai deixar de cumprir suas funções como sustentáculo da região. Seja como gerador de trabalho ou mesmo como fornecedor de alimentos na falta de outros

⁹⁵CAMPOS, 2010.

comércios que quisessem desempenhar tal função. Dizemos “quisessem”, pois poucos se arriscariam a iniciar um negócio sem um mínimo de estrutura ou, estando nos limites das terras da Usina, sem a autorização desta. Nesse sentido, pode-se perceber como os indivíduos jogam com o contexto em que estão inseridos, procurando seu lugar nas tramas que se desenrolam na cidade e, nesse caso o bairro, pois “[...] sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de inúmeros pequenos seres que procuram uma acomodação e, junto com ela, formando um todo com ela”⁹⁶.

Para o Sr. Antônio Carlos, o “Barracão”, teve funções outras que a de simples comércio popular da região. Quando questionado sobre a utilidade do estabelecimento, ele se direcionou para o momento de falência da Usina, nos relatando o seguinte:

Por que exatamente quando ele abriu... Quando a Usina começou a abrir falência, que o pagamento ficou aqui cum um ano e três mês... hum.. é... quando ela declarou falência pagando em vale. O dinheiro não existia dinheiro aqui. A moeda aqui era vale. A pessoa pegava aquele vale de uma certa determinada quantia dependendo do pagamento e ia no Barracão e tirava o vale. Da carne, tudo né. De alimento né⁹⁷.

Dessa forma, o estabelecimento acabou servindo para suprir a necessidade de alimento da população que, em face do não recebimento dos salários, não havia como adquiri-lo em outro lugar ficando à mercê dos “vales” que o proprietário da Usina liberava. De modo que o preço incutido nos produtos era determinado pelos gestores do “Barracão”, criando uma relação de dependência na qual dificilmente esses trabalhadores receberiam os produtos a preço de custo, portanto, saíam perdendo na negociação, já que não tinham a possibilidade de escolha, além de terem que pagar um valor inflacionado. Pensemos: ao invés de pagar em dinheiro, abrindo a possibilidade para que essas pessoas usassem do seu direito de decidir como, onde e quando gastar seu próprio dinheiro – deslocando-se para fora do bairro se fosse necessário –, a Usina pagava em “vale” permitindo a retirada de produtos no seu estabelecimento e fazendo com o que o dinheiro que nem chegava a sair de seu caixa, permanesse lá. Essa prática acaba por trazer prejuízos à população na medida em que as necessidades de sobrevivência não se restringem apenas à alimentação, mas a dimensões outras que o Barracão ficava impossibilitado de suprir.

A população por outro lado, não percebe essa relação negativa entre a falta dos salários e a retirada de “vales”, ou ao menos não de uma maneira que torne a pessoa do

⁹⁶ROSSI, 2001, p. 3.

⁹⁷CAMPOS, 2010.

proprietário um ser passível de rejeição. Quando relata o fato, o Sr. Antônio Carlos, faz questão de reforçar o quão generoso o Sr. Ivan era, por providenciar essa saída alternativa ao não pagamento dos salários devidos, em virtude da grave crise que enfrentava. Isso ajuda a justificar, aos nossos olhos, a forte relação de afetividade que a população guarda em relação à Usina e seu proprietário, na medida em que aquele empreendimento supria diversas necessidades do grupo. Na fala da Sra. Adelaide ele aparece como um “homem de coração muito bom”⁹⁸, que muito fez pelas pessoas que habitavam no bairro.

Nessa perspectiva, o Sr. Antônio Carlos aponta o esforço de Ivan em fazer perpetuar na região um negócio, fosse para diminuir o prejuízo com a perda da Usina, fosse para continuar a manter com trabalho as pessoas que lá viviam. Com essa intenção teria sido aberta a Cerâmica Santana Ltda. Assim nos foi relatado:

Ela já existia. Quando a Usina faliu... Só que foi investido mais na Cerâmica depois. Quando a Usina saiu, a Cerâmica já tinha já a faixa de uns cinco ano que ela já funcionava. Era uma gaiózinha num sabe, era piquinininha. Então, com a falência da Usina ele levantou a Cerâmica. Por que aqui é rico em matéria-prima de argila⁹⁹.

Em outras palavras, o interesse de Ivan na produção da Cerâmica só passou a se manifestar, segundo nosso entrevistado, em face do fechamento da Usina. Tendo em vista que a fala acima localiza a abertura deste outro empreendimento para cerca de cinco anos antes ao fechamento da Usina, percebe-se então que esse fato teria se dado por volta de 1978, ano em que a Usina foi comprada pelo grupo dos Santiago. Nesse sentido, procuramos o registro da empresa no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), onde foi possível verificar que ela foi registrada em 13 de maio de 1980¹⁰⁰. Assim, levantamos a hipótese de que essa talvez tenha sido uma das medidas desse grupo a fim de que seu negócio açucareiro fosse em frente, gerando dinheiro por meios outros que a terra ocupada permitisse. A intenção, portanto, seria a de tirar o máximo de proveito possível da terra fosse com a produção da cana-de-açúcar, fosse por meios outros que mostrassem rentabilidade.

Para além disso, importa-nos a relação da Cerâmica com o bairro, pois ele também foi importante para a geração de trabalho e renda àquela população que, conforme aparece na narrativa da Sra. Adelaide, era bastante pobre e carente de serviços públicos. Com o fechamento da Usina, questionamo-nos acerca de como essas pessoas passariam a se sustentar

⁹⁸CAMPOS, 2010.

⁹⁹CAMPOS, 2010.

¹⁰⁰Verificar comprovante de consulta em anexo.

desde então. A Cerâmica parece ter sido uma saída viável, diante da falta de emprego a ser enfrentada por uma população que há anos, e até mesmo décadas, vivia da produção industrial do açúcar. A população que habitava o bairro naquele momento – início da década de 1980, trabalhava predominantemente na Usina, sendo dependente desta. Com abertura da Cerâmica que leva o mesmo nome da Usina, indicativo da continuidade e permanência do grupo na região, Ivan assim agiu com os trabalhadores da Usina, conforme nos foi relatado:

Só fez transferir.É... da área que preciso na Cerâmica, foi só fez transferir é. Só não foi tudo por que não tinha condição mermo né, por que a Usina, só a Usina aqui possuía quatro térmica. A usina aqui era uma usina de quatro térmica. Então, a Usina aqui não era tão pequena. A Usina era grande. Era uma usina de quatro térmica. Então, uma usina de quatro térmica hoje, em média, safrista (safrista são as pessoa que são empregada na época da safra), em média, safrista, junta safrista e os que trabalha interno, direto né, serviço direto é em torno de três mil pessoa. Cortador de cana, tudo entra né¹⁰¹.

Notemos o que a fala do Sr. Antônio Carlos nos informa. Ivan teria aproveitado a mão-de-obra que ficaria desempregada da Usina para trabalhar na Cerâmica, embora não tivesse condições de absorvê-la por completo. Segundo a descrição do Sr. Antônio Carlos, feita anteriormente, a Cerâmica era pequena, portanto, só uma parte poderia ter sido absorvida. Quando questionada sobre o mesmo assunto, a Sra. Adelaide segue a mesma via explicativa relatando que ele “Só fez transferir. O que pôde”¹⁰². Reforçando, desse modo, a perspectiva de que a abertura da Cerâmica possibilitou com que parte da população continuasse a ter um emprego, mas por outro lado, pode-se questionar até que ponto essa transferência pode ter representado uma forma de driblar possíveis processos trabalhistas em decorrência das demissões ocasionadas pelo fechamento da Usina. A Sra. Antônia Rosa também nos conta que trabalhou na Cerâmica, informando que “ia pra botar assim, pra pegar os tijolo e botar lá pra outros lugar. Era assim. Trabalhei mais de mês lá”¹⁰³. Nesse caso, a entrevistada afirma que trabalhou um certo tempo, mas que não teve isso registrado em sua Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) denotando como o industrial também se utilizou da mão-de-obra informal, portanto, uma mão-de-obra mais barata evitando maiores custos trabalhistas para seus negócios.

Sobre essa relação entre a Usina e a Cerâmica, foi possível constatar que ela também se dá no plano material da propriedade da terra, sobretudo a partir dos registros de

¹⁰¹CAMPOS, 2010.

¹⁰²CAMPOS, 2010.

¹⁰³SOUSA, 2013.

transferências de imóveis encontradas no Cartório NailaBucar – 2º Tabelionato de Notas e Registros de Imóveis, na cidade de Teresina, onde pode-se conferir o registro de três glebas de terra antes pertencentes a Usina e que a partir de então passariam a ser da Cerâmica. O primeiro registro assim reza:

CERTIFICO que a requerimento verbal de pessoa interessada que revendo e buscando neste Serviço Registral da 3ª Circunscrição, no livro de Registro Geral número **2-AF**, às folhas **56** sob o número de ordem **R-I-14.632**, nele verifiquei constar o Registro de:- Uma gleba de terras demarcadas e divididas com a área de 12.53.32 hectares (doze hectares cinquenta e três ares e trinta e dois centímetros) situado no Povoado SANTANA, Data Formosa, deste município, desmembrado de maior porção, dentro dos seguintes limites e divisas: limita-se ao norte com terras pertencentes a Paulo Pires de Oliveira, ao sul com o Rio Poty, a leste com terras pertencentes a Oscar Ribeiro Coêlho e a oeste com terras pertencentes a Paulo Roberto de Oliveira. Começa o perímetro no marco (P0) cravado no limite com Osmar Coêlho com o rumo de 21°25'00" SW, medindo 87, 35 metros até o marco (PI) e daí segue a margem do Rio Poty, medindo 398,47 metros até o marco (P2) e daí com rumo de 1°48'00" NW, medindo 203,00 metros até o marco (P3) daí com rumo de 82°12'00" NE medindo 529, 48 metros até o marco (P4) daí com rumo de 35°16'00" SW, medindo 20,10 metros, até o marco (P5) daí com rumo de 16°31'00" SW medindo 176,99 metros até o marco (P6) daí com rumo de 78°01'00" NW, medindo 15,87 metros, até o marco (P7) daí com rumo de 11°43'00" SW, medindo 84,43 metros, encontrando-se aí com o marco inicial (P0) deste levantamento com perímetro de 1.515, 89 metros lineares, cadastrado no INCRA sob o nº 123.072.010.480-5. **ADQUIRENTE:-** CERÂMICA SANTANA LTDA, com sede e foro nesta cidade, CGC nº 09.586.033/0001-30. **TRANSMITENTE:-** USINA SANTANA S/A, com sede e foro no Povoado Santana deste município, CGC nº 05.842.355/0001-4. **VALOR:-** Cr\$ 2.500.000,00. [...] **OBS.:** Nos termos da Escritura Pública de Compra e Venda, lavrada nas Notas deste Cartório, em 11 de janeiro de 1985, no livro 30, fls. 154/157. O registro foi feito em 19.07.85.¹⁰⁴.

O segundo registro consta assim redigido:

CERTIFICO que a requerimento verbal de pessoa interessada que revendo e buscando neste Serviço Registral da 3ª Circunscrição, no livro de Registro Geral número **2-AG**, às folhas **287** sob o número de ordem **R-I-15.134**, nele verifiquei constar o Registro de:- Uma gleba de terras demarcadas e divididas com a área de dezesseis hectares, vinte e sete ares e oitenta e cinco centiares (16.27.85 ha), situada no Povoado SANTANA, Data Formosa, deste município, dentro dos seguintes limites e divisas: limita-se ao norte com terras pertencente a Osmar Ribeiro Coêlho, ao sul com Riacho Santana e terras de Edson Tajra Melo, a leste com terras pertencentes a Edson Tajra Melo e a oeste com o Rio Poty. Começa o perímetro no marco (P0) cravado

¹⁰⁴PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-I-14.632 do livro de Registro Geral 2-AF.** f. 56. 2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

nos limites com Edson Tajra Melo e Osmar Ribeiro Coêlho com rumo de 17°16' SW, medindo 30 metros até o marco (P1) e daí segue a margem o Riacho Santana, medindo 598,53 metros, até o marco (P2) e daí segue a margem direita do Rio Poty, medindo 216,15 metros, até o marco (P3) e daí com rumo de 74°50'00'' NE, medindo 738,92 metros, encontrando-se aí com o marco inicial (P0) deste levantamento com operímetro de 1.853,60 metros lineares, cadastrada no INCRA sob o nº 123.072.010.480-5. **ADQUIRENTE**:- CERÂMICA SANTANA LTDA, com sede e foro nesta cidade, CGC nº 09.586.033/0001-30. **TRANSMITENTE**:- USINA SANTANA S/A, com sede e foro no Povoado Santana, deste município, CGC nº 05.824.355/0001-4. **VALOR**:- Cr\$ 3.400.000,00. [...] **OBS**:-Nos termos da Escritura Pública de Compra e Venda, lavrada nas Notas deste cartório no livro 30, fls. 151/154, em 11 de janeiro de 1985. O registro foi feito em 10.10.85¹⁰⁵.

E o terceiro, assim registra:

CERTIFICO que a requerimento verbal de pessoa interessada que revendo e buscando neste Serviço Registral da 3ª Circunscrição, no livro de Registro Geral número **2-AF**, às folhas **107** sob o número de ordem **R-1-14.680**, nele verifiquei constar dentre outros, o Registro de:- Uma gleba de terras demarcadas e divididas, com a área de dezessete hectares, cinquenta e sete ares e trinta e sete centiares (17.57.37 ha), situada no Povoado Santana, Data Formosa deste município, dentro dos seguintes limites e divisas: limita-se ao norte com terras pertencentes a Edson Tajra Melo e outros; ao sul limita-se com terras de Osmar Ribeiro Coêlho; a leste com terras pertencentes a Edson Tajra Melo e outros a oeste com a Rodovia Te-120. Começa o perímetro no marco (P0) cravado nos limites de Edson Tajra Melo e outros a Rodovia Te-120, com rumo de 84°47'00'' SE, medindo 314,50 metros até o marco (P1) daí com rumo de 2°28'00'' SE medindo 593,35 metros até o marco (P2) daí com o rumo de 76°9'00'' NW, medindo 318,58 metros até o marco (P3) daí com rumo de 3°05'00'' NW medindo 546,40 metros, encontrando-se com o marco inicial (P0) deste levantamento com um perímetro de 1.772,93 metros lineares, cadastrada no INCRA sob o nº 123.072.010.480-5. **ADQUIRENTE**:- CERÂMICA SANTANA LTDA, com sede e foro no Povoado Santana, deste município, CGC/MF sob o nº 09.586.033/0001-30. **TRANSMITENTE**:- USINA SANTANA S/A, com sede e foro no Povoado Santana, deste município, CGC/MF nº 06.842.355/0001-04¹⁰⁶. **VALOR**:- Cr\$ 3.500.000,00. [...] **OBS**:-Nos termos da Escritura Pública de Compra e Venda, lavrada nas Notas deste cartório no livro 30, fls. 157/159v, em 11 de janeiro de 1985. O registro foi feito em 30.07.85¹⁰⁷.

¹⁰⁵PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-1-15.134 do livro de Registro Geral 2-AG**. f. 287. 2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

¹⁰⁶Este número de CGC consta diferente nas três registros encontrados. De início, pensou-se que a empresa estivesse registrada sob os três números diferentes. No entanto, quando procedemos à consulta do corresponde número no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, o primeiro e o segundo constam como incorretos ou inexistentes e o terceiro permite que se verifique a situação cadastral, bem como o termo de baixa da empresa, que podem ser verificados nos anexos. O que inquieta neste documento de situação cadastral e baixa, é que a data de abertura da empresa date de 1966, ano que diverge dos outros registros encontrados que apontam a existência da empresa desde 1906, quando foi aberta pelo industrial Gil Martins.

¹⁰⁷PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-1-14.680 do livro de Registro Geral 2-AF**. f. 107. 2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

As três citações acima permitem que nos questionemos sobre a relação entre o fechamento da Usina e abertura da Cerâmica. Segundo o Sr. Antônio Carlos, como apontamos anteriormente, a Usina teria fechado por conta de, dentre outros motivos, o não pagamento de impostos. Nesses casos, a Fazenda Nacional procede à abertura de processo judicial exigindo o pagamento da dívida e, em face do não cumprimento destes e diante de impossibilidade de pagamento, passa-se a penhorar os bens da empresa e/ou de seu representante legal conforme consta na lei 6.830/80, nos artigos a seguir:

Art. 10 - Não ocorrendo o pagamento, nem a garantia da execução de que trata o artigo 9º, a penhora poderá recair em qualquer bem do executado, exceto os que a lei declare absolutamente impenhoráveis. Art. 11 - A penhora ou arresto de bens obedecerá à seguinte ordem: I - dinheiro; II - título da dívida pública, bem como título de crédito, que tenham cotação em bolsa; III - pedras e metais preciosos; IV - imóveis; V - navios e aeronaves; VI - veículos; VII - móveis ou semoventes; e VIII - direitos e ações¹⁰⁸.

Desse modo, levantamos o posicionamento de que a transferência dos títulos das terras pode ter tido um duplo papel: primeiro, evitar que as terras fossem confiscadas pela Fazenda em face da dívida que possivelmente se avolumava; segundo, regularizar a situação de uso do solo para extração de matéria-prima por parte da Cerâmica nas terras que antes eram da Usina, não vinculando as duas empresas por uma relação de usufruto do mesmo solo. Para aqueles que habitavam o bairro naquele momento, no entanto, esse processo aqui relatado passa despercebido, sobretudo por que decisões como essas são tomadas pelos dirigentes da empresa. Para os moradores, as terras simplesmente são do Sr. Ivan ou Dr. Ivan como ele é cotidianamente chamado quando as pessoas se referem a ele, pouco importando de qual empresa fosse a propriedade do ponto de vista jurídico.

Como a Sra. Adelaide nos relatou, e já citamos anteriormente, o que ele deu e pra quem deu, estava dado e não poderia ser tomado. Por outro lado, não podemos deixar de enfatizar que a propriedade da terra é importante para a população, sobretudo por que a área ocupada não teve sua doação registrada, impedindo que até hoje os moradores recebessem o título de seus imóveis.

Esses olhares diferenciados não podem ser negligenciados, pois se tratam de como as pessoas que habitam o bairro o percebem. Perspectiva bastante particular e peculiar, própria

¹⁰⁸BRASIL. **Lei 6.830 de 22 de setembro de 1980**. Dispõe sobre a cobrança judicial da Dívida Ativa da Fazenda Pública, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1980.

de quem percorre suas ruas na fluidez do cotidiano, muitas vezes sem perceber a importância de suas experiências e vivências. Assim, Pierre Mayol¹⁰⁹ nos lembra que:

[...] a caminhada de quem passeia pelo seu bairro é sempre portadora de diversos sentidos: sonho de viajar diante de uma certa vitrine, breve sobressalto sensual, excitação do olfato sob as árvores do parque, lembranças de itinerários enterradas no chão desde a infância, considerações alegres, serenas ou amargas sobre o seu próprio destino, inúmeros “segmentos de sentido” que podem ir um tomando o lugar do outro conforme se vai caminhando, sem ordem e sem regra, despertadas ao acaso dos encontros, suscitadas pela atenção flutuante dos “acontecimentos” que, sem cessar, se vão produzindo na rua¹¹⁰.

Quando entrevistamos a Sra. Adelaide, bem como os demais entrevistados, tivemos a sensação de que eles caminhavam pelo bairro desencavando seu passado. Quando descrevem a paisagem de suas ruas é como se um sentimento de nostalgia os tomasse de conta no flutuar da narrativa dos acontecimentos. Nessa caminhada ou escritura, se entrecruzam histórias que atravessam o bairro e as pessoas que nele constroem sua espacialidade, fazendo perceber a cidade como “um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais”¹¹¹.

As pessoas, indivíduos que modificam o seu redor, são os principais agentes que interferem no espaço ocupado, seja aquele compreendido pela sua habitação – o privado, ou mesmo os ambientes públicos, ambos sujeitos a essas operações de (re)construção sobretudo por que estão embebidos em uma teia de significações pelos que por lá andam. Segundo Michel de Certeau¹¹²,

Tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços: com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinidamente, outra¹¹³.

No entrecruzar dessas histórias ou dessa “história múltipla” – para usar a expressão de Certeau – muitas temáticas vão surgindo e suscitando outras indagações. Procurou-se,

¹⁰⁹MAYOL, 1996.

¹¹⁰MAYOL, 1996, p. 44.

¹¹¹PESAVENTO, 2007, p. 13.

¹¹²CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

¹¹³CERTEAU, 1994, p. 71.

dentro do possível, dar visibilidade às questões centrais que dizem respeito à vida cotidiana desses moradores: trabalho, renda, moradia, foram alguns dos temas tocados até aqui nessa narrativa que se esforçou em mostrar o Santana no bojo da história piauiense na passagem da década de 1970 à 1980. Nesse período, a paisagem do bairro é efetivamente rural, conforme os referenciais discutidos ao longo do trabalho, inscrevendo uma história bastante particular a esse momento de sua trajetória. O espaço construído do bairro é caracterizado pela heterogeneidade e seu estudo é dado pelo limite de período e região de acontecimentos que acumulam o múltiplo e o diverso em um todo significativo. Tempo e espaço são percebidos de forma a destinar ao homem um habitat, um *ethos*. O bairro enquanto espaço é produto da atividade humana que cria de modo contingente e sem significado o seu ambiente, que posteriormente adquire sua própria significação.

Em seguida, daremos especial atenção ao processo de urbanização que o bairro começa a sentir a partir da década de 1990 e vai ganhando impulso nos anos 2000. Nesse período, veremos emergir um misto de ruralidade e urbanidade que exige uma forma bastante peculiar de narrar os acontecimentos. Dessa forma, continuaremos nossa visita à história do bairro passeando pelo jardim do Santana.

CAPÍTULO II

O SANTANA ENTRE O RURAL E O URBANO: O CONSOLIDAR DE UMA RURBANIZAÇÃO PRESENTE

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares, não se fixam¹.

A descrição de Cloé, faz-nos lembrar o cotidiano das grandes cidades contemporâneas no Brasil e no mundo onde, no burburinho do dia-a-dia, as relações sociais vão se fragmentando e assumindo novos padrões. As pessoas já não conhecem todos os habitantes da cidade, de fato, já não se reconhecem. Nesse ínterim, novas demandas vão se formando, novos comportamentos emergem, novas identidades se formam.

Com o Santana, percebemos um movimento semelhante, que leva a um novo padrão de viver e habitar o bairro constituindo-se e solidificando-se ao longo dos anos aqui percorridos. Os anos 70 e 80, discutidos no capítulo anterior, foram muito importantes para a constituição do bairro, sobretudo por que foi nesse período que começam a se delinear os contornos que o bairro vai assumir de maneira mais significativa dali por diante. O título deste capítulo retoma duas categorias importantes que têm feito parte deste trabalho: o rural e o urbano. Até aqui fizemos uma significativa discussão sobre o rural e o continuaremos a fazer, aprofundando as questões já delineadas e que ainda se fazem presentes nos anos 90. Nessa década, o bairro permanece inicialmente na condição de zona rural, conforme era classificado pela Prefeitura de Municipal de Teresina, mas já começando a apresentar características que

¹CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

posteriormente o trarão para o enquadramento urbano da cidade, passando a pertencer aos limites geográficos da zona metropolitana de Teresina.

Na condição de bairro urbano, exigir-se-á do poder público municipal uma atuação mais efetiva do ponto de vista dos melhoramentos urbanísticos, como se delineou nos anos 2000, momento em que percebemos uma constante interação entre as dimensões rurais que o cercam e as urbanas que se fazem presente no cotidiano das pessoas que o habitam. Essa interação permite a classificação do bairro na condição de espaço onde é presente a rurbanização, categoria que tomamos conhecimento a partir dos escritos de Carneiro², que se referem a esses espaços que, como apontamos no título, estão entre o rural e o urbano. Assim, a autora não nega a validade dos muitos estudos que dão visibilidade ao processo de migração campo-cidade, mas aprofunda a discussão mostrando que em dado momento esse movimento muda, fazendo com que cada vez mais as pessoas permanecem nos seus espaços rurais sem que isso signifique um total distanciamento da dimensão urbana da cidade. São engendradas, então, novas formas de viver que unem o modo rural de viver ao espaço urbano ou trazem o modo urbano de viver aos espaços rurais.

Dessa forma, aprofundaremos ao longo do capítulo as discussões sobre o rural e o urbano, percebendo-os na perspectiva da rurbanização, ou seja, como categorias de análise que se referem a espaços que estão em importante interação e não de forma contraditória, dicotômica como há muito se trabalhava. Assim, este trabalho traz uma íntima aproximação entre a História e outras disciplinas que estudam a cidade.

A narrativa histórica não pode ser despreendida das motivações do presente que inquietam o historiador e o instigam a pesquisar³, tornando-se de suma importância que esta narrativa se ponha a discutir uma questão tão importante como a escolhida para que se possa conhecer um pouco mais a história deste bairro, das pessoas que o habitam, da cidade que o contém. Ao partirmos de um estudo que possui um recorte temporal muito próximo de nosso presente cotidiano, foi possível partilharmos dos referenciais propostos por Helena Isabel Muller⁴ quando nos diz que “[...] a história do tempo presente coloca-se como prática

²CARNEIRO, M. J. (coord.). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto “Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção”. Rio de Janeiro, setembro de 2002, pp.5-23.; CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. **Anais**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

³BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR., Gilson (Org.). **História do Tempo Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 17-29.

contemporânea do historiador que se posiciona como tal, ao construir um passado a ser por ele narrado a partir de uma problemática também por ele criada”⁵.

Assim, o texto prossegue dividido em dois subtópicos que tratam das mudanças pelas quais o bairro passou nas duas décadas elencadas para serem discutidas, sem necessariamente ter que seguir uma ordem cronológica e linear deste ponto até as páginas que encerram o capítulo. Partindo desse pressuposto, definiu-se que o primeiro subtópico discutirá a urbanização que começa a chegar no bairro, o incremento das ações de saúde desenvolvidas para a região e a integração destas à instalação de um Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) para atender o bairro e as localidades próximas. Também optou-se por dar ênfase à instrução pública desenvolvida no bairro, bem como as ações de formação para o trabalho que aconteceram, fosse por ação direta do poder público ou por instituições outras que tiveram interesse de desenvolvê-las no bairro. E no segundo momento, aprofundaremos a discussão acerca da urbanização que se faz presente no bairro a partir dos referenciais empíricos indicados no subtópico anterior, bem como de outros dados pertinentes. Passemos, então, a caminhar pelo jardim contando sua história e da cidade que o abriga.

2.1 Cuidados com o Jardim: urbanização e melhoria da qualidade de vida

Para definir a classificação do espaço ocupado pelo Santana, nos apoiamos em termos geográficos pela definição indicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo este órgão, podemos definir como rural a “área de um município externa ao perímetro urbano”⁶. É partindo desse ponto que classificamos o Santana como rural na década de 1980 até o início da década seguinte, pois nesse período a legislação de Teresina não o apontava como integrante da zona urbana. Cabe ressaltarmos, no entanto, que partimos da legislação para analisarmos até que ponto podia-se perceber no bairro características que permitissem sua classificação como tal.

As moradias do bairro hoje se encontram em uma situação bem diferente daquela mostrada pela Sra. Adelaide quando chegou à região. A imagem da casa de palha foi progressivamente sumindo em meio às novas construções, agora feitas de telha e tijolo. As

⁵MULLER, 2007, p. 28.

⁶BRASIL. **Noções Básicas de Cartografia**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografi a/manual_nocoos/elementos_representacao.html. Acesso em 13 maio 2012 às 21:18.

ruas antes enlameadas, agora estão majoritariamente calçadas. O ar de urbanização tem alcançado o bairro em sua quase completude, tornando a vida de sua população mais agradável e de maior qualidade. Fazemos referência à casa, pois acreditamos que:

Um dos elementos fundamentais da paisagem urbana na escala da rua é constituído pelos imóveis residenciais e pela estrutura da propriedade fundiária urbana. [...] Com efeito, o imóvel é uma parcela cadastral em que a ocupação principal do solo é constituída de superfícies construídas⁷.

Dessa forma, ao analisar o bairro pelas narrativas da Sra. Adelaide faz-se necessário destacar o espaço habitado, pois este torna-se o referencial de lugar onde as pessoas criam elos afetivos, alargando posteriormente os laços para as demais áreas do bairro na medida em que este é considerado o lugar ideal de morada. Essa perspectiva nos faz concordar com Rolnik ao afirmar que “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que o construíram, denota o seu mundo”⁸.

Por outro lado, as falas da Sra. Adelaide descrevem o bairro ainda nos anos 80. Desse modo, procuramos a narrativa de pessoas que chegaram no bairro nos anos 90, para que pudéssemos traçar um padrão comparativo entre as narrativas. A metodologia da história oral permitiu-nos compreender que as narrativas orais se constituem a partir de fatos marcantes que permitem ao narrador localizar sua fala com padrões de coerência. Entendemos, assim, que um período de mudança de casa poderia ser um bom aporte para as narrativas, daí a preocupação deste pesquisador na escolha de quem entrevistar. Segundo Paul Thompson⁹,

[...] as testemunhas, podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação do relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo¹⁰.

O autor parte de uma perspectiva até certo ponto militante acerca da metodologia da história oral, sendo enfático ao afirmar que ela permite ouvir os desprivilegiados da História. No entanto, é preciso ter em mente que a história oral também pode ser utilizada para a escrita da História que tenha por objeto as elites, como muito se fez no Brasil. Mas por outro lado,

⁷ROSSI, 2001, p. 35.

⁸ROLNIK, 2004, p. 17.

⁹THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹⁰THOMPSON, 1992, p. 26.

não pode-se negar a importância da metodologia para o que Thompson chama de mensagem social da história, permitindo que em trabalhos como este – que estuda um bairro e uma população que por muito tempo foi alijada do processo de urbanização da cidade – construam-se fontes significativas para a compreensão de seu objeto.

Dentre os moradores que foram possíveis contatar, escolhemos a narrativa da Sra. Maria Leice Coelho Silveira. Segundo ela, sua chegada no bairro data do início da década de 1990, mais precisamente em 1993. Questionamos, nesse primeiro momento, acerca da paisagem do bairro. Segundo ela,

O bairro era muito assim: não tinha infra-estrutura, era a maior dificuldade da água encanada, aqui o abastecimento da água era o chafariz que dificultava muito a vida das pessoas. A questão da falta de água. Também nessa época não tinha linha de telefone. Não dava para suprir a necessidade da comunidade¹¹.

A descrição acima não parece muito diferente daquela feita pela Sra. Adelaide quando descreveu a paisagem do bairro nos anos 80, indicando uma permanência significativa no decurso da trajetória do bairro. De tal modo que podemos depreender que a má situação da moradia, descrita por ambas as senhoras, foi uma constante ali durante anos, o que demonstra a lentidão do poder público municipal em atuar na região. Nosso argumento é que essa demora tenha se dado pelo fato de que as terras do bairro ainda eram consideradas como privadas, tendo em vista que o loteamento Jardim Europa havia sido embargado, pois sua localização fica dentro dos limites das terras que a Usina transferiu para a Cerâmica como demonstramos anteriormente. Em outras palavras, seria responsabilidade deste proprietário as obras a serem realizadas em suas próprias terras.

No entanto, tendo em vista a má condição dos negócios com o fechamento da Usina e o fato de que a Cerâmica era de pequeno porte, portanto, provavelmente não dava lucro tão significativo, além do fato de que se esperava pela regularização do loteamento, não seria conveniente interferir com melhoramentos urbanísticos no bairro. Do lado da Prefeitura, a não intervenção justifica-se pelo caráter até certo ponto “irregular” das ocupações, não podendo esse órgão intervir com recursos públicos para a melhoria em terras privadas. Isso trouxe danos significativos àquela população que sofria com a falta de serviços públicos que pudessem atender plenamente às suas necessidades. Nesse momento, o poder público

¹¹SILVEIRA, 2010.

municipal se via em uma situação complicada, ainda sofrendo com o inchaço populacional que a cidade passou nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Diná da Rocha Loures Ferraz¹²:

Teresina, a exemplo dos demais centros urbanos brasileiros, também vivenciou um intenso fluxo populacional, especialmente a partir das décadas de 1970 e 1980, quando houve uma grande demanda de pessoas oriundas, tanto da zona rural dos municípios piauienses, como de outros Estados, contribuindo inevitavelmente para o aumento do déficit habitacional nessa cidade¹³.

Nessa perspectiva, Teresina precisava lidar com o déficit habitacional, problema recorrente também na contemporaneidade, o que pode ajudar a entender como o poder público municipal acabou por deixar de lado a situação de bairros como o Santana. Não se quer dizer com isso, que o Santana não precisasse ser levado em consideração, mas que seria mais fácil para o poder público municipal lidar com outras áreas da cidade integradas mais diretamente à malha urbana, tendo em vista que diminuir o déficit habitacional não diz respeito apenas a dar condições de abrigo, implica também possibilitar condições dignas de moradia, como saneamento básico, abastecimento regular de água, energia elétrica, transporte público etc.

O inchaço populacional que a cidade passou no período destacado foi motivo de notícia nos jornais da época, indicando a necessidade de que fosse feito algo com as pessoas que cotidianamente sentiam na pele os reflexos desse crescimento desordenado. Assim, encontramos uma notícia que indicava que Teresina, na condição de um dos principais centros migratórios do Nordeste, precisava lidar com essa “[...] sobrecarga demográfica sufoca a cidade, na medida em que não pode oferecer moradia, emprego, saúde, educação a todos os seus moradores, resultando na multiplicação dos bolsões de miséria”¹⁴. É pensando nesses elementos que Milton Santos¹⁵ nos diz que a “cidade, mais do que antes, é um pólo da pobreza (a periferia no pólo...), o lugar com mais força e capacidade de atrair e manter gente pobre, ainda que muitas vezes em condições sub-humanas”¹⁶. Dessa maneira, o autor deixa perceber como o aumento populacional que as cidades têm sentido trazem consigo problemas que não são apenas de ordem estrutural, mas também sociais. Por outro lado, se as cidades

¹²FERRAZ, Diná da Rocha Loures. **A questão fundiária urbana**: reflexões sobre os direitos e as representações em relação à moradia. 119 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

¹³FERRAZ, 2007, p. 13.

¹⁴TERESINA depois dos seus 139 anos. **O Dia**. 16/17 ago. 1991. p.3.

¹⁵SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

¹⁶SANTOS, 2009, p. 10.

atraem gente pobre é por que, de alguma forma, elas representam uma esperança de melhoria de vida, de melhores condições de sobrevivência, embora nem sempre isso se materialize na prática.

Nesse contexto, o Santana foi um dos bairros que, se por um lado não sofreu esse inchaço populacional das pessoas que vinham para a capital, por outro não foi lembrado como alvo das políticas públicas municipais de forma mais efetiva até o início dos anos 90. A Sra. Maria Leice nos indica um ponto básico que dificultava a vida das pessoas: o abastecimento de água. Este era feito através de um chafariz, que funcionava da seguinte maneira:

Esse chafariz tem a... uma senhora que era encarregada, a Nasaré, que ela ligava às 6 horas a bomba e desligava às 19 horas. Durante o dia ele era ligado à disposição da população. [...] Com latas, apanhava [a água] e levava em vasilhames¹⁷.

O chafariz a que a narrativa se refere tinha uma caixa de água, visando o armazenamento da água para usos noturnos, tendo em vista que o funcionamento do chafariz se dava apenas no período diurno. De tal modo que se alguém precisasse de água fora do horário de funcionamento do chafariz e caso sua caixa de água secasse, teria que pedir a um vizinho ou, ainda, buscar água na casa daqueles que possuíssem um poço em seus terrenos. Esses poços artesanais serviam para complementar o consumo de casa, pois acreditamos ser bastante cansativo carregar água durante todo o dia para as tarefas do lar. Aqueles que possuíam tais poços ou os usavam como única fonte de água ou apenas para complemento do consumo. Segundo a Sra. Maria Leice, os poços artesanais complementavam o consumo da casa nos serviços domésticos como lavar roupas, a casa, banho; ficando a água do chafariz, que era de melhor qualidade que a dos poços, para beber e cozinhar. Preocupação que remete à questão do saneamento e da saúde.

Esse problema com o abastecimento de água vai seguir até por volta do ano 2000, quando a Águas e Esgotos do Piauí S. A. (AGESPISA) implementa o serviço de água encanada em todo o loteamento Jardim Europa, atendendo parcialmente o Santana do ponto de vista da sua dimensão territorial e quase que completamente se tivermos em vista que naquele momento a área significativamente ocupada e que permitia que o encanamento chegasse até as casas era o Jardim Europa. Dessa forma, vemos um empenho no atendimento às necessidades das famílias, facilitando suas vidas, pois com a benfeitoria acabava-se as

¹⁷SILVEIRA, 2010.

caminhadas cotidianas entre as casas e o chafariz, embora ele não tenha sido desativado de imediato.

No entanto, ações como estas não devem ser vistas como boas ações do poder público estadual, como se estivesse realizando um favor ao bairro. Durante o período da Ditadura como já vínhamos apontando, as ações do Estado assumem um caráter claramente assistencialista, paternalista, construindo a imagem de que o Estado estava sendo bondoso ao atender as demandas sociais. No contexto em que estamos tratando, nos deparamos com um momento onde as ações do Estado são reformuladas em decorrência da nova constituição vigente¹⁸.

Assim, vemos a chegada da água encanada no Santana como uma resposta às necessidades de uma população que pelo seu crescimento demográfico chama a atenção dos gestores públicos, pois constituem-se como importante grupo de possíveis eleitores. Na tabela¹⁹ abaixo, pode-se visualizar uma comparação entre o Santana e alguns bairros vizinhos quanto ao abastecimento de água.

TABELA 1: Domicílios com Abastecimento de Água no Santana e nos bairros vizinhos.

BAIROS	Bom Príncipe	Santana	São Sebastião	Todos os Santos	Verdecap
CARACTERÍSTICAS					
População	1.272	3.712	8.301	1.559	956
Domicílios permanentes	361	758	2.248	335	214
Domicílios com abastecimento d'água	89	432	2.045	259	13

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)²⁰.

Como pode ser percebido, o Santana é o segundo bairro com o maior número de habitantes, elemento que reforça que esse direcionamento de olhar dos poderes públicos municipal e estadual, que começa a se tornar mais efetivo na década de 1990 ganhando maior impulso nos anos 2000, não acontece de forma desinteressada. Os dados apresentados ainda permitem notar que o Santana é o terceiro bairro com maior número de domicílios atendidos

¹⁸BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado, 1988.

¹⁹A tabela foi constituída a partir do documento Teresina em bairros Maio/2004. Esse documento apresenta dados relativos aos diversos bairros da cidade de Teresina, partindo dos dados fornecidos pelo Censo realizado no ano 2000. No entanto, o documento não uniformiza a forma como os dados de cada bairro são apresentados. Por exemplo, enquanto no bairro Santana ele indica a existência de uma Unidade de Saúde, para o bairro Verdecap a seção é simplesmente suprimida sem indicar o por quê da supressão. Diante disso, adotou-se a convenção (-) para indicar que o dado não consta no documento, mas não se pode afirmar com certeza que determinado elemento infraestrutural como uma Unidade de Saúde não exista.

²⁰TERESINA. **Teresina em bairros Maio/2004**. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2004.

com o abastecimento de água com 56,99%. Em primeiro lugar figura o bairro São Sebastião com 90,96% de seus domicílios atendidos e, em segundo lugar, o bairro Todos os Santos com 77,31% de domicílios atendidos. Tenhamos em vista, no entanto, que estes dois últimos bairros citados estão integrados ao contínuo urbano da cidade, o que não acontece com os demais. O bairro Bom Princípio apresenta taxa de 24,65% de abastecimento e o bairro Verdecap aparece com o índice de apenas 6,07% de abastecimento. Considerando que estes dois estão mais próximos do Santana, poderíamos dizer que o Santana estava naquele momento em melhor condição, ainda que necessitasse de ampliação desse volume de abastecimento, pois como os dados da tabela mostram, apenas cerca de cinquenta por cento dos domicílios permanentes eram atendidos.

Dessa forma, percebemos como o aumento populacional que o Santana obteve nos últimos anos fez com que ele se destacasse em meio aos bairros próximos, surgindo aos olhares dos gestores públicos como importante espaço de suas ações. É nesse sentido que percebemos que o Santana assume o papel de carro-chefe do desenvolvimento na região, pois com o seu crescimento os bairros próximos também se beneficiam.

Para ajudar a compreender essa realidade, apresentamos um mapa constituído por meio de técnicas de georreferenciamento que Antônia Jesuíta de Lima²¹ utilizou em sua pesquisa de pós-doutoramento. Fizemos um esforço na busca dos mapas originais, mas não foi possível encontrá-los. Assim, adaptamos os mapas de Lima indicando a localização do bairro Santana e do loteamento Jardim Europa, bem como realizamos outros procedimentos também visando ampliar a nitidez da imagem, possibilitando a sua utilização de maneira mais eficiente na discussão. No mapa a seguir, podemos visualizar como o atendimento de água encanada se distribuía pela cidade de Teresina, com destaque para o bairro Santana.

²¹LIMA, Antônia Jesuíta de. **Gestão Urbana e Políticas Públicas de Habitação Social**: análise de uma experiência de urbanização de favelas. São Paulo: Annablume, 2010.

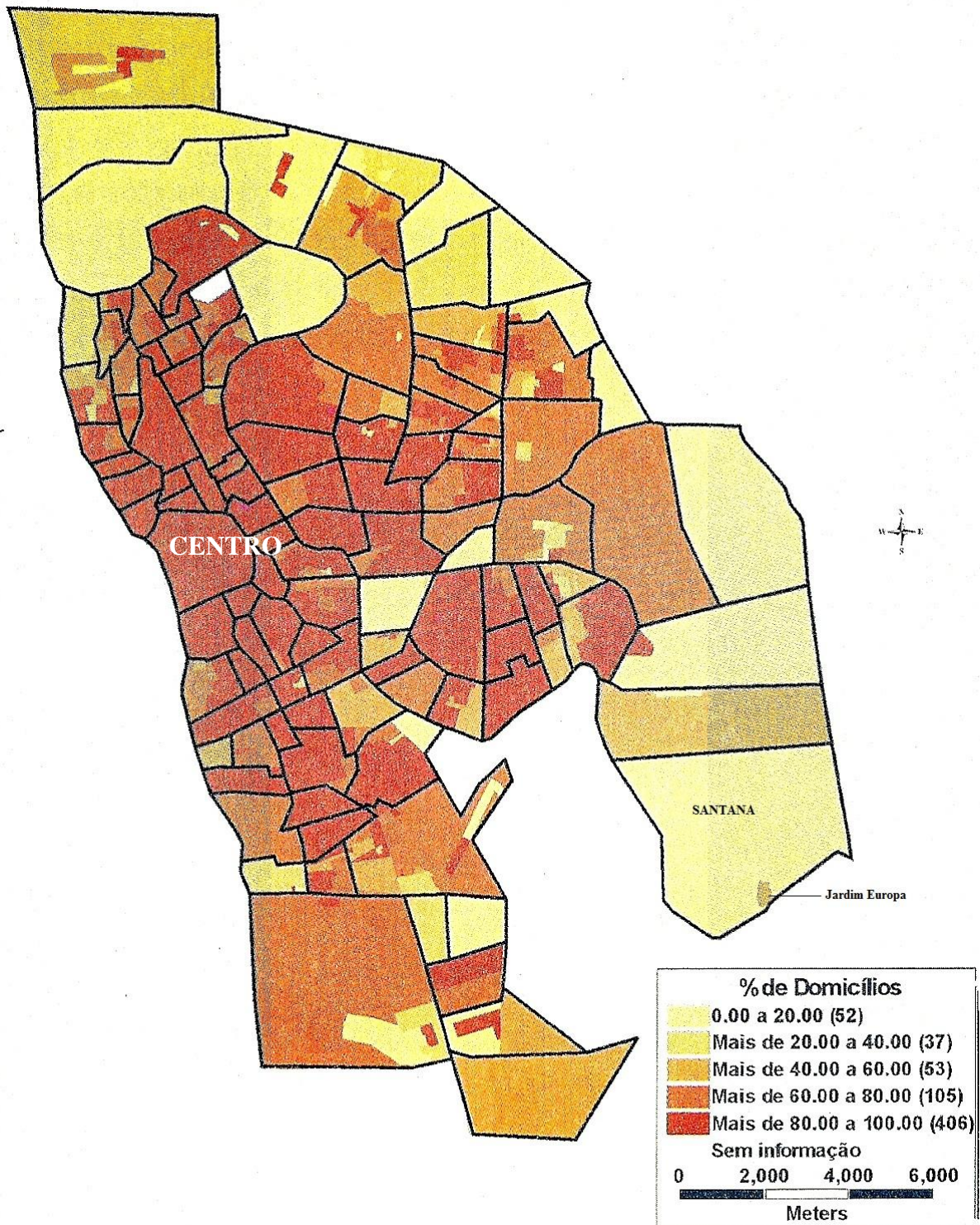


FIGURA 4: Porcentagem de domicílios (particulares permanentes) servidos pela rede geral de água canalizada em pelo menos um cômodo. Teresina-Piauí. 2000.

FONTE: Adaptado de LIMA, 2010²².

Como pode ser visto, o Santana contém em seu interior o loteamento Jardim Europa como referenciamos anteriormente. Olhando atentamente, percebemos que os índices de

²²LIMA, 2010, p. 87.

Jardim Europa são diferentes daqueles apontados para o Santana como um todo, pois apenas esse fragmento do bairro possui a rede canalizada de água da AGESPISA. Esse fato é importante, pois mostra como esse loteamento assume o papel de carro-chefe das mudanças estruturais que o bairro começa a sentir. Como parte da cidade, o bairro assume características próprias que compõem essa multiplicidade de perspectivas que se podem narrar sobre Teresina, na medida em que a cidade “é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação”²³, o que dá especificidades ao espaço compreendido pelo Santana que é dotado de um percurso histórico que não necessariamente precisa ser convergente ao da cidade, mas que está inserido nela.

Comparando o bairro com outras áreas próximas, podemos dizer que sua taxa de abastecimento de água canalizada era mediana. Outros bairros da capital, embora também distantes do centro da cidade, já apresentavam um nível melhor. Reflexo, sobretudo, do período que o Santana passa despercebido aos olhos do poder municipal. A imagem toma como referência o Censo de 2000 realizado pelo IBGE, assim como os dados da Tabela 1, indicando em seu título que toma por base o abastecimento em domicílios particulares permanentes, indicativo de que os moradores naquele ano já se consideravam donos efetivos da terra desde quando lhes foi permitido morar, partindo do ponto de vista que o IBGE, em seus Censos, usa como dado aquilo que é informado pelos habitantes da casa.

Em reportagem encontrada no sítio eletrônico do governo do Estado do Piauí, dando visibilidade aos feitos governistas, vemos a atuação da AGESPISA já consolidada e, agora, sendo ampliada para atender de maneira mais eficiente os moradores que ocupam o Jardim Europa. Assim nos conta Dulce Luz:

A Agespisa está viabilizando recursos para ampliar a rede de abastecimento de água na região da Usina Santana, zona Sudeste de Teresina. O presidente da empresa, Assis Carvalho, esteve na comunidade, no final da tarde da última quarta-feira, 21, para falar sobre o projeto, que está orçado em R\$ 468 mil. A intervenção da Agespisa no local vai beneficiar cerca de 4 mil pessoas. O engenheiro Rafael Pereira é um dos técnicos da empresa responsável pelo projeto, que prevê a construção de um reservatório com capacidade de 100 mil litros de água, perfuração de poços, instalação de 10 quilômetros de tubulação e novos equipamentos [...] O encontro do presidente da Agespisa com os moradores foi promovido pelo vereador Cícero Magalhães (PT), que está acompanhando de perto a luta da comunidade para ter abastecimento regular de água ²⁴.

²³ROSSI, 2001, p. 66.

²⁴LUZ, Dulce. **Agespisa desenvolve projeto para Usina Santana**. Disponível em: <http://www.sict.pi.gov.br/materia.php?id=16926>. Acesso em 17 nov. 2010 às 22:59.

À medida que a população vai crescendo e se torna atrativa em termos eleitorais, ela ganha voz junto ao poder público municipal, tendo suas solicitações atendidas passo a passo e, em alguns casos como o do abastecimento de água, em articulação com o poder público estadual. Notemos que o projeto vai atender mais 4 mil pessoas, demonstrando como o Jardim Europa age como um elemento impulsionador do desenvolvimento do Santana. O crescimento da população foi fazendo necessário que medidas fossem tomadas visando um melhor atendimento da população. Ação essa que não acontece e não é noticiada de maneira desinteressada. A reportagem faz questão de citar a atuação de Assis Carvalho intermediada pelo vereador Cícero Magalhães pertencente ao Partido dos Trabalhadores (PT), que naquele ano estava à frente do poder executivo estadual. Assim, inferimos que essa população se torna mais ouvida à medida que cresce seu principal poder de barganha: o voto.

Além disso, podemos perceber como as esferas estadual e municipal mobilizam e disputam ações quando os interesses eleitorais ganham força. Embora o poder executivo municipal estivesse nas mãos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), a intermediação de um vereador ligado às bases do governo estadual possibilitará a realização de obras no bairro, podendo redirecionar votos para seu partido seja em âmbito municipal ou estadual. Tais análises podem ser feitas, pois o historiador não está desprendido de seu tempo, ainda mais quando o tempo ao qual dedica seu olhar está tão próximo de si. Pensando nisso, René Remond²⁵ afirmou que a história não vive

fora do tempo em que é escrita, ainda mais quando se trata da história política: suas variações são resultado tanto das mudanças que afetam o político como das que dizem respeito ao olhar que o historiador dirige ao político. Realidade e percepção interferem²⁶.

Desse modo, as questões levantadas por Remond, ajudaram-nos a compreender a região e as disputas políticas que se desenvolvem em seu interior de forma mais crítica e atenta. A problemática da água nos remete a outro elemento que não se pode deixar de discutir em uma narrativa sobre bairros e comunidade carente de serviços públicos. Tomando por base as narrativas de Sra. Adelaide e Sra. Maria Leice acerca da chegada de ambas ao bairro, embora se distanciando em quase uma década, podemos notar que suas representações sobre o bairro passam sempre pela percepção da população pobre e que vivia mal. Tratamos

²⁵REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ediora FGV, 2003.

²⁶REMOND, 2003, p. 22.

essas narrativas como representações na perspectiva apontada por Silva quando diz que esta é concebida:

[...] como sistemas de signos, como uma marca material. A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral. A representação não é, nessa concepção, nunca, representação mental ou interior. A representação é, aqui, sempre marca ou traço visível, exterior²⁷.

Nesse sentido, as falas dos narradores citados ao longo deste trabalho, e não apenas das senhoras apontadas acima, podem ser entendidas como as marcas materiais das representações mentais que eles constroem sobre o bairro que os abriga, em um movimento constante de construção e reconstrução da espacialidade que cotidianamente eles percorrem. Mas é justamente a partir desse traço exterior que podemos fazer um outro movimento que é o de construir e reconstruir a história do Santana.

Cabe então, que discutamos, agora, as condições de acesso à saúde que essas pessoas dispunham, buscando perceber o sentido das mudanças que o Santana passa também sentir a partir deste outro aspecto. Voltamos a indagar a Sra. Maria Leice sobre o atendimento médico quando ela se tornou moradora do bairro. Assim ela nos responde:

O atendimento médico também era bem precário por que tinha um médico, um enfermeiro e uma atendente. O pessoal da administração tinha a administradora e a pessoa que no caso atendia... marcava a consulta. Era um posto em péssimas condições de instalação, as instalações eram péssimas, mas eh mediante reivindicações da Associação de Moradores, da comunidade foi construído um posto novo²⁸.

Dessa forma, fica claro que a situação do Jardim Europa não fugia ao perfil de localidade pobre e sem acesso às condições mínimas de atendimento médico. Sabemos que uma constante de zonas afastadas e periféricas da cidade, é o fato da população sofrer com a dificuldade de acesso às condições mínimas de cidadania que, ao nosso ver, se constitui na oferta de atendimento em saúde, escola e infraestrutura, dentre outros aspectos. A descrição que a Sra. Maria Leice faz é de meados da década de 1990. Mas como ela bem lembrou, em atendimento às reivindicações dos moradores do bairro, o posto de saúde foi reconstruído de

²⁷SILVA, 2000, p. 90-1.

²⁸SILVEIRA, 2010.

maneira que a população tivesse acesso a um atendimento de saúde próximo de sua residência e de maior qualidade.

Esse período é importante, pois é justamente o momento em que o Santana é enquadrado no zoneamento urbano da capital, conforme consta na lei 2.283 de 10 de março de 1994, como segue:

Art. 1º - Esta Lei delimita o perímetro da zona de expansão urbana de Teresina, objetivando assegurar melhores condições de habitabilidade e conforto para a população e, também, a otimização e economia dos serviços públicos de infra-estrutura urbana, proporcionando crescimento urbano racional, com a preservação do meio ambiente e dos bens culturais, aumento das taxas de área verde, e ocupação adequada do solo urbano. Art. 2º - A área de expansão urbana referida nesta Lei compreende a margem esquerda da TR-120 que vai da BR-343 até o Povoado Santana, com 5(cinco) Km no sentido Leste/Oeste²⁹.

O primeiro ponto que destacamos é o fato de a lei se reportar ao perímetro de expansão urbana da cidade no seu sentido sudeste, em um movimento que já vinha ocorrendo desde os anos 70, como bem destacou Araújo³⁰. O trecho da lei é importante para que se perceba como o bairro nos anos 90 vai ganhando espaço junto ao poder público municipal, fazendo sentir a sua importância que exige melhorias para a região. Tendo em vista que a lei foi promulgada com o único objetivo de enquadrar as regiões próximas ao Santana (embora a lei fale de Povoado Santana, com seu ingresso na zona urbana ele perde o status de povoado e assume o de bairro), poderia também servir para regularizar a situação do loteamento Jardim Europa, do ponto de vista da posse da terra, uma vez que as terras estando na zona urbana perderia o sentido do embargo do loteamento, mas a situação continuou sem solução na medida em que a situação das escrituras dos terrenos continuou indefinida. Por outro lado, as demandas do Santana poderiam ser atendidas com recursos outros que visassem o desenvolvimento urbanístico da cidade, pois a lei é enfática ao informar sobre a racionalização dos usos dos serviços públicos, da melhor habitabilidade e conforto para a população. Outro elemento importante que se pode inferir a partir do que a legislação apontou é a preocupação do poder público municipal em racionalizar o crescimento da cidade, justificando tais modificações no perímetro da malha urbana da cidade. Na imagem abaixo, podemos visualizar o sentido do reordenamento espacial da cidade.

²⁹TERESINA. **Lei 2.283 de 10 de março de 1994**. Delimita o perímetro da zona de expansão urbana de Teresina e dá outras providências. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

³⁰ARAÚJO, 2009.

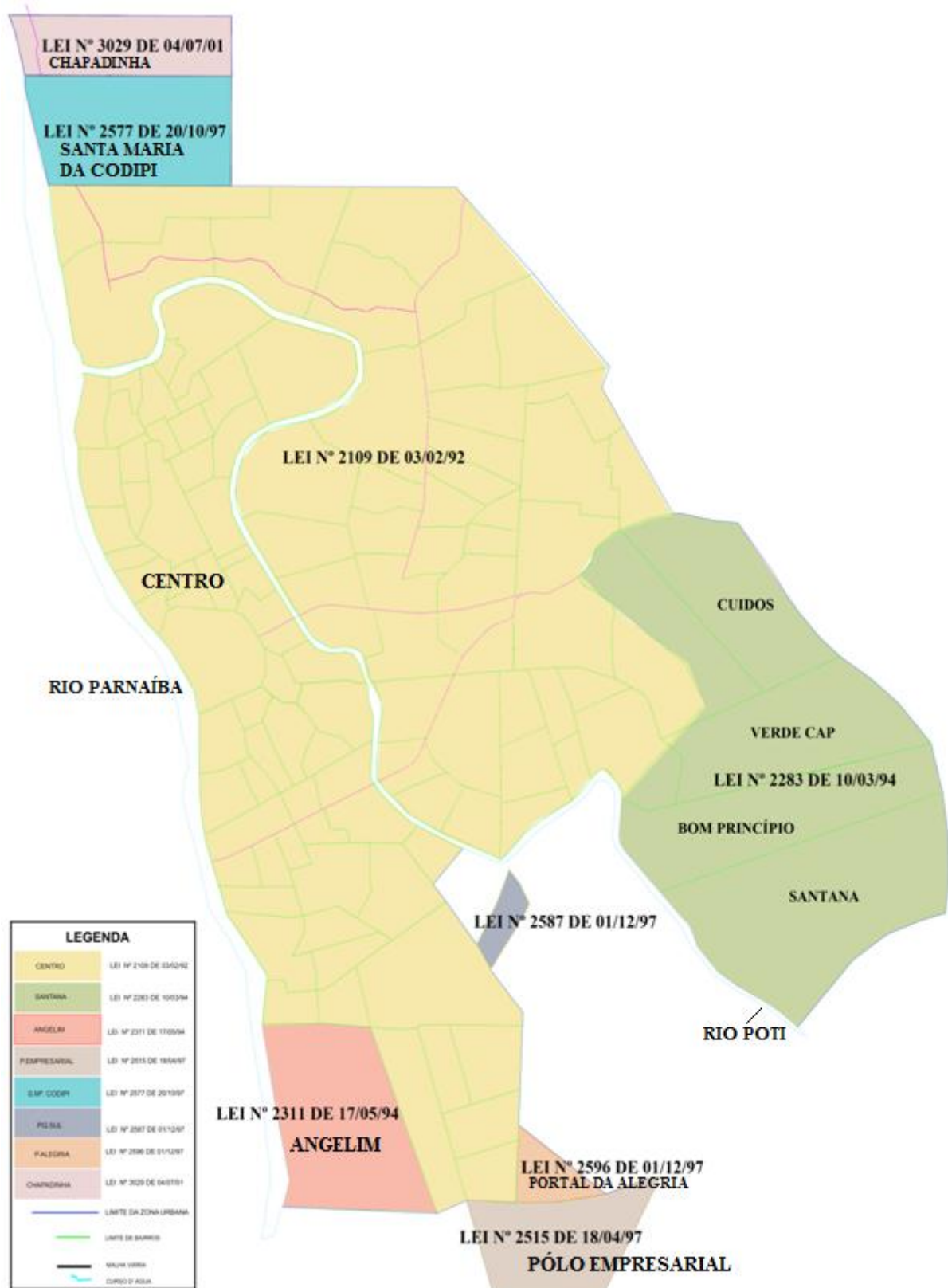


FIGURA 5: Perímetro de Expansão Urbana de Teresina na década de 1990
 FONTE: Adaptado de Teresina, 2002³¹.

³¹TERESINA. Perímetro Urbano. In: TERESINA. **Teresina em Dados**. Teresina: SEMPLAN, 2002.

A área de crescimento a que estamos nos referindo está marcada pela cor verde, estando no seu extremo o bairro Santana. A observação desse mapa é importante, dentre outros aspectos, por que permite perceber como a cidade cresceu nos seus sentidos leste e sudeste em uma velocidade significativa a partir dos anos 70. No mapa que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, referente aos anos que retratam a malha urbana de Teresina, percebemos como a cidade não havia avançado para além do rio Poti, mas apenas 20 anos depois ela já apresentava um zoneamento urbano bastante diferenciado, praticamente dobrando sua área de cobertura. Assim como nos outros mapas, realizamos algumas adaptações para que fosse possível ler a legenda, pois ela indica o crescimento da cidade a partir do que foi legislado para a cidade. Desse modo, o mapa parte do zoneamento feito pela lei 2.109 de 03 de fevereiro de 1992³², passando por uma redefinição em 1994 conforme a lei 2.283³³, bem como lei 2.311³⁴, seguindo em 1997 com as leis 2.515³⁵, 2.577³⁶, 2.587³⁷ e 2.596³⁸, assim como em 2001 com a lei 3.029³⁹. Essas sucessivas redefinições do zoneamento urbano da capital, demonstram como a cidade cresceu em ritmo acelerado e muitas vezes desordenado, exigindo que o poder público municipal tomasse medidas com fins a regularizar esses novos espaços que se integravam à antiga malha urbana, e ao mesmo tempo fazendo com que novas ações fossem implementadas nestas áreas da cidade para atender à demanda que se fazia presente.

Inserido nesse processo de crescimento, o Santana também sentirá essa necessidade de integração que acaba refletindo diretamente no modo como a população passa a ter acesso aos serviços públicos básicos. Nesse aspecto, a fala da Sra. Maria Leice é significativa, pois permite que direcionemos a análise para a situação do atendimento à saúde no bairro que, embora precário no início da década de 1990 – conforme ela nos diz, passa por melhoramentos nos anos 2000. Assim, vez após vez percebemos como as fontes orais indicam

³²TERESINA. **Lei 2.109 de 03 de fevereiro de 1992**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1992.

³³TERESINA. **Lei 2.283 de 10 de março de 1994**. Delimita o perímetro da zona de expansão urbana de Teresina e dá outras providências. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

³⁴TERESINA. **Lei 2.311 de 17 e maio de 1994**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

³⁵TERESINA. **Lei 2.515 de 18 de abril de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

³⁶TERESINA. **Lei 2.577 de 20 de outubro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

³⁷TERESINA. **Lei 2.587 de 01 de dezembro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

³⁸TERESINA. **Lei 2.596 de 01 de dezembro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

³⁹TERESINA. **Lei 3.029 de 04 de julho de 2001**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 2001.

para o fato de que o acesso aos serviços públicos foi sentido com maior intensidade a partir dos anos 2000, reforçando nosso argumento de que só a partir do enquadramento do bairro no perímetro urbano da cidade é que se farão sentir as ações do poder público municipal, indicativo também de uma possível rejeição dos povoados rurais a segundo plano nos interesses da administração municipal.

Na tabela seguinte, apresentamos dados relativos às condições de saúde no bairro Santana e nos bairros vizinhos, conforme já vínhamos fazendo. Quanto a este aspecto só foi possível traçar uma paralelo mais direto com o bairro São Sebastião, pois é o único bairro próximo ao Santana que teve seus dados consolidados no documento a que tivemos acesso.

TABELA 2: Condições da Saúde no Santana e nos principais bairros vizinhos

BAIRROS	Bom Princípio	Santana	São Sebastião	Todos os Santos	Verdecap
CARACTERÍSTICAS					
Unidade de Saúde	-	1	-	1	-
Famílias cadastradas e acompanhadas	-	898	1.619	1.134	-
Gestantes acompanhadas	-	98,15%	93,84%	-	-
Taxa de mortalidade infantil	-	56,34/1000 nascidos vivos	25,00/1000 nascidos vivos	-	-
Crianças menores de um ano com vacina em dia	-	86,49%	82,20%	78,95%	-

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁴⁰.

Pelo exposto, notamos que as taxas de acompanhamento de gestantes eram altas indicando que o Programa Saúde da Família (PSF) estava procurando cumprir o seu papel. Por outro lado, a taxa de mortalidade infantil é bem superior no Santana. Esse dado indica como as melhorias implementadas até aquele momento haviam sido importantes, mas também como a questão social vai assumindo novas expressões à medida em que os anos passam e a sociedade capitalista cresce.

Segundo o *Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES)*⁴¹, o Centro de Saúde Gil Martins está localizado na Avenida Principal da Usina Santana – a TER 120, contando com a presença de 24 profissionais do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo 2

⁴⁰TERESINA, 2004.

⁴¹BRASIL. **Centro de Saúde Gil Martins Usina Santana**. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. Disponível em: cnes.datasus.gov.br/cabecalho_reduzido.asp?VCod_Unidade=2211002444127. Acesso em 25 jul. 2012.

médicos e 22 profissionais ligados às demais áreas de atuação do Centro. Esse mesmo documento ainda conta que o Centro atua com serviços especializados na área de Saúde da Família, Serviço de Atenção ao Paciente com Tuberculose e Serviço de Atenção ao Prenatal, Parto e Nascimento. Para tanto, sua estrutura física conta com 1 clínica básica, 1 clínica odontológica, 1 sala de curativo e 1 sala de imunização.

Para que este Centro cumprisse de maneira ainda mais eficiente o atendimento à população do bairro, ele foi interligado ao Sistema Informatizado de Produção de Exames Laboratoriais (SoftLab) do Laboratório Raul Bacelar (LRB). Segundo o Portal Hoje:

O SoftLab é um programa que gerencia a produção de exames laboratoriais realizados pelo Laboratório Raul Bacelar, mantido pela Prefeitura de Teresina, permitindo o recebimento deles na própria unidade de saúde. Trata-se de um processo automático de acolhimento dos pedidos com o registro dos resultados mediante interface com os aparelhos que realizam os exames. A integração das novas unidades vai aumentar também a capacidade da rede municipal de saúde em relação ao atendimento, atingindo cerca de 40.000 clientes por mês⁴².

Dessa maneira, o Santana não apenas ganhou um novo centro de Saúde, mas também uma unidade coletora de material para exames laboratoriais. Sua população não precisa se deslocar para outros bairros, o Dirceu deixou de ser a rota costumeira para realizar os principais exames laboratoriais de análise imediata (sangue, fezes e urina), bem como os exames de Prevenção contra o Câncer de Colo do Útero feito pelas mulheres. Assim, todo e qualquer material coletado é enviado para análise no LRB e, após a análise, os resultados são enviados de volta para o centro de Saúde onde a coleta foi realizada. Ou seja, a população não precisa se deslocar nem mesmo para buscar seus resultados.

A matéria não deixa de destacar como essa integração é um ganho para a cidade, na medida em que diversos bairros são atendidos pelo sistema SoftLab. Isso pode ser reflexo de uma tentativa de aumentar a popularidade do então prefeito da cidade, Sílvio Mendes, que foi presidente da Fundação Municipal de Saúde (FMS) na gestão municipal de seu antecessor, Firmino Filho, que é do mesmo partido político, pois já era discutida pela mídia local a possibilidade do prefeito se candidatar a governador do Estado naquele ano, como de fato ocorreu. Destacamos ainda que provavelmente a intenção da matéria talvez não fosse ganhar eleitores no bairro, mas fora dele, levando o público leitor do sítio eletrônico a uma percepção de que o prefeito se preocupava com as diversas áreas da cidade, podendo o mesmo fazer

⁴²UNIDADES integradas ao Raul Bacelar serão inauguradas hoje. **Portal hoje**. 24 mar. 2010. Disponível em: <http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>. Acesso: 10 nov. 2010.

pelos diversos municípios do Piauí. Ao destacarmos a tentativa de buscar eleitores fora do Santana, referimo-nos ao fato de que a população do bairro provavelmente não teria acesso em massa a essa matéria tendo em vista que ele foi veiculada no meio eletrônico. Estamos tratando de uma população pobre, que provavelmente teria mais acesso a informações por meio da televisão.

Ações como essas tomadas pelo poder público municipal são somadas a outras que visam ampliar os cuidados com a sanitização do bairro, já integrado na rota de coleta de lixo doméstico da cidade. As melhorias que alcançam o bairro se dão em um ano eleitoral em nível estadual, levando-se a problematização dessas medidas neste contexto. Assim, a realização de obras, inaugurações de tantas outras, dentre outras ações tomadas não podem ser vistas apenas como reflexo da obrigação do poder público municipal com a população, mas ampliadas a partir de uma intenção eleitoral. Na figura abaixo, podemos verificar como a população cresceu em apenas quatro anos (de 1996 a 2000):

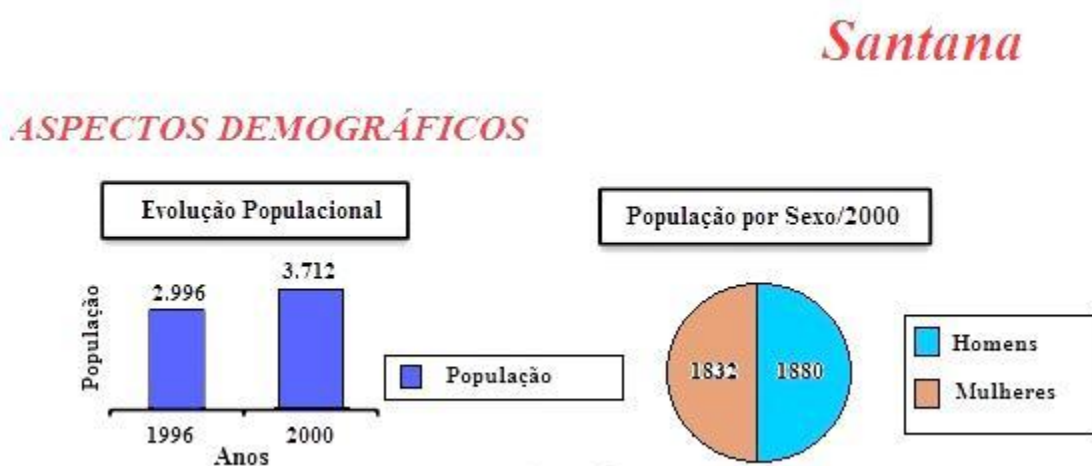


FIGURA 6: Aspectos demográficos do bairro Santana
 FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁴³.

Dessa forma, no início dos anos 2000, o bairro já apresentava uma população significativa, tornando-se alvo dos políticos no pleito eleitoral. Não é à toa que durante as campanhas eleitorais em nível municipal nos anos 2000, pode-se notar uma intensa presença de candidatos no passear pelas ruas do bairro, pedindo votos e prometendo melhorias significativas de forma que se pudesse mudar a paisagem e as condições de vida dos que lá

⁴³TERESINA, 2004.

habitam, como se tais ações dependessem de uma preocupação pessoal e não de uma ação compulsória do Estado.

Esse aumento populacional faz surgir demandas diferentes que impulsionaram as ações públicas no Santana. À medida que esse crescimento vai acontecendo, a questão sanitária precisa ser pensada, necessitando-se que sejam criados meios para melhorar essas condições de vida e permitindo que as pessoas habitem lugares com menos riscos à saúde. Torna-se importante a criação de fossas sépticas, bem como que se faça chegar ao bairro a coleta de lixo doméstico, diminuindo a queima do material que não apenas polui o ar, mas também afeta a saúde de quem mora próximo.

O aumento populacional que o bairro passou segue o caminho inverso daquele apontado por Ferraz⁴⁴ em sua discussão. Para a autora, o inchaço populacional nas cidades orienta-se no sentido campo-cidade, com uma parcela significativa da população saindo da zona rural e migrando para a zona urbana em busca de progresso, de novas e melhores condições de vida. Esse posicionamento também é discutido por Jerusa Pires Ferreira⁴⁵, que pensa a relação campo-cidade em termos móveis, tendo em vista a migração de pessoas para as grandes cidades. Segundo a autora,

No tempo em que vivemos, somos convidados a pensar na relação campo-cidade, sempre em termos móveis, por um lado em sua condição específica e contemplada pelo êxodo forçado de algumas regiões brasileiras, cujos habitantes são mantidos em permanente processo de expulsão ou de extermínio, sob a desculpa de “fatalidade inexorável”. [...] Sair, migrar, perambular ou morrer (Por outro, festividades permanentes, trazendo alegria e atraindo turistas). Esta é uma das várias movimentações rumo à cidade. E a cidade atinge o campo, impõe-se, em promessas falhadas e transmitidas boca a boca, por quem chega ou retorna, pelos meios de comunicação que injetam novas promessas⁴⁶.

Note-se que Ferreira vê nessa relação uma posição até certo ponto pessimista, ao indicar que o processo de migração das pessoas para as cidades grandes muitas vezes não permite que essas pessoas alcancem seus desejos, encontrando uma realidade diferente da que se encontravam anteriormente, mas não necessariamente melhor. É nesse sentido que a autora destaca as promessas falhadas, ou seja, promessas que não se cumprem, pois os migrantes se deparam com uma cidade que muitas vezes não atende aos seus anseios, podendo levar à

⁴⁴FERRAZ, 2007.

⁴⁵FERREIRA, Jerusa Pires. Campo e Cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. **Projeto História**. n. 19, São Paulo, 1999. p. 45-58.

⁴⁶FERREIRA, 1999, p. 47.

migração também em sentido contrário, com pessoas retornando à sua terra natal por não terem encontrado o que procuravam.

De fato, o posicionamento adotado pela autora ocorreu se não em todas, mas em parte significativa das cidades brasileiras e mesmo em Teresina, principalmente em se tratando do fluxo de migração entre as cidades do interior dos Estados e suas respectivas capitais. No entanto, destacamos que esse movimento não é homogêneo e não pode ser tomado como regra única que direcionou o comportamento da população, a exemplo dos movimentos migracionais que são internos à cidade, como foi o caso do bairro Santana em Teresina. Embora estando durante as décadas de 1970 e 1980 na zona rural, vendo o fechamento da Usina, a população não realizou tal movimento no sentido da zona urbana da capital. O crescimento de sua população, como apontou-se na Figura 5, indica que seus moradores buscaram formas alternativas de trabalho e sobrevivência não migrando para a zona urbana, mas mantendo íntima relação com ela, permitindo seu enquadramento enquanto perímetro urbano a partir dos anos 90. Isso é muito importante, justamente por destacar uma especificidade do Santana frente a outras zonas da capital e mesmo em relação às cidades do interior. Assim, Ferraz segue afirmando que:

[...] o direito à moradia não se limita somente à conquista de um abrigo, mas envolve outras prerrogativas, como a necessidade de ser provida de infraestrutura básica. Logo, para adquirir habitabilidade, a moradia precisa atender aos aspectos de salubridade, privacidade, segurança, abastecimento de água, esgoto sanitário, acessibilidade em relação a emprego e aos equipamentos públicos (escola, posto de saúde), dentre outros⁴⁷.

Dessa forma, o contingente populacional e a posterior mobilização dos moradores do Santana empreenderá esforços no sentido de ter suas necessidades e reivindicações atendidas pelo poder público municipal, possibilitando-lhe uma melhoria na qualidade de vida da população e o aumento dos serviços públicos ofertados. O *Perfil da Zona Rural de Teresina*⁴⁸ já apontava naquele ano a existência da Associação de Moradores da Usina Santana, podendo ter sido esta instituição um dos veículos utilizados pelos moradores para terem suas reivindicações ouvidas, dentre elas a inclusão do bairro na rota de coleta de lixo doméstico da capital. Assim, mais uma vez recorreremos aos mapas de Lima, para que visualizemos a situação do Santana quanto à utilização do serviço de coleta de lixo, como segue:

⁴⁷FERRAZ, 2007, p. 14.

⁴⁸TERESINA, 1995.

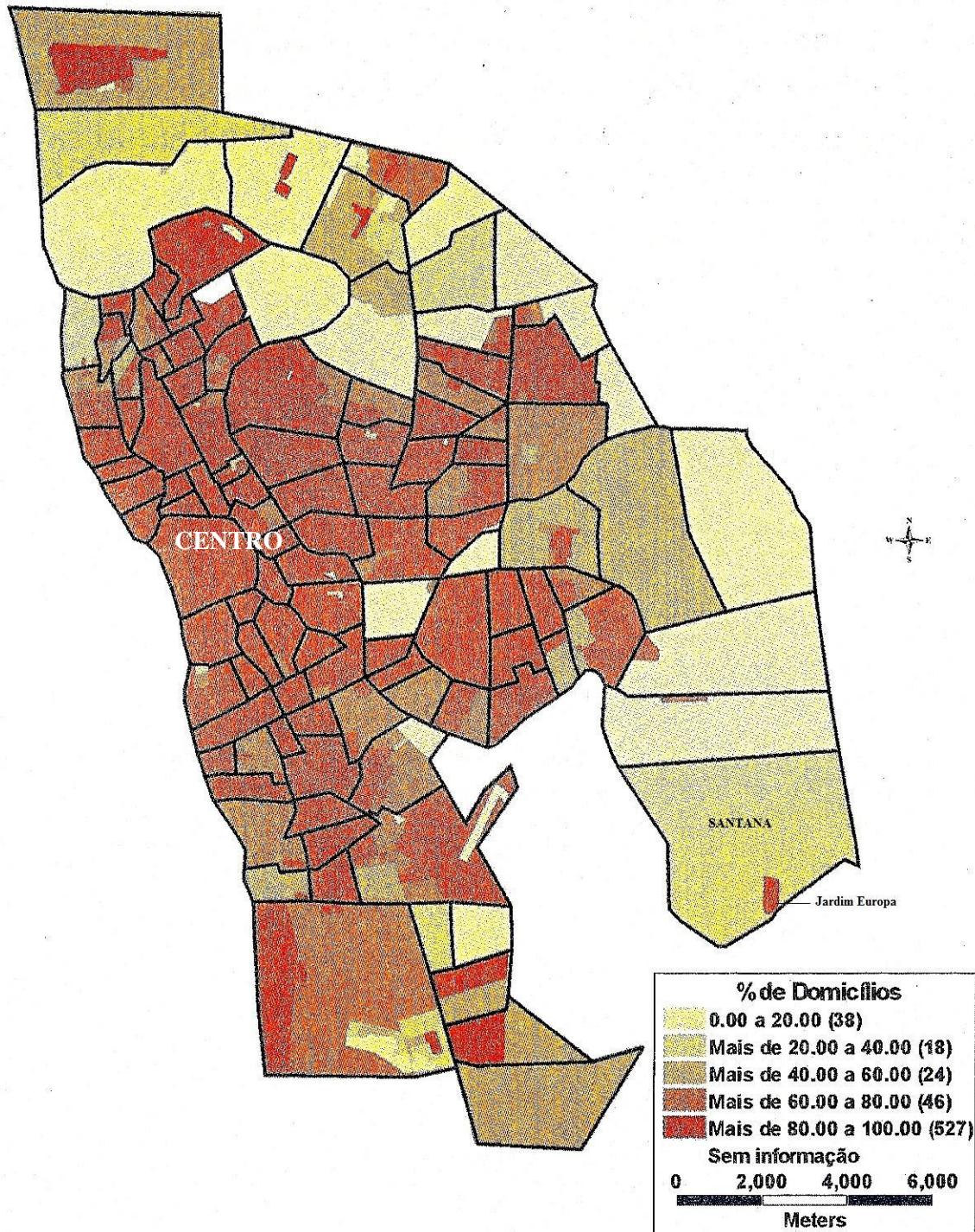


FIGURA 7: Porcentagem de domicílios (particulares permanentes) com coleta de lixo por serviço de limpeza. Teresina-Piauí. 2000.

FONTE: Adaptado de LIMA, 2010⁴⁹.

Mais uma vez a fotografia permite que se perceba como os dados para o Santana como um todo diferem daqueles do Jardim Europa. Isso não quer dizer que exista entre estes dois entes uma contradição. O fato de o mapa apontar a existência do Jardim Europa com uma

⁴⁹LIMA, 2010.

porcentagem de coleta mais elevada (60% a 80% para o Jardim Europa e 20% a 40% para o resto do território do bairro) justifica nossos argumentos de que é o Jardim Europa o espaço densamente povoado dentro do Santana e que, ao ser analisado, permite-se que as conclusões se apliquem ao bairro como um todo, na medida em que os serviços públicos ofertados ao Jardim Europa direta ou indiretamente atendem a população que porventura habite de forma fragmentada o resto do território abrangido pelo bairro.

A partir dos dados coletados, foi possível construir a seguinte tabela sobre a coleta de lixo e o esgotamento sanitário no Santana e nos bairros vizinhos que elegemos importantes para compararmos com o bairro, tomando como critério a proximidade espacial com nosso objeto.

TABELA 3: Coleta de lixo e Esgotamento Sanitário no Santana e bairros vizinhos.

BAIRROS		Bom	Santana	São	Todos os	Verdecap
		Princípio		Sebastião	Santos	
CARACTERÍSTICAS						
Domicílios permanentes		361	758	2.248	335	214
Domicílios com coleta de lixo regular		222	499	1.797	180	11
Domicílios segundo o tipo de esgotamento sanitário	Rede Geral de Esgoto ou Pluvial	2	3	19	-	-
	Fossa séptica	333	255	1.847	281	85
	Fossa Rudimentar	3	118	93	19	91
	Vala	2	112	-	-	-
	Outro	1	1	2	-	-

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁵⁰

No caso do Santana, alerta perceber como no início dos anos 2000 o bairro ainda possui uma quantidade significativa de fossas rudimentares e valas, assim como o fato de que do total de domicílios permanentes apenas 65,83% dispõe de coleta domiciliar. Esse dado ratifica o exposto na Figura 7 quando se trata do Jardim Europa (estabelecendo que o loteamento possui de 60% a 80% de coleta domiciliar), mostrando como o poder público trata o Santana e o Jardim Europa como um ente só – tendo em vista que o primeiro contém o segundo –, pois os dados para o Santana apresentados na tabela acima se referem ao que é mostrado na referida Figura para o Jardim Europa. Essa divergência parcial entre as duas

⁵⁰TERESINA, 2004.

fontes, apresentando o mesmo dado para o Santana como um todo e para o Jardim Europa, se dá pelo fato de que os mapas que Lima constituiu mostram as nuances diferenciadas de um mesmo elemento ao longo do território onde foi realizada a coleta, enquanto que os dados da tabela levam em conta os números absolutos para o bairro como um todo.

Na tabela seguinte, podemos visualizar o quantitativo da população e a renda média das pessoas responsáveis por domicílio:

TABELA 4: População e Renda Mensal das Pessoas Responsáveis por Domicílio

BAIRROS	Bom Príncipe	Santana	São Sebastião	Todos os Santos	Verdecap
CARACTERÍSTICAS					
População	1.272	3.712	8.301	1.559	956
Renda Média Mensal das Pessoas Responsáveis por Domicílio	R\$ 311,21	R\$ 271,71	R\$ 369,42	R\$ 610,35	R\$ 498,16

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁵¹

Os dados acima nos servem para perceber como ao mesmo tempo em que o Santana possui uma população expressiva no período, ele tem a renda média mais baixa entre os responsáveis pelos domicílios comparando com os bairros próximos que possuem uma população bem inferior, à exceção do bairro São Sebastião. Denotando, dessa forma, como os sujeitos que esta pesquisa engloba são pessoas que têm mais dificuldade de acesso à renda. Diante desses aspectos, o poder público municipal foi levado a atuar na região também através da assistência social. No dia 23 de março de 2010, foi inaugurado no bairro um CRAS. Segundo o Portal Hoje:

O prefeito Sílvio Mendes e a secretária do Trabalho, Cidadania e Assistência Social, Graça Amorim, inauguraram na manhã desta terça-feira (23) mais dois Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) na região Sudeste de Teresina. Um dos centros fica localizado na comunidade Usina Santana, zona rural, e o outro no Residencial Todos os Santos, na região do Grande Dirceu. Com mais estas duas unidades, uma já existente e outra a ser instalada, sobe para quatro o número de CRAS na zona sudeste, a mais populosa da cidade⁵².

⁵¹TERESINA. **Teresina em bairros Maio/2004**. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2004.

⁵²ZONA Sudeste ganha mais duas unidades de assistência social. **Portal Hoje**. 23 mar. 2010. Disponível em: <http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>. Acesso em: 10 nov. 2010.

A reportagem nos informa dois nomes importantes para que se compreenda como se deu a instalação do CRAS no bairro: Silvio Mendes e Graça Amorim. Dessa forma, é preciso que retomemos a relação destes com o bairro, que não se dá apenas do ponto de vista de suas responsabilidades como representantes do poder público municipal. A vereadora Graça Amorim tinha no então presidente da Associação de Moradores do Santana seu principal cabo eleitoral. De modo que momentos como o descrito não deixam de aparecer aos olhos da população como uma resposta ao apoio e eleição da vereadora Graça Amorim, embora em primeiro plano ela tenha ficado na suplência nas eleições de 2008. Por outro lado, a reportagem informa que o bairro faz parte da zona rural da cidade e não da zona urbana, retirando-o do enquadramento da região do grande Dirceu. Como já apontamos, a cidade passou por diferentes (re)zoneamentos ao longo da década de 1990, o mesmo ocorrendo nos anos 2000. Tendo em vista a importância dessas ações para o Santana, trataremos no subtópico seguinte com mais profundidade a questão do por que de a reportagem apontar o bairro como integrante da zona rural.

O Prefeito Sílvio Mendes, em sua fala, enfatiza que a implantação do CRAS tem seguido a onda de desenvolvimento que o bairro já vem passando ao longo da década de 2000. Assim ele informa ao Portal Hoje:

“As regiões em que estão sendo instalados os dois centros de referência, são locais que já contam com os equipamentos públicos que uma cidade necessita. Portanto, os novos CRAS vem como forma de qualificar um serviço que já vem sendo desenvolvido nestas comunidades”, pontua o prefeito ao revelar que deseja que as unidades trabalhem integradas com unidades de saúde e educação⁵³.

Dessa forma, o Prefeito reforça também a atuação de sua gestão voltando o direcionamento da ação pública para as regiões mais afastadas do centro comercial e administrativo da cidade, ao mesmo tempo em que aponta que o bairro já dispõe de outros serviços públicos tais como a saúde e a educação. A presença do CRAS reforça também a ideia de uma descentralização da assistência social do município, levando informação e atendimento mais próximo da população que durante décadas ficou sem acesso às condições mínimas de qualidade de vida. No entanto, essas medidas não devem ser vistas apenas como uma benfeitoria promovida pelo gestor, mas como ações que se fazem necessárias no âmbito do desenvolvimento do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que prevê a implantação

⁵³ZONA Sudeste ganha mais duas unidades de assistência social. **Portal Hoje**. 23 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

dos CRAS junto às comunidades que atendem, conforme é definido pela Política Nacional de Assistência Social (PNAS)⁵⁴ que previu a criação do referido sistema.

Dessa forma, destaca-se que a implantação do CRAS atende a uma demanda que é de ordem federal, diante do que é previsto no âmbito do SUAS, pois estes estabelecimentos realizam trabalhos de acompanhamento das ações de programas federais como o Bolsa Família, dentre outros. Conforme informa o sítio eletrônico do Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome (MDS):

O Sistema Único de Assistência Social (Suas) é um sistema público que organiza, de forma descentralizada, os serviços socioassistenciais no Brasil. Com um modelo de gestão participativa, ele articula os esforços e recursos dos três níveis de governo para a execução e o financiamento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), envolvendo diretamente as estruturas e marcos regulatórios nacionais, estaduais, municipais e do Distrito Federal⁵⁵.

Desse modo, a implantação do CRAS deve ser entendida como reflexo de uma política pública federal, que em uma perspectiva de gestão participativa, promove ações articuladas com as instâncias federal, estadual e municipal, bem como com a sociedade civil, a exemplo da redação da Norma Operacional Básica (NOB/SUAS)⁵⁶, que consagra “os eixos estruturantes para a realização do pacto a ser efetivado entre os três entes federados e as instâncias de articulação, pactuação e deliberação, visando a implementação e consolidação do SUAS no Brasil”⁵⁷.

O CRAS do bairro está localizado na Avenida Luiz Alves Lima, no centro do Jardim Europa, chamado pelo Presidente da Associação de “Usina Santana”, reforçando como não há uma distinção clara entre o Santana e o loteamento que este abriga. A reportagem assim conta:

Quem garante a importância da instalação das novas unidades é o presidente da Associação de Moradores da Usina Santana, Américo Durval. Segundo ele, a unidade assistencial representa uma grande conquista para a comunidade, pois “além de estar mais próximo das localidades que

⁵⁴BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004**. Brasília, DF: MDS, 2005.

⁵⁵SISTEMA Único de Assistência Social. **Portal MDS**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas>>. Acesso em 08 ago. 2012.

⁵⁶BRASIL. **Norma Operacional Básica NOB/SUAS**. Brasília, DF: MDS, 2005.

⁵⁷BRASIL, 2005, p. 79.

compõem a Usina Santana, vai garantir o desenvolvimento da região através da atenção a todos os moradores”, diz⁵⁸.

Como já mencionamos, o presidente da Associação era o principal cabo eleitoral da secretária Graça Amorim no bairro, de modo que sua fala representa não apenas a do líder que tem procurado melhorias para os moradores, mas também a de alguém que precisa prestar contas do que foi propagado pelas ruas no último pleito eleitoral.

Nestas idas e vindas pelo passado do Santana, nos deparamos com a instalação da Creche Comunitária Tio Fernando Santiago em 1996⁵⁹. Aqui vemos mais uma vez a participação da comunidade de moradores como interventores, causando mudanças no modo como o poder público se relacionava com o bairro. Essa característica é bem apreciada por Michel de Certeau, pois para ele, a população joga com os mecanismos da disciplina, interagindo e se utilizando de táticas e astúcias para se sobressair em meios às relações de poder. O autor destaca:

que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural⁶⁰.

No ato de se apropriar e reapropriar do espaço, a população do bairro utilizou de medidas outras que possibilitassem o acesso de suas crianças em idade de creche/pré-escola ao ensino, embora ainda não nos enquadramentos oficiais da Prefeitura. Utilizando-se de suas maneiras de fazer, foram buscadas alternativas para que o acesso à educação fosse possibilitado às crianças do bairro. Destaque-se que a instalação da creche só se deu após enquadramento do bairro no perímetro urbano da capital em 1994. Segundo o *Projeto Político-Pedagógico* da Creche:

A creche Tio Fernando Santiago, em prédio cedido pela ex-vereadora Irmani Veloso, inaugurada dia 30 de setembro de 1996 na Av. 03, hoje situa-se na Avenida 04 em um prédio alugado desde o dia 26 de junho de 2001. Ela é

⁵⁸ZONA Sudeste ganha mais duas unidades de assistência social. **Portal Hoje**. 23 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

⁵⁹TERESINA. **Projeto Político-Pedagógico do CMEI Tio Fernando Santiago**. Teresina: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

⁶⁰CERTEAU, 1994, p. 41.

fruto das reivindicações da comunidade junto com a Associação de Moradores, para atender as crianças das famílias que aqui residem. Encontra-se em um bairro carente onde a maioria das famílias não tem renda fixa, nem emprego, em muitos casos, agricultores que arrendam linhas de roça em terreno alheio⁶¹.

O documento, em uma tentativa de caracterizar o público-alvo do estabelecimento de ensino, reforça a condição de pobreza em que vivem os moradores do Santana. Essas afirmações são recorrentes tanto nas fontes orais como escritas, o que nos faz pensar que de fato a pobreza era uma característica marcante na região. A creche, na condição de comunitária e não municipal, aparece como resposta a um apelo da população para essa necessidade. O documento ainda afirma que parte dos moradores vivem de arrendamento das linhas de roça, elemento típico de um espaço rural. Esse modo de viver é mais um reforçador da capacidade da população de fugir a padrões de uso e consumo conforme a necessidade assim lhe cobra.

No capítulo anterior analisou-se como a população viveu durante anos às margens da Usina dependendo dela para sobreviver. Com seu fechamento, o bairro viu a instalação da Cerâmica Santana que, ao menos em parte, pode absorver a mão-de-obra desempregada que ficou disponível na região. Mas esse empreendimento também precisou sair do bairro, deslocando-se para a zona norte da capital, reduzindo drasticamente seu número de empregados. Essa informação indica mais uma medida que fragilizou o contingente dos empregados, pois o deslocamento do Santana até o novo local de instalação da Cerâmica implicaria um movimento diário de uma hora de ônibus até o centro e pelo menos quarenta minutos do centro até a empresa. Assim, ao final de um dia os trabalhadores teriam gastado três horas e vinte minutos de transporte coletivo excluindo-se o tempo de espera nas paradas de ônibus. É possível que esse obstáculo também tenha incentivado a demissão de trabalhadores, pois tal deslocamento implicaria também em maiores despesas da Cerâmica para com os empregados. Pode-se verificar a situação nos autos do processo de Execução Fiscal⁶² promovido pela União contra a Cerâmica, onde assim nos informa o advogado da empresa:

⁶¹TERESINA, 2005, p. 6.

⁶²Este processo foi consultado nos termos da Resolução nº 121, de 5 de outubro de 2010, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que reza em seu Art. 1º: “A consulta aos dados básicos dos processos judiciais será disponibilizada na rede mundial de computadores (*internet*), assegurado o direito de acesso a informações processuais a toda e qualquer pessoa, independentemente de prévio cadastramento ou de demonstração de interesse”.

A agravante responde por execução fiscal no Estado do Piauí, manejada pela União Federal, em decorrência do débito oriundo de contribuição previdenciária. Pouco tempo depois do aforamento da demanda, teve sua fábrica fechada por solicitação do Ministério Público do Trabalho, em virtude do óbito de um de seus empregados, vítima fatal de desabamento de uma das paredes, por conta do que houve uma avalanche de ações trabalhistas, resultando na penhora e expropriação de todo o seu patrimônio. Para assegurar a sobrevivência de alguns de seus empregados e do próprio sócio da empresa, alugou espaço de outra empresa – Cerâmica Vassouras Ltda – onde exerce suas atividades, porém, de forma precária, com seu quadro reduzido de seiscentos empregados para apenas setenta⁶³.

Note-se que o advogado, ao contextualizar seu pedido de recurso, retoma as condições precárias de funcionamento da empresa. O acidente ocorrido de fato levou à morte um trabalhador, causando a interferência do Ministério Público do Trabalho, com o ordenamento do fechamento das instalações. Com isso, mais uma vez Ivan vê um empreendimento seu passar por um revés financeiro e, desta vez, culminando em uma série ou, para usar as palavras do advogado, uma *avalanche* de processos judiciais por direitos trabalhistas. O advogado fala da falta de pagamento de contribuições previdenciárias, demonstrando que de um lado a empresa poderia não estar fazendo os depósitos por já passar por um mal momento financeiro ou, por outro, devido à irresponsabilidade de seus dirigentes. O mais provável é que seja pelas más condições em que se encontrava o negócio, tendo em vista que ele o abriu como um socorro ao fechamento da Usina, sendo possível que o empreendimento tenha começado já descapitalizado. Dessa forma, o fato de o *Projeto Político-Pedagógico* destacar como as famílias viviam de roças é, para nós, reforçador dos mecanismos de sobrevivência apontados por Certeau⁶⁴. Com o fechamento da Cerâmica e com o iminente desemprego, essas pessoas precisaram recorrer a outros meios de sobrevivência, sendo a roça uma saída provável para a falta de alimentos, ou para a complementação do que não se podia comprar diante da falta de recursos.

O *Projeto Político-Pedagógico* ainda segue fazendo a seguinte caracterização do bairro no ano de 2005:

Este bairro, como outro, sofre com a falta de segurança e saneamento básico. Não há rede de esgoto, em algumas ruas prolifera a sujeira, dejetos animais e até escremento humano. O posto de saúde da comunidade fica em uma

⁶³BRASIL. Justiça do Trabalho da 22ª Região. 4ª Vara do Trabalho de Teresina. Execução Fiscal. **Processo n. 2000.40.00.005301-6**. 13 set. 2000.

⁶⁴CERTEAU, 1994.

região afastada e está com as paredes rachadas necessitando de reforma urgente⁶⁵.

Notemos que a caracterização feita pelo *Projeto Político-Pedagógico* não se distancia daquela feita pela Sra. Adelaide, sobre as condições do bairro quando de sua chegada ainda nos anos 80. Dessa forma, os avanços em subsidiar os moradores com serviços públicos parecem não terem sido suficientes para trazer melhora significativa ao longo desses anos. Veja-se que estamos falando em cerca de 25 anos, momento do bairro ainda enquadrado na zona rural e 11 anos depois de seu enquadramento para a zona urbana. Quando afirmamos assim, não queremos dizer que a zona rural não precise do atendimento dos serviços públicos, mas que estes possuem ações diferenciadas nas duas zonas. A entrada do bairro em 1994 para o enquadramento urbano da capital, lhe possibilitou acesso a novas fontes de recursos, conforme é distribuído no orçamento da cidade para este perímetro.

Em 2005, a creche contava com 7 professoras, algumas em fase de formação de nível superior e outras apenas com formação de nível médio. Independente da formação das professoras, notamos que a creche tinha uma preocupação em oferecer uma educação de qualidade para as crianças, tendo em vista que a educação tem se constituído como um importante diferencial na luta contra as desigualdades sociais. Ciente disso, as professoras e a equipe gestora como um todo, ao construírem coletivamente o *Projeto Político-Pedagógico*, preocupam-se em colocar-se em uma postura de agentes transformadoras da realidade social em que estão inseridas. Nesse sentido, o documento afirma:

A creche se propõe a atuar de forma incisiva na formação intelectual e psicosocial das crianças, tornando-as cidadãos críticos e participativos capazes de atuar com competência e dignidade em exercer seus direitos e deveres de cidadãos. Tornando-as capazes de dar os passos necessários para formar uma sociedade mais justa e igualitária para mudar a realidade á sua escolha, para transformar a sociedade onde vive⁶⁶.

Dessa maneira, a creche busca prestar um serviço de qualidade, minimizando os males sociais causados pela pobreza que é latente no bairro, conforme é percebida pela própria escola. Note-se que essa é uma visão de quem atua no bairro e de quem mora nele. Na condição de creche comunitária, o quadro de pessoal que trabalhava na creche era composto

⁶⁵TERESINA, 2005, p. 6.

⁶⁶TERESINA, 2005, p. 6.

majoritariamente de habitantes do Santana, condição que os torna agentes com estreita relação com o lugar.

Em 2008, a creche foi instalada em sede própria ao mesmo tempo em que foi municipalizada, passando a fazer parte do sistema de ensino municipal. Enquanto creche comunitária ela estava sob o controle da Secretaria Municipal da Criança e do Adolescente (SEMCAD), pois a Educação Infantil era vista como ação social do poder público municipal. No entanto, à medida em que a Educação Infantil passa a ser vista como uma etapa da Educação Básica, fez-se necessário redirecionar a administração dessas instituições para a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) fazendo surgir a denominação de Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). Com isso ela passa a ser denominada de CMEI Tio Fernando Santiago. Embora inaugurada formalmente em 06 de dezembro de 2008, ela já se encontrava instalada no novo endereço desde outubro do mesmo ano. Em 2009, o *Projeto Político-Pedagógico*⁶⁷ do CMEI foi reformulado de maneira que se adequasse à nova realidade do estabelecimento e da comunidade. Agora, este documento nos traz a seguinte caracterização do bairro:

Este bairro, como outros, sofre com a falta de segurança e de saneamento básico, mesmo diante das melhorias sofridas nos últimos anos. [...] Mesmo assim, em algumas ruas prolifera a sujeira, dejetos animais e até excremento humano, perfil que gradativamente vem sendo alterado com o aumento de ruas calçadas, a construção de fossas sépticas e esgotos. O posto de saúde da comunidade fica em uma região afastada, mas recentemente passou por reformas, ou melhor, foi reconstruído visando o melhor atendimento da população que aqui habita⁶⁸.

O documento atesta que alguns avanços urbanísticos haviam sido feitos nos últimos anos, mas que ainda não supriam a demanda da comunidade. Dentre esses avanços, destaque-se a construção de fossas sépticas, calçamento nas ruas e a reconstrução do posto de saúde que atende a região. A própria inauguração do novo CMEI é um desses feitos. Em entrevista disponibilizada no meio eletrônico, o presidente da Associação de Moradores diz que:

O CMEI é o primeiro passo para mudar a realidade das nossas crianças, que agora serão matriculadas na idade correta e terão um local adequado para a aprendizagem. O espaço é amplo, contempla as necessidades de educação e lazer das crianças, com profissionais qualificados e comprometidos e com

⁶⁷TERESINA. **Projeto Político-Pedagógico da CMEI Tio Fernando Santiago**. Teresina: Secretaria Municipal de Educação, 2009b.

⁶⁸TERESINA, 2009b, p. 4.

área para brincadeiras. A Usina Santana e adjacências têm muito o que comemorar, porque agora nós temos a certeza de que os nossos filhos terão maiores oportunidades de ter um futuro melhor, com educação de qualidade desde muito cedo⁶⁹.

Assim, a instalação do novo CMEI aparece como um sopro de esperanças para a mudança do futuro das crianças, que comumente se envolvem na criminalidade e no uso de drogas. O novo estabelecimento tem capacidade para atendimento de 200 crianças, do maternal ao 2º Período da Educação Infantil⁷⁰. A construção desse prédio possibilitou um aumento no número de crianças atendidas, mas ainda não era o suficiente. Conforme o *Projeto Político-Pedagógico*, frequentemente se redireciona crianças para CMEI's de bairros próximos devido às salas estarem lotadas, em algumas vezes com um número considerado excessivo para a Educação Infantil com mais de 25 alunos em cada turma.

Destacamos, ainda, a fala do então Prefeito de Teresina no ano de 2009, o Sr. Sílvio Mendes, presente na cerimônia de inauguração do CMEI. Assim ele nos conta:

A educação é a base de uma sociedade justa e igualitária, por isso construímos escolas com espaço físico adequado, em todas as zonas da cidade, para que as crianças estudem perto do local onde moram. A educação é a grande prioridade da Prefeitura de Teresina, porque é a mola mestra da mudança de realidade. Os profissionais que fazem a rede municipal de ensino são competentes e dedicados, e isso é garantia de sucesso na vida escolar das crianças. Essa é a nossa maior alegria: proporcionar educação de qualidade e iniciar a transformação de Teresina, para que tenhamos num futuro próximo uma cidade ainda melhor⁷¹.

Na fala do Prefeito, a educação aparece como mola mestra da mudança social. Uma população sem acesso a educação, está em zona de perigo constante, podendo se envolver na criminalidade, em gestações não planejadas, e em uma série de mazelas sociais que emergem em comunidades onde as condições de vida são precárias. Os três últimos anos da década de 2000 são para o Santana um momento de reanimação, de alimentação de esperanças. Por outro lado, a fala do prefeito é carregada de um tom eleitoral, pois foi pronunciada em um momento em que já se falava em sua candidatura para governador do Piauí. Se por um lado, o prefeito reconhece a educação como mola mestra – não podemos descartar essa possibilidade,

⁶⁹VIANA, Thamirys. Usina Santana é beneficiada com Centro Municipal. 07 dez. 2008. **Portal 180 graus**. Disponível em: <http://180graus.com/geral/usina-santana-e-beneficiada-com-centro-municipal-70326.html>. Acesso em: 07 set. 2010.

⁷⁰TERESINA, 2009b.

⁷¹VIANA, Thamirys. Usina Santana é beneficiada com Centro Municipal. 07 dez. 2008. **Portal 180 graus**. Disponível em: <http://180graus.com/geral/usina-santana-e-beneficiada-com-centro-municipal-70326.html>. Acesso em: 07 set. 2010.

de outro não reconhecia a importância de ter professores devidamente contratados via concurso público para atuarem na escola até então. Apenas em 2010 é que os professores que haviam realizado concurso serão convocados para atuarem nos CMEI's causando um grande número de demissões das pessoas que há mais de dez anos trabalhavam irregularmente nestas instituições. Depois de anos trabalhando de formar irregular, a Prefeitura procurou minimizar a situação fazendo com que as associações e fundações conveniadas, muitas vezes ligadas a vereadores, contratassem as professoras e o quadro técnico-administrativo. Assim, a Prefeitura repassava a verba para a associação/fundação e esta ficava responsável por fazer os pagamentos dos vencimentos dos trabalhadores na condição de contratante destes, fazendo perceber como a Prefeitura utilizou-se de uma estratégia que tentou desvinculá-la das responsabilidades trabalhistas para com estas pessoas.

A Sra. Maria Leice nos relatou sobre sua saída, depois de mais de 16 anos de trabalho, recebendo os direitos trabalhistas apenas dos últimos três anos trabalhados, os únicos com carteira assinada mediante o contrato de prestação de serviços que existia entre a Prefeitura e as associações/fundações espalhadas pela cidade. Anteriormente estas entidades já funcionavam como intermediadoras entre os recursos que saíam da Prefeitura e chegavam às creches. Nesse momento foi preciso recorrer ao Ministério Público do Trabalho para tentar sanar esse problema que é da cidade como um todo, pois assim como existia uma creche comunitária com pessoas trabalhando irregularmente no Santana, também havia em outros bairros de Teresina.

Nesse sentido, foi possível consultar⁷² o processo nº 0212800-24.2009.5.22.0002⁷³, evidenciando como o Ministério Público se posicionou a respeito das contratações realizadas por essas entidades, que colocavam pessoas como a Sra. Maria Leice para trabalhar em postos que deveriam ser ocupados por servidores públicos devidamente habilitados em concurso. Assim, reza o documento:

As investigações promovidas ao longo do mencionado inquérito revelaram, sem sombra de dúvida, que o Centro de Defesa da Mulher do Piauí e a Fundação Francisco Falcão de Carvalho realmente atuam como grandes intermediadoras da contratação de trabalhadores para creches da rede municipal de Teresina. [...] Ou seja, constatou-se que o Município de

⁷²Este processo foi consultado nos termos da Resolução nº 121, de 5 de outubro de 2010, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que reza em seu Art. 1º: “A consulta aos dados básicos dos processos judiciais será disponibilizada na rede mundial de computadores (*internet*), assegurado o direito de acesso a informações processuais a toda e qualquer pessoa, independentemente de prévio cadastramento ou de demonstração de interesse”.

⁷³BRASIL. Ministério Público do Trabalho. Procuradoria do Trabalho da 22ª Região. **Processo n. 0212800-24.2009.5.22.0002**. 25 nov. 2009.

Teresina, ao invés de realizar concurso público para a contratação de servidores, celebrou convênio com o CDM-PI e a FUNDAF para que tais entidades atuassem como fornecedoras de mão-de-obra necessária ao funcionamento das creches municipais. [...] Do mesmo modo, o convênio firmado entre o Município de Teresina e a Fundação Francisco Falcão de Carvalho (fls. 1005/1008 do IC 1855/2008) também teve idêntica finalidade, pois a investigação comprovou que a referida Fundação, na verdade, atua como mera fornecedora de mão-de-obra para creches municipais de Teresina⁷⁴.

No trecho transcrito acima, vemos a referência a Fundação Francisco Falcão de Carvalho. Era essa entidade a responsável por manter a Creche Comunitária Tio Fernando Santiago que, quando da saída da Sra. Maria Leice, já havia sido municipalizada passando a ser chamada de CMEI Tio Fernando Santiago. Note-se que a denúncia é grave, pois o Procurador do Trabalho denuncia o ilícito contratual que havia entre o Município de Teresina e as respectivas entidades. O Procurador ainda denuncia como as entidades e a Prefeitura buscaram burlar os mecanismos de Justiça do Trabalho celebrando entre as entidades e seus respectivos funcionários contratos de ação voluntariada buscando, assim, impedir que essas pessoas pudessem recorrer à Justiça para fazer com que seus direitos de trabalhadores fossem respeitados. O documento ainda informa:

Cumpra mencionar ainda que o CDM e a FUNDAF formalizaram, de maneira fraudulenta, centenas de contratos de trabalho voluntário, embora a hipótese fosse de típico trabalho assalariado. Ou seja, ao mesmo tempo em que terceirizavam trabalhadores para atividade-fim de órgãos públicos, ainda os enganavam através da celebração de falsos contratos de trabalho voluntário (fls. 98/777 – vols. I ao IV). As investigações revelaram, ao contrário, a nítida existência de atividade remunerada e subordinada, sem nenhuma relação com o trabalho voluntário previsto na Lei 9.608/98⁷⁵ (p. 4).

Nesse sentido, o Procurador identifica esses contratos como uma afronta ao sistema jurídico brasileiro, afirmando ainda que eles estavam em “franca violação aos seus estatutos e à própria ordem jurídica”⁷⁶. Assim, o Ministério Público do Trabalho declara nulidade destes contratos, por se tratarem de uma tentativa de mascarar uma relação de trabalho sob a forma de trabalho voluntário. O processo ainda não está encerrado, desta forma não nos é possível informar acerca de seu desfecho. Até onde foi possível consultar a Prefeitura e as entidades conveniadas têm entrado com recursos, cada uma procurando se eximir da culpa e da

⁷⁴BRASIL, 2009, p. 2.

⁷⁵BRASIL, 2009, p. 4.

⁷⁶BRASIL, 2009, p. 2-3.

responsabilidade pelas contratações. De um lado, a Prefeitura afirma que os direitos trabalhistas devem ser pagos pelas entidades; de outro, as entidades afirmam que estavam a serviço da Prefeitura requerendo que esta assumira o débito.

O bairro ainda possui uma escola de Ensino Fundamental, a Escola Municipal Arthur Medeiros de Carneiro⁷⁷. Em 1995, o *Perfil da Zona Rural de Teresina*⁷⁸ já atestava sua existência, o que mostra que a preocupação com a educação no bairro era presente. Segundo o Conselho Municipal de Educação⁷⁹, a escola funciona desde 08 de abril de 1976 quando possuía apenas quatro salas de aula. Essa preocupação com a oferta de ensino foi enfatizada no final da década de 2000 com a construção do CMEI e a reforma e ampliação dessa escola de Ensino Fundamental, que passou a contar com 11 salas de aula. Isso gera uma melhoria na qualidade de vida das pessoas que lá residem. Essa escola, como nos conta a Sra. Maria Leice, “funciona dois turnos pela Prefeitura e um turno... Quando eu cheguei, ele funcionava só dois turnos, manhã e tarde, pela Prefeitura. E agora, atualmente, ela funciona os três que tem também a parte do Estado que é a noite com Ensino Médio”⁸⁰. Para a Sra. Maria Leice essa escola está sendo de fundamental importância para o desenvolvimento do bairro, principalmente após a instalação do Ensino Médio. Segundo ela,

Com o Ensino Médio agente percebeu a diferença que o pessoal estão mais desenvolvidos. Tem muitas mães que estudam, pessoas que viviam paradas há muito tempo que retornaram a sala de aula. Então isso eu considero já um grande avanço da comunidade⁸¹.

A Sra. Maria Leice, na condição de educadora e ex-diretora do CMEI, percebe como a educação pode trazer mudanças significativas para a vida das pessoas. A oferta de Ensino Médio no bairro possibilitou que uma grande quantidade de pessoas voltassem para a sala de aula, desde jovens a idosos, pois o obstáculo da distância foi superado. A distância era um obstáculo, sobretudo por causa dos gastos diários com passagens de ônibus que se precisaria fazer para assistir aulas. A localização do bairro o isolava de outras comunidades que tinham Ensino Médio, a não ser que tal deslocamento fosse feito de ônibus. Aliando distância, desmotivação e dificuldades financeiras teremos um quadro impeditivo para que esta

⁷⁷Essa escola é considerada de Ensino Fundamental por que originalmente ela foi criada pelo governo municipal com o intuito de ofertar esse nível de ensino nos turnos manhã e tarde. Hoje, existe uma parceria com o governo estadual para que a escola funcione no turno noturno com a oferta de Ensino Médio.

⁷⁸TERESINA, 1995.

⁷⁹TERESINA. **Conselho Municipal de Educação**: parecer CME/THE nº 039/2009. Teresina: CME, 2009a.

⁸⁰SILVEIRA, 2010.

⁸¹SILVEIRA, 2010.

população voltasse à escola. A seguir, podemos visualizar os dados referentes à educação no início dos anos 2000 conforme foi possível agrupar.

TABELA 5: Comparação da situação da Educação no Santana e nos bairros vizinhos.

BAIRROS		Bom Príncipio	Santana	São Sebastião	Todos os Santos	Verdecap
Ensino Fundamental	Escola Pública	1	1	1	2	-
	Matrículas	227	663	774	666	-
Educação Infantil	Escola Pública	-	1	1	2	-
	Matrículas	-	150	210	264	-
População alfabetizada		868	1.979	6.067	1.042	531
População sem instrução e menos de 1 ano de estudo		11,63%	41,57%	10,14%	30,45%	30,84%
População com 11 a 14 anos de estudo		23,27%	3,96%	28,34%	7,76%	10,75%

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁸²

Entre os índices que espantam no que diz respeito à educação no Santana está o elevado quantitativo de pessoas sem instrução ou com menos de um ano de estudo, estabelecido no total de 41,57% – bem mais alto que nos bairros vizinhos. Notemos ainda que a única escola pública do bairro apresenta, no período, um número de matrículas significativo denotando que desde 1976 as quatro salas de aulas já haviam aumentado, pois somente com estas não seria possível manter os 663 alunos matriculados. Assim, no final da década de 2000, quando a escola passa a apresentar a quantidade de 11 salas de aula, estava respondendo a uma demanda crescente de crianças em idade escolar que habitavam o bairro, semelhante a bairros próximos como o São Sebastião e o Todos os Santos. Demanda que cresceu e que levou à implantação do Ensino Médio. Esta oferta também serve de incentivo para que os alunos busquem acesso a cursos profissionalizantes, bem como ao Ensino Superior. Destaquemos ainda que embora o Santana tivesse uma população expressiva no início dos anos 2000, apenas 3,96% de seus habitantes possuíam de 11 a 14 anos de estudo, tendo sido necessária a intervenção do poder público estadual para possibilitar a oferta do Ensino Médio no próprio bairro e, assim, ampliar as chances das pessoas não interromperem sua vida escolar. Ainda segundo a Sra. Maria Leice,

⁸²TERESINA, 2004.

Olha a primeira pessoa que passou no vestibular aqui foi a minha filha [...]. Ela passou para Letras. Isso por volta do ano 2000, ela foi aprovada pela Federal no curso de Letras. Foi assim uma coisa que chamou muita atenção na comunidade. Despertou até interesse em alguns jovens. Aí então veio o primo dela, [...] para Física na UESPI e na Federal para Engenharia Civil e hoje, nós já temos já um número maior de universitários. Assim, muda mais a concepção do povo, agente já olha a comunidade com um olhar diferente, com um olhar positivo que as pessoas estão se evoluindo, estão crescendo intelectualmente⁸³.

Notamos assim, que o acesso de pessoas ao Ensino Superior se dá mesmo antes da implantação do Ensino Médio na comunidade. Essa situação se intensificou na medida em que a comunidade percebeu que era possível crescer. A filha da Sra. Maria Leice foi aluna da Escola Municipal Arthur Medeiros de Carneiro. Em seguida, cursou o Ensino Médio no Centro Federal de Ensino Tecnológico do Piauí (CEFET-PI), hoje denominado Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), como nos foi informado. Assim como ela, outros estudantes têm traçado uma trajetória escolar satisfatória fugindo aos padrões de pobreza, miséria, violência, uso de drogas, como os *Projetos Político-Pedagógicos*⁸⁴ do CMEI tanto enfatizaram, fazendo-nos perceber como o meio é capaz de influenciar nos caminhos tomados pelas pessoas, mas não os determina.

O Santana não vive mais dependente das atividades essencialmente rurais que tanto marcam seu passado, mudança que paulatinamente foi se tornando presente nas décadas de 1990 e 2000. Muitos de seus moradores tem-se deslocado diariamente ao trabalho fora dos limites do bairro, inclusive trabalhando para grandes empresas do comércio varejista teresinense. O ideal de urbanidade não é algo que se manifesta no bairro simplesmente pela mudança na paisagem, mas também no próprio modo de vida das pessoas. A população tem inclusive se servido de cursos profissionalizantes que chegam até eles. Nesse sentido, destacamos o que nos conta Elionai Oliveira:

Foi grande o número de pessoas que procuraram a Escola Móvel de Inclusão Digital, o Caminhão Digital, nesta segunda e terça-feira (7 e 8), no bairro Usina Santana, que realizava inscrições para preenchimento de 480 vagas em cursos de informática. Somente no primeiro dia foram efetivadas 326 inscrições. A procura veio de bairros vizinhos e da zona rural próxima⁸⁵.

⁸³SILVEIRA, 2010.

⁸⁴TERESINA, 2005, 2009b.

⁸⁵OLIVEIRA, Elionai. Caminhão Digital tem grande procura na Usina Santana. 08 mai. 2007. **Governo do Estado do Piauí**. Disponível em: <<http://www.piaui.pi.gov.br/materia.php?id=23863>>. Acesso em: 08 nov. 2007.

Dessa maneira, mais uma vez percebemos a atuação do poder público na região, expresso por meio da Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania (SASC). Agora, ofertando curso de Informática, um requisito essencial para aqueles que estão ou desejam ingressar no mercado de trabalho. Conforme Oliveira nos falou, a chegada do Caminhão Digital atraiu a presença de moradores de outras localidades próximas, tornando possível perceber como o Santana pode oferecer serviços, por sua condição de entreposto entre essas localidades, facilitando o acesso a certas demandas. Leve-se em consideração, como temos enfatizado, que esse tipo de ação social não acontece por que o Estado quer fazer uma boa ação, mas por que tem essa obrigação conforme prevê a ordem constitucional vigente.

Como pode ser percebido frequentemente recorreremos ao uso da metodologia da história oral, como forma de suscitar novas discussões em torno do bairro. As entrevistas citadas ao longo do texto, foram realizadas sob a perspectiva da metodologia de história oral temática, opção feita por muitos historiadores atualmente, sobretudo quando se recorre a depoimentos sobre um assunto específico permitindo, assim, estabelecer em nossa pesquisa uma relação entre as visões de cada morador sobre um determinado fato. Dessa maneira, percebemos as evidências, divergências e convergências das informações obtidas, permitindo o ampliar dos horizontes acerca do bairro.

Visualizamos o Santana como uma região que passou por muitos percalços em busca de um ideal de desenvolvimento urbano, uma melhoria da qualidade de vida, o mais próximo possível daquilo do que já é desfrutado por outras zonas da capital piauiense, Teresina. Ao longo da narrativa, foi possível perceber como o bairro saiu do zoneamento rural da cidade, alcançou melhorias urbanísticas, mas em 2006 ocorreu um fato novo e fora dos padrões de cidades como Teresina: a malha urbana foi alterada deixando de fora da zona urbana os bairros Cuidos e Santana que haviam sido integrados a ela em 1994.

Essa situação reforça a caracterização do bairro como um espaço onde o processo de rurbanização é presente, pois esta categoria é utilizada não apenas para tratar das espacialidades, mas também dos modos de viver das pessoas. Por outro lado, rurbanização não significa inflexão da zona urbana em favor da rural. Então, o que é rurbanização? O que faz com o que o Santana seja assim tratado? A resposta a essas perguntas estão no subtópico seguinte. Desse modo, a narrativa até aqui construída, do ponto de vista das mudanças que o bairro passou, devem subsidiar as reflexões teóricas realizadas adiante que serão articuladas a outros elementos empíricos ainda não discutidos durante o trabalho.

2.2 O Santana em rurbanização: por uma (re)definição cotidiana do bairro

Iniciamos o capítulo a partir da classificação e caracterização apontadas pelo IBGE para definirmos se uma área é urbana ou rural. Em geral, este Instituto parte do que os municípios informam, pois no Brasil as zonas rural e urbana são definidas por força de lei e, portanto, nem sempre uma área urbana ou rural conforme consta na legislação o será se nos pautarmos pela paisagem da região ou mesmo pelos modos de viver da população.

Assim, antes de tratarmos da rurbanização é preciso definir o que entendemos por rural e o que entendemos por urbano de uma maneira mais precisa – se ainda não o fizemos, para então propor à luz dos estudos de Carneiro, o Santana como um espaço que passa por um processo de rurbanização. A partir do que apontaremos em seguida, perceber-se-á que o que aqui se propõe é uma categorização que extrapola as espacialidades materiais e chegue àquelas que são construídas no cotidiano de quem habita o bairro, que constrói e reconstrói no seu dia-a-dia o seu modo de viver. Desse modo, procuramos olhar além da conceituação de espaço proposta por José D’Assunção Barros⁸⁶ que o definirá como “como lugar que se estabelece na materialidade física, como campo que é gerado através das relações sociais, ou como realidade que se vê estabelecida imaginariamente em resposta aos dois fatores anteriores”⁸⁷. O autor ainda reconhece que a História já extrapolar essas delimitações propondo que a historiografia do final do século XX passou “do espaço físico ao espaço social, político e imaginário, e daí até a noção do espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas”⁸⁸. Nesse sentido, estamos (re)pensando o rural e o urbano a partir de uma perspectiva diferente das antigas bases tradicionais que os definiam. Frequentemente, o rural foi envolvido em uma perspectiva que, colocando-o em oposição ao urbano, o transformara em atraso, retrocesso. Para Carneiro, foi

[...] o mito fundador da Sociologia Rural que instituiu a oposição entre campo e cidade como realidades espaciais e sociais descontínuas, mas em relação de subordinação do primeiro à segunda. Destaca-se na formulação desse mito o pressuposto de que as diferenças entre o rural e o urbano tenderiam a desaparecer como resultado do processo de urbanização tido como natural e inevitável⁸⁹.

⁸⁶BARROS, José D’Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. In: **Revista Varia História**. Belo Horizonte. v. 22, n. 36, 2006. p. 460-476.

⁸⁷BARROS, 2006, p. 462.

⁸⁸BARROS, 2006, p. 463.

⁸⁹CARNEIRO, 2002, p. 5.

Desse modo, o rural foi durante muitos anos visto como um descontínuo da cidade que, embora servisse a ela e dele dependesse, o colocava em situação de subordinação. O processo migratório de pessoas que saem do campo para as cidades veio corroborar com esse ponto de vista, na medida em que tais movimentos populacionais serviram para demonstrar como a cidade conseguia exercer influência, sendo ela própria o símbolo do progresso, ratificando a perspectiva de Rolnik⁹⁰ quando afirma que a cidade é um ímã que atrai as pessoas para o seu meio. É justamente este discurso em torno da cidade, colocando-a como símbolo de progresso e desenvolvimento que irá atrair o camponês ao passo que ele vê suas antigas terras de plantio serem ocupadas pelas grandes produtoras de alimentos, forçando o deslocamento dessas pessoas em face de uma completa desigualdade imposta pelo sistema capitalista. Mas é preciso que se olhe adiante, pois “há algo mais do que a velha dicotomia cidade-campo, uns plantando, pagando, colhendo; outros consumindo, emparedando-se ou transitando nos circuitos possíveis [...]”⁹¹. Pensando nesse processo, Carneiro aprofunda a discussão acerca do rural ao apontar que:

A noção de rural associada à produção de alimentos e de matéria-prima é fruto da hegemonia da sociedade burguesa industrial que identifica a cidade como local de residência e trabalho e onde se encontram o conforto e o lazer necessários à era da modernidade. O campo, por sua vez, deixa de representar o espaço instituidor de poder de uma classe sustentada na propriedade fundiária e passar a ser o *locus* da produção que vai alimentar a população e a indústria dos centros urbanos⁹².

Dessa forma, a autora destaca como o rural é apontado como *locus* de uma produção agrícola que tem por objetivo o abastecimento da cidade. No caso do Santana, percebemos que sua história foi construída a partir de uma peculiaridade: uma zona rural que abrigou duas importantes indústrias: a Usina Santana S/A e a Cerâmica Santana Ltda. Enquanto a primeira, na condição de indústria açucareira dependia da produção agrícola da cana-de-açúcar, a segunda por outro lado se constituía sem essa necessária dependência. Nesse caso, o rural que se aplica ao Santana não é aquele que se esgota e se limita à produção de alimentos, mas aquele que se direciona para a sua industrialização reforçando o poder de um grupo que deseja se fazer presente na capital, partilhando de uma noção de rural que, como aponta Favareto⁹³, entende-o como espaço próprio de processo de industrialização. Assim, particularmente no

⁹⁰ROLNIK, 2004.

⁹¹FERREIRA, 1999, p. 48.

⁹²CARNEIRO, 2002, p. 9.

⁹³FAVARETO, 2007.

que se refere a este bairro, o campo serviu de base para a instituição de poder de uma classe que era sustentada pela grande propriedade fundiária, mas que a percebe não apenas como lócus para a produção agrícola, mas também como espaço de uma forte produção industrial.

Desse modo, a Usina presente na região faz lembrar Endlich ao afirmar que o rural deve ser compreendido como uma questão territorial, pois a população que habita a zona rural partilha de uma forma diferente de viver e até certo ponto bem distante das antigas formas tradicionais de morar no campo, não mais se limitando à produção de alimentos como se podia imaginar e que como é propagado pelo discurso do senso comum, na medida em que:

[...] o uso de solo e as atividades da população residente no campo não se limitam mais somente à agricultura, mas se vinculam a várias atividades terciárias. Assim, o desenvolvimento rural é considerado como um conceito espacial e multissetorial. A proposta é que se compreenda como rural o território não urbano, neste caso, como o que não é da cidade⁹⁴.

Partindo dessa multissetorialidade é que compreendemos como o Santana ao abrigar uma indústria açucareira – a única do Piauí durante seu período de funcionamento, iniciou um intenso processo de diferenciação de outros espaços da cidade dirigido pelas ações dos industriais que estiveram à frente do empreendimento, começando por Gil Martins e terminando com os Santiago. Estes últimos foram além da produção de açúcar, implantando a Cerâmica como alternativa de empreendimento para a região. Além destes, a vocação industrial do bairro, pode ser notada também pela fundação da fábrica de água mineral Ouro da Mina, iniciando suas atividades por volta de 2001⁹⁵, atendendo a capital do Estado e demais cidades do interior, empregando trabalhadores residentes tanto no Santana como em outros bairros da cidade em um momento que as fronteiras das relações do bairro se colocam em franco processo de expansão.

Olhando então para outro polo, o urbano, precisamos ter em mente que este se refere como apontou Endlich para o que não é rural. Dessa forma, percebemos como suas falas têm se referido ao urbano como sinônimo de cidade e rural como antônimo de cidade. Este trabalho, por outro lado, utiliza-se de uma perspectiva mais ampla de cidade compreendendo-a com um conjunto de espaços, sejam eles rurais ou urbanos, que continuamente são reconstruídos pelos habitantes da cidade e pelos demais agentes modificadores do espaço como já discutimos à luz das ideias de Corrêa⁹⁶. Ainda assim, partimos do pensamento de

⁹⁴ENDLICH, 2010, p. 17.

⁹⁵Esta data consta no Comprovante de Situação Cadastral da Empresa, como consta nos Anexos.

⁹⁶CORRÊA, 2002.

Endlich para definirmos a urbanização, pois a autora esforça-se em procurar um significado mais amplo para a urbanização, afirmando que:

a urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade, intitulada cidade, e incorporadas em seu sistema de vida. Refere-se, também, àquela acentuação cumulativa das características que distingue o modo de vida associado com o crescimento das cidades. Esse modo de vida concretiza-se além dos limites das cidades, através do encantamento em relação às influências que estas exercem por meio do poder de suas instituições e personalidades, através de instrumentos de comunicação e transporte⁹⁷.

Assim, a autora defende um conceito alargado de urbanização não se referindo apenas aos espaços que contam com características próprias para a vida de um aglomerado de pessoas, mas também aos modos que essa população escolhe viver. Ou seja, o simples ato de alguém viver na zona urbana não significa que seu modo de viver o seja, na medida em que este precisa ser continuamente construído pela mediação com seu modo de vida anterior, o rural, por exemplo, se pensarmos nas famílias que migram para os espaços urbanos. Destarte, urbano e rural são categorias que devem ser analisadas extrapolando suas conotações territoriais e espaciais, ampliando o olhar para as práticas cotidianas desenvolvidas pelas pessoas que habitam o espaço. Nesse sentido, a “sociedade urbana pressupõe uma transformação no cotidiano, que deve ser apropriado pelo ser humano. A dimensão lúdica, amplamente compreendida, torna-se prioritária e torna-se proposta de uma nova centralidade urbana”⁹⁸. Desencadeando-se novas práticas e modos de viver na medida em que o cotidiano permite essa constante reconstrução dos modos de viver. Esse movimento se torna possível à medida que as pessoas que ocupam o espaço o tomam como lugar de suas práticas, suas experiências, de sua vida.

Ao longo das últimas décadas, em especial no Brasil, vemos crescer o grau de artificialização do campo fazendo mudar a perspectiva sob a qual se olhava para o rural como símbolo de vida atrasada. Os espaços urbanos, nas grandes cidades, por exemplo, são cada vez mais levados a adotarem um ideal de ecologia que procure combinar o modo de vida estabelecido nas cidades pelo usufruto do espaço artificial, construído, com os parâmetros de vida saudável propagados como possíveis no campo. Dessa forma, Favareto, ao estudar o processo de constituição das relações entre o rural e o urbano, percebendo que essas duas categorias são construídas historicamente, é levado a afirmar que

⁹⁷ENDLICH, 2010, p. 19.

⁹⁸ENDLICH, 2010, p. 26.

[...] desaparece todo o sentido em tratar o rural exclusivamente como o oposto do urbano, em proclamar seu desaparecimento, ou em resumi-lo a apenas uma de suas dimensões atuais: o agrário. O significado maior disso tudo é um certo esboroamento da visão predominante que sustentou as ciências sociais aplicadas sobre o rural durante todo o século passado⁹⁹.

Assim, o autor sugere que o rural e o urbano sejam analisados pelas suas relações de complementaridade, solicitando que se parta de uma perspectiva mais ampla que visa olhar para os espaços da cidade através das relações no seio da dinâmica das relações sociais, caindo por terra antigos modelos explicativos acerca do rural que o colocavam em relação de subordinação ao urbano. Portanto, rural e urbano devem ser entendidas como dimensões diferentes de uma mesma cidade e que estão em contínua relação. Desse modo, percebemos o Santana como um bairro que foge aos enquadramentos propostos pelos teóricos do rural e do urbano. Se por um lado essas definições se aproximam, por outro elas se distanciam. Ao longo dos anos 70 e 80, o bairro permaneceu imerso no perímetro rural de Teresina. Nos anos 90, ele ingressa na zona urbana da cidade, mas as descrições que se fazem dele a partir dos relatos orais o apontam de maneira muito semelhante às duas décadas anteriores, demonstrando como as mudanças demoram para acontecer, de fato, são processuais, acontecem em ritmo diferenciado do que muitas vezes é esperado.

A própria Prefeitura de Teresina corrobora para este estado de indefinição quando, por exemplo, publica em 1995 o *Perfil da Zona Rural de Teresina*¹⁰⁰. O documento foi publicado um ano após o enquadramento do bairro no perímetro urbano da cidade, mas continua tratando-o como povoado rural denotando como internamente existiu um descompasso entre o que era legislado para a cidade e o que era desenvolvido pelos órgãos de atuação do poder público. Contradição e indefinição que se perpetua pelo período de tempo analisado neste capítulo do trabalho. A publicação do documento pautou-se, em parte, em dados de 1991 informados pelo IBGE, reforçando ainda mais o descompasso apontado, na medida em que não se fizeram as devidas verificações para perceber se a realidade que se apresentava na capital naquele momento ainda era a mesma da época da publicação dos dados pelo IBGE. O documento assim descreve o bairro, especificamente o povoado Jardim Europa – centro de povoamento da região:

É um loteamento residencial popular, com características urbanas. Fica localizado na zona rural leste, tendo como principal acesso a TER 1220,

⁹⁹FAVARETO, 2007, p. 185.

¹⁰⁰TERESINA, 1995.

distando 16 km de Teresina. [...] Conforme levantamento realizado em 1991, existiam 262 edificações e uma população estimada em 490 habitantes. EQUIPAMENTOS SOCIAIS - Possui escola do pré-escolar ao 1º grau, chafariz, posto de telefonia pública, transporte coletivo, campo de futebol, energia elétrica domiciliar [...] ¹⁰¹.

Logo no início da descrição visualizamos a indefinição apontada. O povoado enquanto tal é rural, mas apresenta características urbanas. O documento ainda parte da ideia de que os espaços rurais não fazem parte da cidade – ideal que aparece de forma implícita no trecho transcrito ao apontar o distanciamento do povoado em relação a Teresina quando na verdade o povoado é parte integrante da cidade. Dessa maneira, fica evidente a perspectiva de oposição campo-cidade tomada como sinônimo da dualidade rural-urbano. As informações do documento se aproximam da narrativa das fontes orais ao destacarem a distância entre o bairro e o centro comercial e administrativo da cidade, pois estas também usam da mesma expressão denotando um entendimento que a cidade, Teresina, se refere à sua zona urbana.

Também consultamos outro documento publicado pela Prefeitura de Teresina, o *Teresina em Bairros Maio/2004*¹⁰², que apresenta o seguinte perfil no ano de 2004 – utilizando-se de dados de 2000 obtidos junto ao IBGE: sua população alcança um total de 3.712, o posto de saúde atendia 898 famílias cadastradas; os chefes de família apresentavam renda mensal média de R\$271,71. Nesse período, o bairro já contava com 3 linhas de transporte coletivo urbano, denotando a preocupação do poder público em interligar o bairro ao centro da cidade, aproveitando-se de sua localização para criar linhas que cortassem bairros como o Itararé, podendo chegando ao centro por suas principais vias de acesso: Av. Frei Serafim, Av. Miguel Rosa e Av. Barão de Gurguéia. Dessa maneira, percebe-se um perfil bastante diferente apontado pelos documentos, distando cerca de uma década de uma caracterização para outra. Assim, pode-se perceber como o bairro passou por mudanças significativas ao longo dessa década, apresentando reais modificações com a chegada dos anos 2000. No entanto, em nome de um baixo crescimento, o bairro foi retirado em 2006 da zona urbana de Teresina, em meio a um processo de redefinição do perímetro urbano da cidade. O mapa seguinte permite que visualizemos os novos limites urbanos definidos para Teresina.

¹⁰¹TERESINA, 1995, p. 48.

¹⁰²TERESINA, 2004.

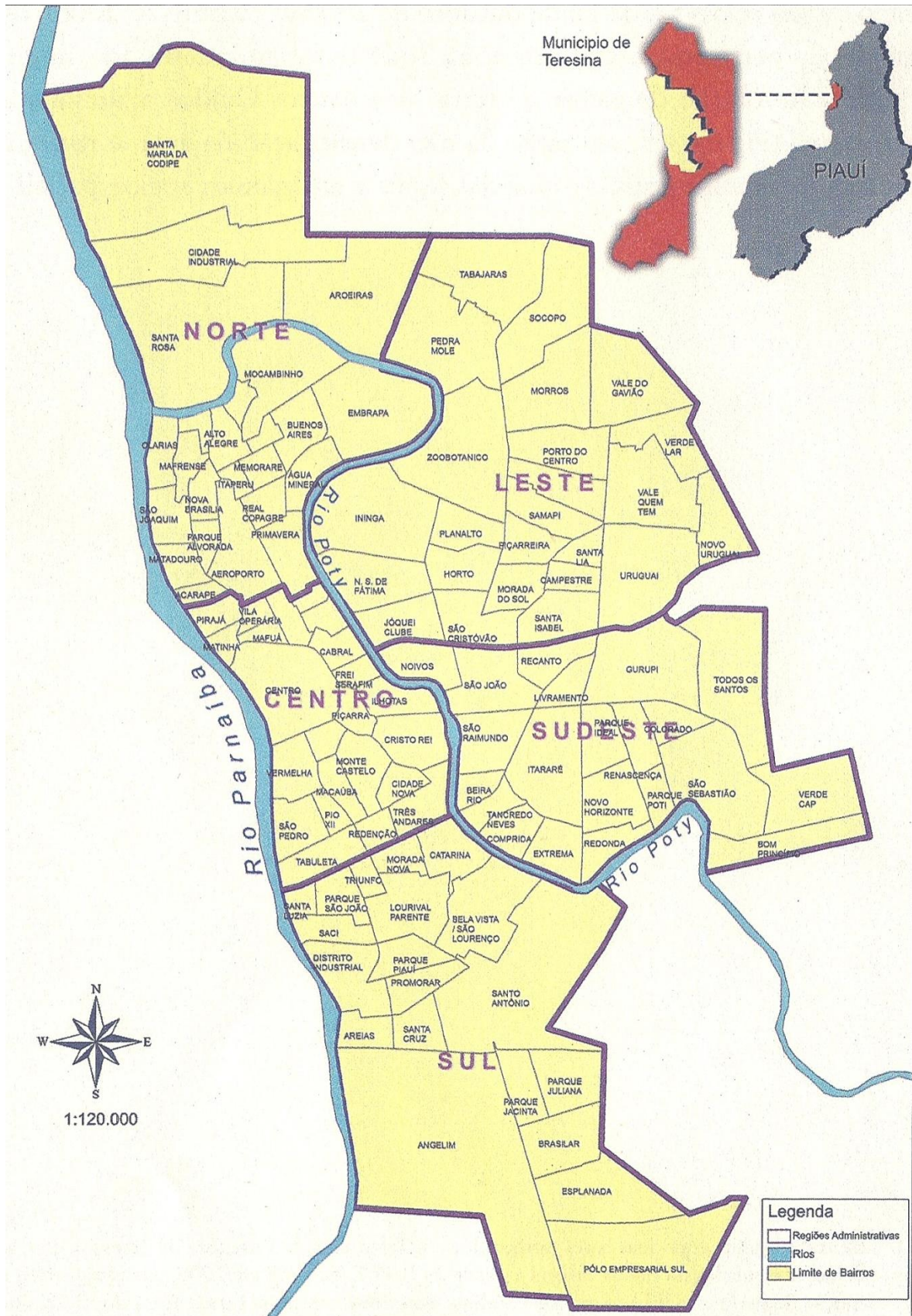


FIGURA 8: Zona urbana de Teresina segundo regiões administrativas, 2006. Fonte: Adaptado de LIMA, 2010¹⁰³.

¹⁰³LIMA, 2010, p. 52.

O mapa permite ver como Teresina passou por uma inflexão de sua malha urbana, retirando os bairros Cuidos e Santana da zona urbana e realocando-os no perímetro rural da cidade. Segundo Lima,

[...] os limites do perímetro urbano na zona Sudeste foram redefinidos, implicando a devolução de glebas de terras dos bairros Cuidos e Santana à zona rural [...], em razão da não densificação da área, e revelando o descompasso entre as medidas legais e a dinâmica socioespacial¹⁰⁴.

Assim, a autora aponta como razão para essa reorganização a não densificação da área, mas como já indicamos, o bairro cresceu significativamente nos anos 90 e 2000, não justificando sua saída da zona urbana pelo motivo apontado. Dessa forma, fica claro como o próprio poder público municipal não tem critérios claros para a definição do zoneamento socioespacial da cidade, corroborando com o que é apontado por Lima ao enfatizar tal descompasso.

No entanto, nesse processo de reorganização socioespacial da cidade, o Santana não perdeu suas características urbanas que vieram se desenvolvendo e amadurecendo ao longo dos anos 90 e 2000, mas também não viu desaparecer as marcas da ruralidade presente no conjunto do seu espaço. Isso é possível, pois como aponta Carneiro, não se pode analisar as localidades, sob a ótica da homogeneidade de padrões culturais e espaciais, mas com base em sua heterogeneidade. Daí resultando, dessa forma, sua conceituação para o ideal rurbano, quando diz:

[...] Disso resulta, a afirmação da sociedade local a partir de definições e redefinições de identidades sustentadas não mais na homogeneidade de padrões culturais mas na diversidade e, principalmente, na maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos, o que identificamos como rurbanização¹⁰⁵.

Assim, *rurbanização* diz respeito a uma nova caracterização dos espaços tendo por base a heterogeneidade dos padrões culturais estabelecidos e, portanto, levando em consideração não apenas a paisagem material, mas a imaterial construída no imaginário daqueles que habitam o bairro. Carneiro, em seu estudo, analisa como o ideal rurbano é constituído no imaginário de jovens rurais a partir do seu contato com os padrões citadinos de viver, seja pela interlocução em novas redes de sociabilidades ou mesmo pela morada

¹⁰⁴LIMA, 2010, p. 51.

¹⁰⁵CARNEIRO, 1998, s. p.

temporária fora do campo. Ao retornar para a zona rural, esses jovens trazem consigo os ideais de uma vida diferente, passando a (re)significar sua forma de viver no campo.

No caso do Santana, o que se percebe é como essas novas identidades são construídas não por jovens que migram da zona rural para a zona urbana, mas por um conjunto de gerações que cotidianamente realizam o percurso entre suas moradas e o centro da cidade. Como apontamos anteriormente, o Santana passa por um processo de indefinição, ora sendo considerado dentro do perímetro urbano de Teresina, ora sendo apontado como integrante do perímetro rural da cidade. Embora desde 2006 o bairro tenha retornado ao perímetro rural pela legislação, as obras que a Prefeitura vem realizando continuam sendo administradas pela Superintendência de Desenvolvimento Urbano (SDU) responsável pela zona sudeste e não pela Superintendência de Desenvolvimento Rural (SDR), como acontece com os povoados do perímetro rural.

A localização espacial do bairro, em um ponto de entreposto entre a zona rural e a zona urbana da cidade, permite que o caracterizemos como um espaço que vem passando por um processo de rurbanização, pois assume características espaciais que estão entre o rural e o urbano, bem como as pessoas que o habitam vão assumindo práticas que extrapolam as delimitações legisladas para o bairro. Essa interação entre o rural e o urbano que vai se diluindo e se misturando na sociedade brasileira das últimas décadas, faz emergir no Santana características que o situam de forma singular dentro desse processo, pois este se refere tanto às práticas do poder público na região como às maneiras pelas quais os moradores se tornam usuários do bairro, exigindo que a região seja trazida para essa nova conceituação aqui proposta.

Dessa forma, Carneiro destaca que o campo não está se diluindo com a aproximação da cidade, mas que este assume uma nova significação diante da sociedade contemporânea, apresentando-nos as seguintes considerações:

[...] É no momento em que as distâncias culturais e sociais entre o meio urbano e o meio rural encontram-se mais diluídas, fruto da própria intensificação da mobilidade física e cultural dos indivíduos nas sociedades contemporâneas, que se abre espaço para a reivindicação pela diferença, o que se consubstancia na emergência de identidades sociais múltiplas a partir de novas relações de alteridade que se estabelecem nesse novo contexto [...]. O rural quer seja considerado como um modo de vida e de utilização de determinadas espaços [...], quer seja uma representação que guarda um conteúdo operatório [...], não estaria se diluindo junto com a aproximação simbólica e espacial entre a cidade e o campo. Nesses termos, as transformações da ruralidade nas sociedades contemporâneas se expressam não apenas em novas configurações socioespaciais (devido aos interesses

dos novos atores sociais que aí se estabelecem e à expansão das atividades econômicas alternativas à agricultura), mas também nas novas identidades sociais que emergem de relações conflituosas resultantes da disputa por imagens e interesses distintos sobre esses espaços¹⁰⁶.

Assim, essa interação entre o rural e o urbano que caracterizam os meios rururbanizados fazem emergir novas identidades sociais, fruto desse intenso movimento entre as duas dimensões da cidade que, no caso do Santana, são cotidianamente sentidas pelas ruas do bairro, na medida em que uma população que pela distância que vive em relação ao centro político-administrativo e comercial da cidade tenderia a possuir hábitos de vida rural, na verdade apresenta hábitos fortemente urbanos incentivados por essa constante interação entre as zonas da cidade.

Desse modo, parte-se do pressuposto de que o rural e o urbano devem ser entendidos como modos de vida, dizendo respeito aos comportamentos da população, aos hábitos que que são constituídos. Ainda concordamos com Carneiro ao enfatizar que:

[...] a valorização das condições de vida no campo – como lugar onde predomina o “ar puro”, a “simplicidade de vida” e a “natureza”, em oposição à cidade, “cada vez mais poluída pelo crescimento industrial” – exerce um poder de atração sobre a população urbana. Sem abandonar seus empregos, esses indivíduos estabelecem suas residências em áreas rurais promovendo um deslocamento regular e cotidiano entre cidade e campo. Tornaram-se, assim, [...], verdadeiros “usuários da cidade”, mas por outro lado, cabe acrescentar, eles acabam por imprimir às pequenas localidades rurais uma feição de aldeia-dormitório – um dos temores dos habitantes daquelas vilas que ainda guardam um vigor social próprio e que, justamente por isso, são atraentes aos olhos dos novos rurais¹⁰⁷.

A autora destaca um processo que acontece no sentido cidade-campo, mostrando como a sociedade contemporânea tem retornado ao campo sem abandonar a vida nos grandes centros. Essa perspectiva que coloca o rural e o urbano em dois pólos distintos, mas não necessariamente opostos, também é discutida por Raymond Williams¹⁰⁸ quando nos apresenta o espaço campestre, rural, como um lugar onde “the cool country that is sought is not that of the working farmer but of the fortunate resident”¹⁰⁹, e vida urbana como “this teeming life, of flattery and bribery, of organised seduction, of noise and traffic, with streets unsafe because of

¹⁰⁶CARNEIRO, 2002, p. 13.

¹⁰⁷CARNEIRO, 2002, p. 14.

¹⁰⁸WILLIAMS, Raymond. **The country and the city**. New York: Oxford University Press, 1973.

¹⁰⁹WILLIAMS, 1973, p. 46-7. Tradução nossa: O campo ideal que se pretende não é o do agricultor trabalhar, mas o de um residente de sorte.

robbers”¹¹⁰. Assim, o autor retoma o ideal do campo como um lugar seguro e de vida tranquila que, diferentemente da cidade, é um espaço de vida agitada.

Com o Santana o movimento é inverso. Como destacamos no capítulo anterior, a população se constitui enquanto bairro nos entornos da Usina e dela passa a depender das mais diferentes formas. Com o fechamento da Usina e a crescente autonomia que a região vai ganhando, o bairro volta-se para a necessária relação com a zona urbana buscando novas formas de viver, principalmente no que diz respeito à geração de renda necessária para a sobrevivência. Desse modo, o bairro deixa paulatinamente o papel central que assumia na vida de sua população para assumir o papel de bairro dormitório, como apontado pela autora. Passando a maior parte do dia fora do bairro, nas mais diversas atividades – educação, lazer, trabalho – a população implementa no bairro novas práticas constituídas a partir desse novo jogo de interações que vão se desenvolvendo. Se por um lado, há de se reconhecer o Santana como bairro dormitório na medida em que semanalmente sua população o trata como tal, por outro lado há de se reconhecer seu papel como ímã, centro de lazer aos finais de semana, atraindo pessoas de diferentes partes da cidade, seja para o usufruto dos clubes existentes na região ou para o usufruto da grande movimentação dos bares, impondo a eles práticas mediadas por essas relações situadas entre o rural e o urbano.

Fato importante para o desenvolvimento do lazer e das sociabilidades no Santana foi a inauguração do campo de futebol, que foi reconstruído no final dos anos 2000. Segundo reportagem disponível em um sítio eletrônico que veicula notícias locais:

A Prefeitura de Teresina, por meio da Superintendência de Desenvolvimento Urbano Sudeste, inaugura no próximo dia 06 o campo de futebol da Usina Santana. A obra, que conta com investimento de R\$ 178 mil, promoverá esportes e lazer aos moradores da região que irão dispor de um espaço adequado à prática de atividades desportivas e recreativas. O campo possui 540 metros quadrados de extensão. Os serviços incluíram a realização de terraplanagem e implantação de areia vegetal no solo, que possibilitará crescimento de grama. Segundo Douglas Lopes, engenheiro responsável pela obra, após a inauguração, será realizada licitação para implantação da iluminação do campo. A medida viabilizará a prática de esportes no período noturno. “A licitação será realizada e beneficiará a realização dos jogos durante o período da noite. Além do campo e construção do alambrado, está sendo finalizada também a obra dos vestiários com banheiros”, afirma o engenheiro¹¹¹.

¹¹⁰WILLIAMS, 1973, p. 46. Tradução nossa: Esta vida fervilhante, de lisonja e suborno, de sedução organizada, do ruído e do tráfego, com ruas inseguras por causa de ladrões.

¹¹¹CAMPO de futebol da Usina Santana será inaugurado dia 06. **Portal 180 graus**. 21 maio 2008. Disponível em: <<http://180graus.com/esporte/campo-de-futebol-da-usina-santana-sera-inaugurado-dia-06-10483.html>>. Acesso em: 07 out. 2010.

Desse modo, o campo de futebol representou um importante ganho para o bairro, pois anteriormente a essa reforma ele se restringia a um espaço entre duas quadras do bairro, com solo de areia branca, causando desconforto aos moradores de seus entorno tanto pelo acúmulo de poeira durante os jogos – pois o campo de futebol é utilizado tanto para o lazer dos moradores, como para a realização de torneios entre times de diferentes bairros da cidade – como pelas constantes quebras dos telhados diante da falta do alambrado para impedir a saída da bola para as casas. Destaque-se ainda que a reportagem é enfática ao determinar que a obra está sob os cuidados da SDU/SUDESTE quando desde 2006 o bairro havia sido (re)enquadrado no perímetro rural da cidade. E mesmo hoje, se caminharmos pelo bairro, se visualizará placas de obras feitas pela respectiva Superintendência, reforçando o descompasso entre o que é legislado para a cidade e o que efetivamente se realiza nela. Evidencia-se assim, como o próprio poder público municipal atua na região de maneira dúbia, pois ao passo que delimita o bairro como rural ele deveria estar sob os cuidados da SDR e não de uma SDU. Isso não quer dizer que a Prefeitura esteja mudando de comportamento em relação ao rural tomando por base o urbano, mas revela o descompasso entre o que é legislado e o que, de fato, acontece.

Desse modo, faz-se necessário retomar os posicionamentos de Louis Wirth¹¹² sobre a cidade e vida urbana que se torna presente. Para o autor,

[...] The influences which cities exert upon the social life of man are greater than the ratio of the urban population would indicate, for the city is not only in ever larger degrees the dwelling-place and the workshop of modern man, but it is the initiating and controlling center of economy, political, and cultural life that has drawn the most remote parts of the world into its orbit and woven diverse areas, people, and activities into a cosmos¹¹³.

Assim, a cidade precisa ser compreendida como esse conjunto de cosmos que se misturam tornando-a cada vez mais complexa. Repensá-la significa, também, rever as tradicionais definições de rural e urbano como já veio sendo discutindo, percebendo as diferentes influências que a cidade exerce sobre a vida social do homem contemporâneo. Se por um lado o autor deixa de lado os horizontes rurais da cidade, ele inova ao adotar uma

¹¹²WIRTH, Louis. Urbanism as Way of Life. *The American Journal of Sociology*. Chicago, v. 44. n. 1, 1938. p. 1-24.

¹¹³WIRTH, 1938, p. 2. Tradução nossa: As influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que a proporção da população urbana poderia indicar, pois a cidade não é apenas em graus cada vez maiores a morada e da oficina do homem moderno, mas é o início e centro de controle da economia, da vida política e cultural que tem atraído pessoas e atividades das partes mais remotas do mundo em sua órbita, como um cosmo.

perspectiva diferenciada acerca da urbe e suas influências, em especial, a ideia de que a urbanidade é um modo de vida que não se restringe aos espaços urbanos da cidade, mas estende-se a todo e qualquer espaço onde pessoas com hábitos urbanos estejam vivendo.

Wirth continua sua argumentação em favor dessa perspectiva de urbanismo, destacando três perspectivas que precisam ser analisadas:

Urbanism as a characteristic mode of life may be approached empirically from three interrelated perspectives: (1) as physical structure comprising a population base, a technology, and ecological order; (2) as a system of social organization involving a characteristic social structure, a series of social institutions, and a typical pattern of social relationships; and (3) as a set of attitudes and ideas, and a constellation of personalities engaging in typical forms of collective behavior and subject to characteristic mechanisms of social control¹¹⁴.

Dessa forma, o autor não apenas reforça a ideia de que o urbanismo atravessa características espaciais bem definidas, como aponta para o fato de que ele deve ser entendido como um modo de vida, característico de uma sociedade e que comporte um conjunto de práticas coletivas que estão sujeitas a uma mesma estrutura de controle social. Assim, percebe-se como os referenciais de Wirth se cruzam com os de Carneiro, na medida em que esta autora aborda a rurbanização sob a perspectiva de práticas híbridas de sujeitos sociais que estão entre o rural e o urbano.

Desse modo, o Santana vem se constituindo como espaço em rurbanização desde os anos 70, modificando suas práticas nesse processo de (re)invenção dos modos de vida da população que o habita. Nesse sentido, a rurbanização não deve ser entendida como uma caracterização estanque da espacialidade construída pelos habitantes, mas, sobretudo, deve ser analisada sob a ótica de um processo constituído historicamente e que vai se tornando presente à medida que a população do Santana segue perdendo os vínculos de sobrevivência com a Usina e posteriormente com a Cerâmica – ímãs da ruralidade do bairro – e vai reorganizando-se em torno da dinâmica maior da cidade de Teresina e de seus espaços urbanos, remodelando e imergindo o bairro em uma situação de indefinição de sua identidade espacial – rural ou urbana –, pois as pessoas que o habitam assim como o poder público

¹¹⁴WIRTH, 1938, p. 19. Tradução nossa: O urbanismo como um modo característico de vida pode ser abordado empiricamente a partir de três perspectivas inter-relacionadas: (1) como estrutura física que compreende uma base populacional, uma tecnologia, e uma ordem ecológica, (2) como um sistema de organização social que envolve uma estrutura de caráter social, uma série de instituições sociais, e um padrão típico de relações sociais, e (3) como um conjunto de atitudes e ideias, e uma constelação de personalidades envolvidas em formas típicas de comportamento coletivo e sujeitas a mecanismos característicos de controle social.

municipal perdem os referenciais que permitiriam seu enquadramento a um desses polos, explicando o movimento de (re)zoneamento que o bairro passou nas décadas de 1990 e 2000.

Aspecto importante da teoria de Carneiro é que a rurbanização é um processo que perpassa as identidades que se constituem nesse novo contexto. Pensando nisso, o próximo capítulo discutirá a memória que se constitui no bairro em torno da Usina e como esta é reforçadora de identidades rurbanas, pois ora dimensiona o bairro como rural, ora possibilita o rompimento com esta perspectiva em prol dos ideais de progresso e desenvolvimento propostos pelo modo de vida urbano. Dessa forma, sigamos os rastros de Mnemosyne pelo jardim do Santana para compreendermos esse processo.

CAPÍTULO III

PASSEANDO COM MNEMOSYNE: O SANTANA NAS TRAMAS DA MEMÓRIA

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora¹.

A memória, essa força subjetiva, que é evocada a partir das lembranças pode muito contar sobre o passado, na medida em que ela própria é uma representação do passado ao qual se quer falar. No entanto, a memória não necessariamente depende das representações exteriorizadas por pessoas através de entrevistas, podendo também estar materializada nos monumentos, nas nomenclaturas das ruas e praças, no nome de prédios públicos servindo, sobretudo, para legitimar determinado passado.

Nesse sentido, a memória não deve ser entendida como a própria história ou mesmo como o próprio passado, mas antes como uma construção que tem seu lugar em um tempo e um espaço bem definidos. Ecléa Bosi² nos revela isso quando afirma que a memória se mistura às águas do presente, reforçando como a memória não é estanque, antes ela é movimento. Estudar a formação da memória é, desse ponto de vista, uma das maneiras de olhar para o passado a partir de um elemento que é particular e, muitas vezes, coletivo que é a

¹BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.p. 46-7.

²BOSI, 1994.

própria memória. Entendê-la como uma construção significa que ela deve ser analisada e criticada no processo de análise do passado eleito como objeto do historiador.

Ao longo da pesquisa que serve de base para esta narrativa, muitos questionamentos foram surgindo sobre os modos de a população guardar a memória sobre o passado do bairro Santana. Entenda-se guardar não na perspectiva de que a memória esteja pronta e acabada, esperando ser acionada, mas no sentido que cada pessoa guarda em particular elementos que servem para compor uma memória coletiva, mas também individual. Adota-se, dessa forma, uma perspectiva muito apreciada por Godói³ que é a ideia de memória-trabalho, ou seja, uma memória ou memórias que são reelaboradas ao longo do tempo e dos interesses de cada narrador ou de cada sociedade. Interferem nessas memórias, desde os acontecimentos individuais pelos quais o narrador passou até aqueles que atravessam a coletividade dos moradores do bairro ou mesmo da cidade. De certa forma, essa perspectiva também é apontada nos estudos de Michael Pollak⁴, pois apresentam uma perspectiva particularizada acerca da memória e que nos aparece muito útil no processo de historicização da memória, percebendo-a como dotada de uma sentimentalidade que interfere nos modos como a população rememora o passado.

Não esqueçamos, por outro lado, o importante papel da memória na construção das identidades. Se podemos falar em identidades nacionais, também podemos falar em identidades cidadinas ou mesmo em identidades de bairro. Sim, isso por que como Certeau⁵ bem nos lembra, o bairro é o espaço da construção cotidiana de um *habitus* particular de quem mora ali, o que envolve os modos pelos quais as pessoas se identificam e se ligam aos lugares onde moram. Nesse sentido, ao tratarmos da memória do Santana somos levados também a falar das identidades rurbanas que ali se formam, tomando a memória como amálgama que une e entrelaça as pessoas que ali vivem. Quando mencionamos identidades rurbanas, estamos retomando os estudos de Carneiro⁶, pois a autora enfatiza que os espaços rurbanos são identificados pelas suas características espaciais, assim como pelos modos que a população se

³GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

⁴POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212; POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

⁵CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

⁶CARNEIRO, M. J. (Coord.). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto “Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção”. Rio de Janeiro, setembro de 2002, p. 5-23.; CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. **Anais**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

identifica com o espaço, tratando-o ora como urbano ora como rural. Isso constitui o universo urbano do espaço, tal como nos foi possível identificar no Santana.

Dessa forma, o capítulo encontra-se dividido em dois subtópicos. No primeiro, tratar-se-á da importância do nome e da pessoa de Gil Martins Gomes Ferreira, percebendo os mecanismos que fazem seu nome se tornar presente no bairro a partir dos lugares de memória, retrocedendo no tempo quando necessário. Em seguida, daremos especial atenção para a figura de Ivan de Assunção Santiago e de seu pai, Fernando Santiago, pois os moradores do bairro se referem, em especial a estes dois últimos donos da Usina, de uma maneira muito peculiar e, até certo ponto, saudosista, pois entende-se que a memória está imbuída de pontes afetivas que conectam o passado rememorado e o presente que o rememora. Percebendo, ainda, como a Usina se insere na memória do bairro de maneira mais incisiva e direta, sobretudo por se firmar, nesse percurso, no seio da nomenclatura que o bairro recebe. Desse modo, o capítulo abordará as múltiplas formas pelas quais a Usina se insere na memória do bairro, seja pela figura de seus donos, pelo nome do bairro ou dos lugares, espaços que recebem seu nome e chamam a população cotidianamente a não esquecer as raízes do bairro ligadas a esse empreendimento.

Agora, de mãos dadas a Mnemosyne, a deusa grega que personifica a memória, passemos pelo Santana, nesse trabalho de construção da história deste bairro, que muito nos fala de Teresina.

3.1 Gil Martins entre a história e a memória

Na história do bairro Santana, alguns nomes se destacam no processo de rememorar o passado do bairro, com destaque para Ivan e Fernando Santiago, provavelmente por conta da proximidade entre o tempo que se rememora e aquele que é rememorado. Também ganha destaque o nome de Gil Martins, primeiro dono da Usina instalada em 1906, que embora não mencionado nas entrevistas é citado nas fontes oficiais, pois sua figura como industrial ressoou pela cidade, deixando marcas não apenas no bairro, mas também fora dele.

No bairro, o nome de Gil Martins se faz presente no Centro de Saúde, fazendo com que este espaço ganhe um significado simbólico para a comunidade, sendo mais do que um local onde as pessoas recebem atendimento médico. Sua importância avançou os limites do bairro ao ser homenageado como nome de uma importante via de acesso da cidade.

A relevância de analisar como os nomes dessas pessoas se inserem na memória do bairro e de Teresina se dá na medida em que se compreende que a região não se define apenas espacialmente, mas de acordo com os jogos simbólicos que se fazem presentes. Nesse sentido, a memória é um importante instrumento que liga as noções de pertencimento, de identidade e de diferenciação, pois o bairro “possui uma memória social e coletiva, enfim, uma história, que é recriada segundo o universo simbólico dos sujeitos e as condições sociais nas quais estão imersos”⁷. Nesse processo de (re)criação, percebemos uma memória que é (re)elaborada ao longo do tempo, erigindo novas redes de significados às lembranças que se tem sobre o bairro e sobre os que nele habitam.

Por outro lado, é preciso reconhecer que a memória, utiliza-se de âncoras no presente para realizar este trabalho de atualização, com destaque para o que Pierre Nora⁸ chama de lugares de memória. Conforme o autor,

[...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; [...]. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções⁹.

Nessa perspectiva, a memória, a partir das palavras de Nora, deve ser compreendida dentro do processo que Godói chama de trabalho da memória. Denotando, desse modo, que ambos os autores percebem a memória nesse intenso trabalho cotidiano de mutações que o presente impõe nas representações do passado. Olhando por esse ângulo, o Centro de Saúde Gil Martins, torna-se um lugar de memória na medida em que faz com que as pessoas se remetam a um passado distante no tempo do bairro, para localizar-se, reforçando os laços com a Usina que o industrial implantou na cidade.

Isso nos faz retomar a perspectiva da cidade sensível, como definida por Sandra JatahyPesavento¹⁰, ao destacar que esta é “aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na* e *por causa* da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em *lugar*, ou seja, portador de um

⁷GODÓI, 1999, p. 28-9.

⁸NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10, São Paulo, 1993. p. 7-28.

⁹NORA, 1993, p. 9.

¹⁰PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, Teresina, n. 53, v. 27, p. 11-23, 2007.

significado e de uma memória”¹¹. Desse modo, reafirmamos a importância de Gil Martins para esta pesquisa, pois suas ações direcionaram a morada de seus trabalhadores para o espaço que dará origem ao bairro, tornando-o lugar, carregado de sentido e significações.

Os ideais de modernização que se fizeram sentir em Teresina no início do século XX, é destacado pela historiografia piauiense que se dedicou a estudar esta temática. Nesse período, muita coisa mudou no Piauí. Transformações políticas, econômicas e sociais ocorreram em torno do fim da monarquia brasileira e chegada da República. A cidade de Recife reflete as alterações que chegaram nas capitais maiores do Nordeste. Antônio Paulo de Moraes Rezende¹² destaca a importância de olharmos para as cidades no período e estarmos atento ao processo de modernização trazido junto com a modernidade. Segundo o autor,

As cidades foram os grandes cenários da modernidade e, hoje, o lugar emblemático das suas ruínas e das suas tentativas de reconstrução. Os tempos modernos se expandiram com as cidades, nelas arquitetaram seus grandes projetos, acreditaram que poderiam ser livres como nunca, conviveram com as invenções modernas e seus deslumbramentos. Nelas, os homens traçaram as trilhas que redefiniram suas relações sociais. Repensaram a sua Idade do Ouro, formularam as suas utopias, fizeram suas apostas na fascinação do futuro, foram seduzidos por um tempo que apontava para os encantos da acumulação, multiplicaram seus labirintos, incansáveis na satisfação dos seus desejos¹³.

Nessa perspectiva, tratar do industrial Gil Martins e sua Usina requer que compreendamos o esforço de seu empreendimento no processo de mudanças que o Piauí e Teresina viveram nesse período. Tais mudanças foram percebidas de maneira diferente pelos diversos segmentos sociais, mas para nós, interessa contextualizar o nascimento da Usina Santana S/A, a primeira indústria açucareira do Piauí, no contexto de mudanças sociais e econômicas que o Estado vivia. Assim, entendemos que a instalação da Usina na capital não ocorreu desinteressadamente, mas antes atendia aos ecos de modernização e desenvolvimento defendidos pelas ruas dessa cidade. Afinal, “pensar o moderno significa interrogar a ‘sociedade do espetáculo’, a presença da multidão, o fenômeno do consumo”¹⁴. Nesse sentido, a instalação de um aparelho produtivo na capital do Estado, serviria, sobretudo, para suprir a necessidade de consumo da população de Teresina, ao mesmo tempo em que serviria de emblema para os avanços tão desejados.

¹¹PESAVENTO, 2007, p. 14-5, grifo do autor.

¹²REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des) Encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹³REZENDE, 1997, p. 21.

¹⁴MATOS, 2002, p. 12.

Procuramos o Arquivo Público do Piauí (APPI) na busca dos jornais que circularam em Teresina em 1906, para analisar o modo como a imprensa veiculou a abertura da Usina e, talvez, as representações que se formaram em torno de Gil Martins. Só foi possível consultar a primeira metade deste ano e nesta nenhuma informação foi encontrada acerca da Usina. A segunda metade do ano não se encontra mais em condição de manuseio. Situação lamentável que é destacada por Áurea da Paz Pinheiro¹⁵. A autora aponta como a nossa atuação, enquanto historiadores, fica limitada diante desses obstáculos, pois o material salvaguardado pelos arquivos públicos se mostram muito valiosos para o bom desempenho de nossa função, quer como historiadores, quer como cidadãos. Isso limita, mas não impede que a pesquisa ocorra, nem que os historiadores desenvolvam novas técnicas de pesquisa.

Pelas informações colhidas podemos perceber como a Usina de uma forma ou de outra tem interagido ou interagiu com a população local, funcionando não só como geradora de renda e emprego, mas também de moradia; muito influenciando também na economia da capital, Teresina, e do Piauí, já que era a única Usina de açúcar do Estado. Destacando a importância do processo de modernização na cidade, Raimundo Nonato Monteiro de Santana¹⁶ elenca diversos elementos que contribuíram para o seu desenvolvimento em Teresina, desde o início até o final do século, incluindo a presença da Usina como uma mostra da modernidade que chegava na capital. Assim nos diz, “[...] antes do final do século, a cidade de Saraiva já era a maior e mais importante comunidade piauiense, o orgulho de toda província. Com a República, vieram o cinema, a luz elétrica, a Usina Santana com seu primoroso açúcar [...]”¹⁷. Açúcar que atendia à sociedade local, empregava mão de obra e que se encaixa no eixo sudeste de crescimento urbano da capital que se mostrará mais significativo nas décadas finais do século XX.

Sobre o açúcar produzido pela Usina, encontramos uma matéria de jornal recomendando o consumo do produto e destacando a sua qualidade. Assim diz:

Uzina Sant’Anna. Os senhores Gil Martins & Ci.^a, activos negociantes de nossa praça, nos enviaram, a amostra do assucar desse importante estabelecimento agrícola. A amostra do optimoproducto que temos presente, é de 1.^a qualidade, nada deixando a desejar de melhor no seu genero. Os operosos industriaes podem, sem temer competencia, satisfazer ás mais finas exigencias dos consumidores do assucar nacional, com o que produz a

¹⁵PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **História e Historiografia**. Recife: Edições Bagaço, 2006. p. 53-70.

¹⁶SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.). **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectiva**. Teresina: Halley, 1995.

¹⁷SANTANA, 1995, p. 129.

UzinaSant'Anna. Agradecendo os senhores Gil Martins &Ci.^a, recommendamos o producto de sua bem montada uzina, posto que já se ache recommendado pela sua fina perfeição¹⁸.

A matéria foi publicada no jornal *O Apóstolo*, meio de comunicação oficial da Diocese. Esse dado é importante, pois faz lembrar o lugar de destaque que Gil Martins e seus associados tinham na sociedade teresinense. Se fosse diferente, dificilmente o jornal publicaria uma matéria tão elogiosa sobre o empreendimento. Além disso, não podemos deixar de notar a proeminência de Gil Martins frente aos seus sócios, os quais não são nomeados no periódico indicando, ao nosso ver, o papel central que ocupava o industrial. A sociedade teresinense do período guardava práticas bem tradicionais, logo não seria de bom tom o referido jornal publicar tal matéria se os donos do empreendimento não fossem bem vistos socialmente. Essa perspectiva é reforçada quando encontramos outra matéria¹⁹ indicando que haveria um pleito eleitoral e que os eleitores deveriam votar nas pessoas indicadas pelos bons homens da capital, dentre eles Gil Martins. Logo, é preciso reconhecer o lugar de destaque do empreendimento e de seu dono dentro das relações que permeiam a configuração histórica de Teresina no período. De acordo com Pedro Pio Fontineles Filho²⁰,

As cidades são puro movimento, pois a dinâmica social as configura e elas também modelam a prática social. Sua existência dá-se pelas memórias construídas constantemente. Tal movimento possui tamanha complexidade ao ponto de não ser apreendido em um único sentido, daí a existência de várias cidades à medida que múltiplas experiências e vivências configuram os espaços de memória. Suas experiências as cortam inscrevendo suas narrativas próprias, cartografando os sentimentos de quem nelas habita²¹.

Nesse sentido, as ações de Gil Martins validam uma cidade que se queria engajada no processo de modernização sentido pelas demais cidades brasileiras. De modo que o industrial representa um daqueles que interferem na dinâmica social de Teresina, modelando-a ao mesmo tempo em que é modelado também por ela.

Ainda no jornal *O Apóstolo*, encontramos uma outra matéria que felicita Gil Martins em seu aniversário. Conta-nos o seguinte: “aqui vai também nossa saudação a esse honrado,

¹⁸UZINA Sant'Anna. *O Apóstolo*, Teresina, p. 2, 26 maio 1907. Ano I, n. 2.

¹⁹A “UNIÃO POPULAR”: ao eleitorado. *O Apóstolo*, Teresina, p. 1, 29 out. 1911. Ano V, n. 231.

²⁰FONTINELES FILHO, Pedro Pio. *Desafiando o olhar de Medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX*. 170 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

²¹FONTINELES FILHO, 2008, p. 23.

operoso e distinto lutador pelo progresso do Piahuay, e nosso particular amigo”²². Desse modo, o periódico em questão reforça o papel de Gil Martins como homem que luta pelo progresso piauiense, reforçando a construção de uma imagem positiva a seu respeito. Esse elemento é de especial importância se olharmos para a Usina como mais uma intervenção que busca os ideais de modernidade que pairavam em Teresina naquele período, constituindo-se como um importante ponto de referência no processo de modernização.

A Usina aparecia menos nos jornais do que outras empresas existentes no período. Isso provavelmente ocorria devido ao distanciamento do seu produto que não chegava diretamente ao consumidor final. Assim, é necessário buscar fontes outras que elucidem nossos questionamentos. Um dos papéis do historiador consiste justamente em trazer à tona elementos do passado antes não analisados ou percebidos. Isso não quer dizer que trabalhamos sempre em busca do ineditismo, mas que na constante arte da revisão (re)descobrimos o passado que se nos apresenta, pois entendemos, assim como Adam Schaff²³, que “[...] o processo do conhecimento é infinito, que cada verdade parcial atualmente atingida neste processo é apenas parcial e neste sentido relativa, condenada portanto a ‘envelhecer’ e a ser ultrapassada por uma verdade mais completa”²⁴. Entendemos, assim, que na História não podemos falar em verdades absolutas, mas em verdades coerentes, plausíveis mediante o relato dos fatos e a interpretação das fontes. A pesquisa, então, desenvolvida pelo historiador está diretamente relacionada às perguntas que ele faz. Como Rezende nos conta, “a escolha do tema o historiador define o ponto de partida, começa a traçar sua trajetória”²⁵.

Nesse processo da construção de uma verdade coerente o historiador pode utilizar de uma variedade significativa de fontes, desde o material escrito ao visual ou mesmo ao audiovisual. Para o nosso estudo, demos atenção às fontes visuais – como foi sendo apresentado ao longo do texto, através de imagens extraídas de documentos publicados pelos órgãos oficiais ou por pesquisadores da cidade, sejam eles historiadores ou não, e que muito ajudam na construção de nossa narrativa. Destarte, a cidade:

[...] é concentração populacional, tem um pulsar de vida e cumpre plenamente o sentido da noção do ‘habitar’, e essas características a tornam indissociavelmente ligada ao sentido ‘humano’: cidade, lugar do homem;

²²SEM TÍTULO. **O Apostolo**, Teresina, p. 3, 19 maio 1908. Ano II, n. 51.

²³SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

²⁴SCHAFF, 1995, p. 204.

²⁵REZENDE, 1997, p. 13.

cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais²⁶.

Justamente por ser a cidade esse espaço onde habita esse homem plural, que se renova cotidianamente nas teias das relações sociais, que ela se torna foco das análises de pesquisadores de diferentes áreas, com diferentes percepções sobre a cidade, mas que por outro lado não precisam ser excludentes. Nesse contexto, o fotógrafo, se não pensa a cidade pelos olhos do cientista, ao menos a percebe como obra de arte, passível de ser apreendida e contemplada pelo seu ofício. Como nos diz Boris Kossoy²⁷:

O ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico (caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético etc.); essa fotografia traz em si indicações acerca de sua elaboração material (tecnologia empregada) e nos mostra um fragmento selecionado do real (o assunto registrado)²⁸.

Isso faz com que pensemos a imagem não como o retrato fiel do passado, mas como o autor bem lembra, uma representação ou registro de um dado momento passado que teve seus condicionantes, sejam eles de ordem econômica, social, política, religiosa ou outra qualquer, pois a imagem não é isenta dos interesses daqueles que a quiseram produzir, entendida como um fragmento de uma realidade que passou, mas uma realidade construída pelos olhos de seu produtor. Descarta-se, assim, a ideia de que o fotógrafo é isento de responsabilidade pelo que fotografou. Por mais desintencional que tenha sido o ato de fotografar, ele guarda no mínimo o desejo do fotógrafo de registrar e do que registrar.

A imagem a seguir foi extraída a partir do *Perfil da Zona Rural de Teresina*²⁹, e representa o primeiro prédio que a Usina ocupou, “tendo como principal acesso a rodovia asfaltada TER 120, distando 18 Km de Teresina. Limita-se com os povoados Floresta e Olho D’Água”³⁰.

²⁶PESAVENTO, 2007, p. 14.

²⁷KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

²⁸KOSSOY, 2001, p. 39-40.

²⁹TERESINA. **Perfil da Zona Rural de Teresina**. Teresina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 1995.

³⁰TERESINA, 1995, p. 80.



FIGURA 9: Prédio da 1ª Usina de Açúcar do Piauí
 FONTE: Adaptado de TERESINA, 1995³¹.

Analisando essa imagem, chamamos atenção para o fato do projeto de construção da Usina ter sido elaborado por técnicos estrangeiros. O autor do documento em que a imagem está contida revela que ela se trata do “prédio original desativado da 1ª Usina de Açúcar do Piauí, construída no início do século baseada em projetos de técnicos ingleses”³². Isso representou um elemento a mais no prestígio do prédio, pois as intervenções inglesas atribuíam um glamour extra para os espaços e construções feitas em qualquer dimensão do territorial nacional. Afinal, os ingleses eram considerados os portadores da modernidade tão sonhada e almejada. O autor provavelmente tentava reforçar a ideia de modernidade que a Usina implicitamente trazia consigo. Quando o documento foi escrito e a imagem utilizada para ilustrar a ligação do bairro com a Usina, o autor não teve a preocupação de datar a imagem, deixando subentendido que ela fosse do início do século. No entanto, não encontramos subsídios para afirmar uma datação precisa. Independentemente do período em que ela tenha sido produzida, o que não podemos descartar é o fato da imagem ter sido utilizada como um recurso de memória, buscando preservar um elemento do passado. Vemos, assim, tal imagem como uma tentativa de cristalizar um passado que se quer salvaguardar. Dessa forma, concordamos com Nora quando afirma que a memória “se apoia inteiramente

³¹ TERESINA, 1995, p. 81.

³² TERESINA, 1995, p. 81.

sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem”³³.

A Usina Santana talvez não fosse noticiada tão frequentemente nos jornais, mas teve lugar de destaque nos eventos de agronegócios da capital. Na Primeira Exposição Estadual do Piahy³⁴, realizada em 24 de janeiro de 1923, a Usina Santana aparece como vencedora conquistando a medalha de ouro, como segue: “MUNICIPIO DE THERESINA. Intendencia Municipal – Diploma de Honra. Expositores: Gil Martins Gomes Ferreira – Industria de assucar, – Medalha de ouro”³⁵. Destarte, a Usina vai se firmando na memória teresinense através de outros meios diferente dos jornais, ao virar nome de bairro, de estrada – pois a TER 120 que liga o bairro aos demais espaços da cidade é comumente conhecida como “Estrada da Usina Santana” – e seu dono, ou ao menos um deles, sendo agraciado com uma rua na zona central de Teresina, a Avenida Industrial Gil Martins, como tratamos anteriormente.

Isso tudo faz-nos pensar como o processo de escolha do objeto e das fontes por parte do historiador é complexo. O trabalho do historiador se faz entrecruzado com seus desejos e anseios, suas escolhas. Retratando isso, Adam Schaff³⁶ nos fala acerca da necessidade de definirmos o que consideramos fato histórico. Para esse autor, depende “do contexto desse acontecimento, das suas relações com outros acontecimentos considerados no encadeamento da causalidade ou da finalidade”³⁷. Por isso, ao estudar o bairro Jardim Europa, optamos por contextualizá-lo no universo maior da cidade que o abriga. Dessa forma, a escolha por pesquisar a Usina e o bairro nos leva a fazer, descobrir e redescobrir uma parte de nosso passado enquanto cidadãos teresinenses.

Destaque-se ainda que apenas no início do século XX, é que o açúcar será produzido em escala industrial concomitante à instalação da Usina. De tal modo que esse fato aparece no *Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí*³⁸, como segue:

Sua industrialização no Estado é feita pela Usina Santana, em Teresina, fundada em 1906. Em 1914 produziu 4.000 sacos de 60 Kg. Em 1932 iniciou a fabricação de álcool-motor. Um de seus proprietários foi o industrial Gil Martins Gomes Ferreira³⁹.

³³NORA, 1993, p. 14.

³⁴PIAHUY. **Primeira Exposição Estadual do Piahy**. Teresina: 1923.

³⁵PIAHUY, 1923, s.p.

³⁶SCHAFF, 1995.

³⁷SCHAFF, 1995, p. 210.

³⁸BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – PMT, 1994.

³⁹BASTOS, 1994, p. 21.

No trecho acima, mais uma vez, percebemos a importância de Gil Martins para a história e a memória teresinense e piauiense, pois seu nome ganha destaque no contexto da história da Usina, embora naquele momento ele tivesse sócios. Isso indica que sua participação como sócio provavelmente era maior. Na obra citada, embora o autor trace toda uma trajetória da Usina, ele cita unicamente o nome de Gil Martins como seu dono, provavelmente dando destaque pelo seu feito de industrializar o açúcar em um Estado que só tardiamente, se comparado aos Estados vizinhos da região Nordeste, percebeu esse ramo industrial como gerador de riquezas. Cabe ainda salientar que o feito de Gil Martins acontece em um momento em que Teresina estava embebida em discursos que buscavam importar um ideal de modernização vindo dos grandes centros industrializados do país⁴⁰.

No IBGE estão disponíveis os *Anuários Estatísticos do Brasil* (AEB). Na unidade que se encontra em Teresina, alguns Anuários não podem ser consultados impressos devido ao mal estado de conservação, mas no sítio eletrônico do IBGE podem ser encontrados disponíveis para *download* desde o ano de 1912. Analisando os anuários disponíveis, algumas informações se confirmaram, por exemplo, a de que não existiu outra usina de açúcar durante os anos de existência da Usina Santana no decorrer do século XX. Esse dado é importante, pois confirma o importante papel que a Usina desempenhou para a economia e para a sociedade piauiense, extrapolando os limites do bairro e mesmo da cidade.

Considerando a situação peculiar da Usina, como a única do ramo açucareiro no Estado, pode-se dizer que o empreendimento se encontrava em situação bastante confortável frente a concorrentes vindos de outros Estados em uma tentativa de comercialização de açúcar, tendo em vista o fato da produção da Usina ser local, fazendo o custo logístico a ser incidido no preço cair consideravelmente, aumentando sua competitividade no mercado e, assim, podendo atingir bons índices de lucratividade.

A leitura do AEB de 1936⁴¹, ainda nos permitiu a construção da seguinte tabela, com base nos dados da área de cultivo no Piauí e nos seus dois Estados vizinhos, Ceará e Maranhão⁴²:

⁴⁰FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **Desafiando o olhar de medusa**: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX. 170 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

⁴¹BRASIL. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1936.

⁴²Como esta pesquisa não teve como objetivo analisar de maneira aprofundada a produção de açúcar no período, utilizando-se de dados desse tipo apenas em um esforço de contextualização – o que é próprio do trabalho do historiador, optamos por comparar os dados do Piauí aos dois Estados vizinhos mais próximos e não com a região Nordeste como um todo, no sentido de sermos o mais objetivos possíveis nesse respeito.

TABELA 6: Área de cultivo de cana-de-açúcar (1931-1935)

UNIDADE FEDERATIVA	ÁREA CULTIVADA (hectares) DE CANA-DE-AÇÚCAR				
	1931	1932	1933	1934	1935
PIAUI	1.020	1.120	2.550	1.250	1.330
CEARÁ	19.800	22.660	9.980	17.100	16.180
MARANHÃO	730	640	2.580	2.780	1.380

FONTE: IBGE, 1936⁴³.

Comparando a área cultivada do Piauí com seus dois principais estados vizinhos, percebemos que sua área cultivada é menor, porém constante ao longo do quinquênio. À exceção do ano de 1933, o Piauí mantém mais ou menos a mesma área cultivada diferente do que acontece com seus Estados vizinhos, indicando a intensidade da produção desenvolvida nas terras piauienses.

Como apontamos no primeiro capítulo desta Dissertação, a Usina possuiu diversos fornecedores oriundos de outras cidades do interior do Piauí durante seus anos finais de existência⁴⁴, podendo também ter sido esse o caso no período compreendido pela tabela. Como nossas fontes orais já indicaram, a região ocupada pelas casas do bairro já foram grandes canaviais, indicando a forte produção nas terras da própria Usina, mas não descartando a possibilidade de parte da cana vir de fora.

Outro dado importante que pode ser verificado, diz respeito ao rendimento da produção de cana-de-açúcar por hectare, como destacamos a seguir novamente comparando o rendimento piauiense aos seus dois principais estados vizinhos:

TABELA 7: Rendimento, por hectare, da produção de cana-de-açúcar (1931-1935).

UNIDADE FEDERATIVA	RENDIMENTO POR HECTARE DE CANA-DE-AÇÚCAR (toneladas)				
	1931	1932	1933	1934	1935
PIAUI	55	55	56	56	40
CEARÁ	40	36	30	35	31
MARANHÃO	41	39	40	41	35
BRASIL	47	45	36	38	38

FONTE: IBGE, 1936⁴⁵.

Nesse sentido, podemos visualizar que o rendimento de produção por hectare do Piauí é bem superior, chegando a ser maior que a média nacional. Isso justifica o fato de nesse

⁴³BRASIL, 1996, p. 90-1, 93.

⁴⁴CAMPOS, 2010.

⁴⁵BRASIL, 1936, p. 97-8, 100-2.

mesmo quinquênio o Piauí ter produzido mais cana-de-açúcar que o Maranhão, embora em três anos a produção do Maranhão tenha sido maior. Como segue:

TABELA 8: Produção anual da cana-de-açúcar (1931-1935).

UNIDADE FEDERATIVA	PRODUÇÃO (toneladas)					
	Média do quinquênio 1926-1930	1931	1932	1933	1934	1935
PIAUI	...	56.100	61.840	143.020	70.600	61.400
CEARÁ	...	792.250	815.920	299.120	599.000	506.400
MARANHÃO	...	30.240	25.130	103.250	114.160	48.300

FONTE: IBGE, 1936⁴⁶.

Assim, essa produção de cana-de-açúcar foi útil para a produção da Usina Santana S/A. Tendo em vista que não encontrou-se registros de uma possível importação de cana-de-açúcar vinda de outros Estados, acredita-se que a produção da Usina tenha usado como base a produção local, seja dela mesmo ou de outros fornecedores piauienses. Dessa forma, vamos percebendo como a Usina assume papel significativo como elemento afirmador da modernização de Teresina naquele período. Para Marshall Berman⁴⁷,

Se nos adiantarmos cerca de um século, para tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano [...]⁴⁸.

Assim, vamos percebendo como a modernidade está, quer queiramos ou não, ligada às mudanças na paisagem, seja a nível de uma cidade ou de um bairro seu. Para que essa mudança possa ocorrer, o poder público ao lado do poder privado assume papel significativo na medida em que empreende mudanças deste o status da região de rural para urbana até as mudanças materiais.

Destacamos também a preocupação por parte do governo do Estado, coordenado à União, com a produção açucareira, o que pode ter beneficiado o empreendimento. Encontramos em uma matéria do jornal de divulgação dos atos oficiais, informações apuradas

⁴⁶BRASIL, 1936, p. 104-5, 107.

⁴⁷BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴⁸BERMAN, 2007, p. 28.

em resposta ao inquérito industrial, recomendado pelo Conselho Federal do Comércio Exterior. A comissão que foi formada para fazer tal apuração encarregou-se de destacar as principais dentre as muitas necessidades do Piauí, afim de que pudesse alcançar o progresso industrial, recebendo destaque a produção açucareira conforme reproduzimos abaixo:

A necessidade de crédito vem tolhendo qualquer desenvolvimento agrícola em vulto ponderável no Estado. [...] A industriaassucareira luta com dificuldades motivadas pela limitação da produção e pela falta de credito bancário. [...] Assim pois sugere a comissão: [...] que o Instituto do Assucar e do Álcool permitta maior limite ás usinas do Estado pelo menos até a sua actual capacidade de produção, medida, aliás, que não virá annullar ou de algum modo prejudicar as de ordem geral mantidas pelo mesmo Instituto⁴⁹.

A partir do trecho acima, percebemos claramente a importância que a comissão de apuração dedica à produção açucareira do Estado, ao mesmo tempo em que reconhece as dificuldades encontradas para se manter haja vista a falta de subsídios agrícolas e de créditos bancários. Buscando junto ao então Instituto do Assucar e do Álcool⁵⁰, portanto, permissão para que a produção fosse elevada. Assim, percebemos que desde muito cedo o Piauí desponta para a possibilidade de se tornar um grande produtor de açúcar. Apesar da produção de açúcar, em especial a produção da Usina Santana, não tenha alcançado os níveis que imaginamos ser a sua potencialidade, muito há para ser analisado acerca dessa empresa.

Ao buscar compreender a presença do nome de Gil Martins materializado em diferentes pontos da cidade e nos documentos oficiais tivemos em mente as palavras de Nora, quando aponta que:

[...] Mais as origens eram grandes, mais elas nos engrandeciam. Porque venerávamos a nós mesmos através do passado. É esta relação que se quebrou. [...] Não se falará mais de “origens”, mas de “nascimento”. O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade, - como na operação que, de um golpe, a suprime⁵¹.

Dessa forma, utilizamo-nos desse recuo temporal como forma de colocar em evidência alguns aspectos do passado da Usina que direcionam para a importância que Gil

⁴⁹CAMARA de expansão commercial do Estado do Piauy: inquerito sobre as possibilidades da industria brasileira. **Diário Oficial**. 14 jan. 1937. p. 8-9.

⁵⁰Mantivemos a grafia do nome do Instituto da forma como aparece nas fontes.

⁵¹NORRA, 1993, p. 19.

Martins teve no processo de constituição da empresa, dando início à produção industrial na região, ao mesmo tempo em que favoreceu o adensamento do povoamento da localidade paulatinamente ao longo dos anos de existência da Usina.

Tomaz Tadeu da Silva⁵², ao estudar a formação das identidades nacionais remete-se à necessidade da existência de um mito fundador como um elemento que permite a união nacional. Como segue:

[...] Entre esses símbolos, destacam-se os chamados “mitos fundadores”. Fundamentalmente, um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. [...] o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia⁵³.

Transpondo a fala de Silva para a realidade do Santana, percebemos como a figura de Gil Martins pode está atrelada a essa tentativa de estabelecer um mito fundador para o bairro. Um mito não no sentido da criação de uma narrativa imaginária e irreal, mas no sentido da fixação de um conjunto de elementos que permitam ligar o bairro ao seu passado dando-lhe, de certa forma, um passado glorioso ligado diretamente ao empreendimento que possibilitou a existência do bairro. A Usina Santana S/A, dessa maneira, ao desencadear o processo de formação do bairro, torna-se parte integrante e fundamental do mito criador do Povoado Usina Santana, depois do Loteamento Jardim Europa e, conseqüentemente, do bairro Santana como um todo firmando o nome de Gil Martins na memória daquele espaço. Dentro do processo de rurbanização do bairro, o nome de Gil Martins surge como um elemento reforçador das características rurais do espaço fazendo com que as pessoas rememorem o passado agroindustrial que ali se fez presente.

Para Pollak, a memória é “essa operação coletiva dos acontecimentos e da interpretações do passado que se quer salvaguardar”⁵⁴. Como discutido, o nome do industrial Gil Martins fica gravado como prova de seu importante papel estando à frente da Usina Santana S/A, não sendo sem motivo o fato de o Centro de Saúde do bairro ter recebido o seu nome, pois sabe-se que é prática comum no contexto da produção de memórias

⁵²SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

⁵³SILVA, 2000, p. 85.

⁵⁴POLLAK, 1989, p. 9.

institucionalizadas, homenagear pessoas que se quer salvaguardar na memória da cidade colocando seus nomes em estabelecimentos públicos. Nesse sentido, destacamos o fato da construção da memória como uma atividade, fruto de uma constante reconstrução intencional e desintencional. Essa é uma via de mão-dupla necessariamente percorrida, podendo ser desencadeada seja pelo poder público e seus representantes ou pelas pessoas que habitam a cidade.

Nesse processo, outros nomes fizeram-se perpetuar na história e na memória do bairro como foi o caso dos Santiago – Ivan e Fernando. Em seguida, discutiremos como a Usina mantêm-se presente nesta memória dando nome à região, muitas vezes fazendo surgir diferentes formas de nomear o bairro, como também percebendo como estes dois homens destacam-se nesse contexto, em especial o de Ivan de Assunção Santiago provavelmente por ser o diretor do empreendimento tendo estado mais próximo das pessoas que habitavam o bairro, dando motivo para que sejam lembrados pelos moradores a partir dos laços de afetividades formados.

3.2 Os Santiago e as faces do Santana

Os estudos que tratam de memória como os que já estamos tratando ao longo deste trabalho não deixam de associar a memória às questões das identidades. Candau nos conta que a memória é anterior à identidade servindo de amálgama para esta última. Assim, sem memória o indivíduo fica desprovido de identidade, pois perde seus referenciais de pertencimento, sejam eles sociais ou espaciais. Por outro lado é preciso atentar para o jogo dialético e incessante que envolve a memória e as identidades. O referido autor ainda nos conta:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento⁵⁵.

⁵⁵CANDAU, 2011, p. 16.

Nesse sentido, é preciso que atentemos para os laços que unem memória e identidade. Jacques Le Goff⁵⁶ caminha também nesse rumo quando afirma que a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”⁵⁷. No caso específico deste estudo, interessa perceber como a memória serve para alimentar o sentimento de pertencimento espacial presente entre os habitantes do bairro Santana. Ao longo dos dois primeiros capítulos, podemos perceber como a história do bairro é marcada por acontecimentos que podem ser considerados favoráveis do ponto de vista das melhorias infraestruturais que o bairro ganha, mas também problemáticos se olharmos para os conflitos que emergiram no processo de falência do empreendimento dos Santiago – em um primeiro momento a Usina Santana e posteriormente a Cerâmica Santana. No entanto, não percebe-se que os habitantes deste espaço tenham desenvolvido um sentimento de apatia ou antipatia para com o bairro. Ao contrário, tem-se notado um reforço dos sentimentos de pertencimento entre os moradores e o bairro que habitam. O bairro sobrepõe vividamente a estrutura local criada pelos gestores públicos aos elementos particulares de cada morador, de modo que a permanência do local mostra as complexas e sensíveis conexões entre os espaços públicos e privados.

Tal sentimento de pertencimento, ao nosso ver, existe em decorrência dos laços construídos no âmbito das ações dos Santiago e dos seus empreendimentos na região. A presença da Usina foi tão marcante a ponto de hoje, quando o poder público realiza obras no bairro, as placas publicitárias mostram que a obra está acontecendo na Usina Santana, fazendo referência ao nome do primeiro povoado criado com o intuito de dar moradia para os trabalhadores da Usina – o Povoado Usina Santana, quando na verdade estão sendo realizadas no loteamento Jardim Europa, que está inserido no Santana.

Essa divergência, se dá por conta da criação da Imobiliária Jardim Europa, conforme nos contou o Sr. Antônio Carlos, criada para vender o loteamento de mesmo nome e que depois absorveu em um processo de migração as pessoas que antes moravam no Povoado Usina Santana. A partir daquele momento a memória da população passou a ser reelaborada em torno dessa mudança de localidade. Segundo Pollak, que discute o conceito de memória coletiva sob a perspectiva do sentimento de pertencimento às fronteiras socioculturais a:

⁵⁶LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

⁵⁷LE GOFF, 2003, p. 476.

memória coletiva de um determinado grupo, uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais⁵⁸.

De tal modo que a mudança das pessoas vai gerar ressonâncias em como essa memória vai representar o bairro, pois tendo em vista que ao ser ocupado pelos moradores do antigo povoado, assumia as feições deste, ao menos do ponto de vista das práticas desenvolvidos em seu cotidiano. A partir desse momento, o processo de reelaboração da memória vai se firmando, confundindo os dois espaços. Para algumas pessoas o bairro simplesmente tem os dois nomes; para outros, no entanto, como é o caso do Sr. Antônio Carlos, a mudança de nome se mostra como fruto de um processo que deixa entrever as relações de poder que atuavam na região, principalmente aquelas vinculadas à Usina. Assim, notamos que alguns moradores internalizaram a tal ponto a denominação Usina Santana para o bairro, que pouco se questionam sobre as diferença entre o Santana e o Jardim Europa, ou nem mesmo sabem ou lembram-se do estabelecimento da Imobiliária. Vejamos o que nos diz a Sra. Antônia Rosa Araújo de Sousa:

Meu filho, da hora que eu nasci. Foi pra cá. A mamãe teve nós lá na Santana Velha. Aí viemos pra cá. Tudo é a mesma coisa. Aqui era canavial. Era canavial aqui. Nós plantava cana, plantava feijão. A casa era desse jeito aí. Tinha vez que era de palha⁵⁹.

O que a Sra. Antônia Rosa relata é importante, pois nos permite perceber como para os moradores os dois recortes espaciais – a Povoado Usina Santana, também chamado de Santana Velha por associação ao primeiro prédio da Usina e o Loteamento Jardim Europa, também chamado de Santana Nova em associação ao segundo prédio da Usina – se referem a uma única e mais ampla localidade. Entendemos que isso aconteça por que o povoado e o loteamento estavam em terras dos Santiago sendo, portanto, uma coisa só para as pessoas. Além disso, a Sra. Antônia Rosa refere-se ao fato de que nas terras tanto era produzido cana-de-açúcar para a indústria como era permitido que eles plantassem para a subsistência estabelecendo um duplo laço com o território: primeiro, a possibilidade de acesso à renda com o emprego; segundo, a oportunidade de utilizar a terra para cultivar alimentos.

⁵⁸POLLAK, 1989, p. 3.

⁵⁹SOUSA, Antônia Rosa Araújo. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 10 jan. 2013.

Os poderes públicos, estadual e municipal, também corroboram para essas diferentes formas de denominar o bairro, constantemente chamando-o homogeneamente de Usina Santana. Ao longo desta narrativa temos utilizado de uma série de notícias veiculadas nos sítios eletrônicos do governo estadual onde, constantemente, o noticiante se refere ao bairro denominando-o pelo nome do empreendimento industrial que outrora lá se fez presente. Outro exemplo disso pode ser percebido na reportagem que segue. Segundo Sâmia Menezes⁶⁰:

O governador Wellington Dias e o prefeito de Teresina, Sílvio Mendes, assinaram na manhã desta segunda-feira, 20, ordem de serviço para a pavimentação asfáltica de duas estradas municipais, na Usina Santana e na Cacimba Velha. Em solenidades prestigiadas por secretários municipais e estaduais, vereadores, deputados e lideranças comunitárias, ambos reafirmaram a continuidade das parcerias. As obras, segundo o prefeito, iniciam ainda hoje com prazo de conclusão de 150 dias. Na Usina Santana, serão executados os serviços de recapeamento asfáltico e construção do acostamento da Rodovia Municipal TER-120, no trecho que vai do balão da BR-343 até a Usina Santana, totalizando 12 Km. A obra está avaliada quase R\$ 2 milhões, sendo 50% dos recursos oriundos da Prefeitura de Teresina e 50% do Governo do Estado⁶¹.

A reportagem é datada de 2006, momento em que a TER 120 de fato foi asfaltada em um processo de recapeamento asfáltico melhorando a qualidade da via que liga o bairro Santana à BR 343. Interessa nesse ponto, destacar como os representantes do poder público municipal e estadual nomeiam a região de Usina Santana. Por um lado, reconhecemos aí uma operação de memória contribuindo para solidificar ainda mais na região o nome do empreendimento confundindo-o com o próprio bairro. Por outro, reconhecemos também como o nome da Usina retoma elementos da ruralidade do bairro, haja vista que no período em que a reportagem foi produzida o bairro já ter sido (re)enquadrado fora do zoneamento urbano da cidade. Assim, noticiar ao mesmo tempo as obras na “Usina Santana” e na Cacimba Velha, como afirma a reportagem, indica a investida das ações públicas para a zona rural da capital.

Para nós, essa divergência em como denominar a região também tem a ver com a mudança de *status* da região, que está em processo de rurbanização, assumindo características rurais e urbanas. Dessa forma, o nome Usina Santana aparece como um reforçador do caráter

⁶⁰MENEZES, Sâmia. **Governo e Prefeitura acertam novas parcerias e iniciam obras**. 20 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.piaui2008.pi.gov.br/materia.php?id=21810>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

⁶¹MENEZES, Sâmia. **Governo e Prefeitura acertam novas parcerias e iniciam obras**. 20 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.piaui2008.pi.gov.br/materia.php?id=21810>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

rural da região, enquanto que a denominação Jardim Europa aparece como um elemento enfatizador da urbanização que o bairro sentiu e tem sentido desde a década de 1990, quando foi enquadrado no perímetro urbano da capital, até o presente. No início do século, o região estava imersa na ruralidade e talvez justamente por estar nessa zona é que a Usina Santana não apareça nas publicações sobre modernização em Teresina nas primeiras décadas do século XX. Naquele momento, a Usina foi instalada em uma localidade extremamente rural, longe dos holofotes da cidade moderna, planejada, criando em seu redor o Povoado Usina Santana.

Tratando do Povoado Usina Santana, que aparece-nos estreitamente vinculado ao Jardim Europa, o *Perfil da Zona Rural de Teresina*⁶² aponta que “O povoado recebe o nome de uma Usina de Açúcar em função de uma grande indústria de açúcar instalada no início do século e que grande impacto deu a Economia Piauiense”⁶³. A partir deste trecho, percebemos como o povoado inicialmente tem forte ligação com a Usina ao mesmo tempo em que confirma o que se passa no imaginário da população local. Para esta, o Povoado Usina Santana é a conhecida “Santana Velha” e o hoje loteamento Jardim Europa, refere-se à “Santana Nova” ou “Fazenda Nova”, justamente por ter sido originado a partir do antigo povoado – a “Santana Velha”, bem como em referência à proximidade com os prédios ocupados pela Usina como o já apontamos.

No processo destacado acima, tiveram forte influência os Santiago – últimos donos da Usina, com suas ações interferindo diretamente na (re)organização espacial do bairro e nos modos como a população criam suas identidades com essa espacialidade. Tomamos como referência a perspectiva adotada por Silva⁶⁴ quando aponta que a “identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido”⁶⁵. Assim, é preciso compreender as significações que o nome dos Santiago recebem no contexto do bairro.

Do mesmo modo como Gil Martins, seus nomes materializam-se no bairro como lugares de memória. A instituição de Educação Infantil recebe o nome de CMEI Tio Fernando Santiago, e recentemente foi criada a Fundação Ivan de Assunção Santiago que aproveita o campo de futebol, espaço de sociabilidades do bairro localizado no seu centro, para promover a prática de esporte com alunos da escola pública de ensino fundamental do Santana. O fato de a Fundação receber o nome de um Santiago nos faz lembrar das falas da Sra. Adelaide, que

⁶²TERESINA, 1995.

⁶³TERESINA, 1995, p. 80.

⁶⁴SILVA, 2000.

⁶⁵SILVA, 2000, p. 78.

considerava este homem como alguém que fazia boas ações no bairro, permitindo-nos analisar a sua inserção no nome dessa fundação como o resultado de um trabalho de memória que associa as boas ações ao nome de Ivan Santiago.

Quando questionamos a Sra. Antônia Rosa sobre a pessoa do Sr. Ivan Santiago, ela nos conta elementos de seu passado muito próximos do que a Sra. Adelaide também nos relatou. No caso desta última, a imagem de homem bom que o usineiro recebia se dava por conta dele ter-lhe dado um lugar para morar, mesmo ela não sendo trabalhadora de seu empreendimento. Como ela nos informou, ela pediu e ele deu um lote para que ela construísse sua casa. Dessa forma, o usineiro assume tais qualidades por ter interferido diretamente em algo que era importante para a nossa entrevistada: a aquisição de um lugar para morar, tendo em vista que ela já vinha se mudando de outras regiões por não ter moradia própria. Quanto à Sra. Antônia Rosa, assim ela nos conta sobre ele:

Bom. Bom demais. O Chico naquela época. O Chico gostava de mulher, rapariga. Ainda falei com ele, conversei que não estava dando. Aí ele disse: Olhe, agora você venha dia de sexta-feira, venha aqui se ele não dé a coisa certinho. Aí conversei com ele muito bem. Mas era ótima pessoa. Ajudava demais o pessoal daqui. Ajudava. Ele ainda no ciente que o Chico teve um problema de uma alergia. Ele deu até o médico dele pra ele. Deu. Ainda hoje ele tem marca, e não fica bom daquilo ali não. É direto no remédio. Direto no remédio. Direto. Quando ele para, arrebenta⁶⁶.

No caso da Sra. Antônia Rosa, o Sr. Ivan Santiago também era um homem bom por que a havia ajudado em seus problemas conjugais. Ela não se constrangeu em dizer que o marido matinha relações extraconjugais e que recorreu ao patrão dele em busca de ajuda. A ação dele pedir para que ela retornasse em outro dia caso seu marido não melhorasse, indica que o usineiro havia tomado a postura de quem iria falar com o marido da Sra. Antônia Rosa, de modo que o impasse se resolvesse. Isso denota como as relações criadas e estabelecidas entre o usineiro e os moradores do bairro eram fortes, extrapolando os limites das relações trabalhistas. Em outro momento, ele ajuda o marido da Sra. Antônia Rosa em um problema de saúde. Aqui os laços da gratidão se reforçam, pois a saúde é uma questão muito sensível para o ser humano, especialmente quando se trata de pessoas que vivem fragilizadas pela pobreza. A descrição que a Sra. Antônia Rosa faz das casas do bairro como sendo de palha no período em que os Santiago estavam à frente da Usina é um indicativo de que estamos falando de

⁶⁶SOUSA, 2013.

peças que conhecem de perto as dificuldades imputadas por uma vida de grandes limitações.

Ações como a do Sr. Ivan de ajudar alguém que precisava de auxílio médico, seria certamente respondida com o mínimo de gratidão como a que a entrevistada demonstra. Pollak, conforme suas obras já referenciadas, chama a atenção para o fato que a memória exerce um trabalho de escolha ao definir o que quer salvar conforme essa ou aquela informação parece pertinente ao indivíduo. Assim, não é sem motivo que a Sra. Antônia Rosa nos conta esses detalhes de sua vida denotando o apreço que tem pelo indivíduo que ela chama respeitosamente de “Dr. Ivan”⁶⁷.

Utilizamos os relatos destas duas entrevistadas, pois são representativas dessa imagem de homem bom que o usineiro assume. Como a Sra. Antônia Rosa bem enfatizou ele ajudava o “pessoal daqui” – para utilizar a expressão de nossa narradora – denotando como de diversas maneiras as pessoas buscavam seu auxílio. Essa prática pode ser vista como uma tentativa desse industrial de angariar a gratidão dos moradores como uma forma de minimizar os conflitos que advêm das complexas relações que ali se estabeleceram.

Essa mesma entrevistada afirmou ter trabalhado na Usina e que não tinha carteira assinada, mas não recebeu nada quando ela fechou e nem achou que deveria cobrá-lo, pois em relação aos lotes onde morava ele não a havia cobrado. Nas palavras dela: “Aqui era do Dr. Ivan nos tempos atrás. Era dele. Aí ele deu pra nós. Ele foi embora não sei pra onde. Aí ele deu pra nós”⁶⁸. Embora ela tivesse um carnê para pagar pelo lote, como também nos informou, com a partida do Sr. Ivan ele não a cobrou. Ao que parece, estabeleceu-se aí uma relação de reciprocidade: como ele não a havia cobrado, ela também não o cobrou.

Quanto à Fundação que leva o nome do usineiro, a Fundação Ivan de Assunção Santiago, foi possível encontrar a seguinte notícia veiculada em meio eletrônico e que nos ajuda a compreender o contexto em que a Fundação aparece no bairro:

A solenidade marcou também o lançamento da Fundação Ivan Assunção Santiago criada pela Universidade ATIVA com objetivo de possibilitar um maior amparo e representatividade para a comunidade de Usina Santana no bairro Jardim Europa. Assim como as demais, esta fundação também receberá recursos mensais e todo apoio durante esse processo inicial de construção⁶⁹.

⁶⁷SOUSA, 2013.

⁶⁸SOUSA, 2013.

⁶⁹UNIVERSIDADE Ativa lança em Teresina nova etapa de seu programa social. **Portal Universidade Ativa**. 16 jun. 2012. Disponível em: <<http://universidadeativa.org/?pg=noticia&id=226#>> Acesso em: 10 ago. 2012.

Desse modo, a Fundação Ivan de Assunção Santiago nasce vinculada a uma organização do Terceiro Setor – a Associação Universidade Ativa, hoje denominada de Instituto Ativa Brasil⁷⁰ – que desenvolve projetos sociais e que aparece no meio midiático vinculada a um título de capitalização conhecido como PIAUI CAP. Esse fato mostra como o bairro tem ganhado dimensão nos últimos anos, atraindo interesses de agentes que são exteriores a ele, mas que de alguma forma reconhecem a expressividade da população que habita o Santana.

Sobre essa notícia ainda é necessário destacar as constantes confusões envolvidas com a denominação do bairro. Notemos que a matéria fala da comunidade Usina Santana localizada no bairro Jardim Europa, quando na realidade temos o contrário, pois o loteamento Jardim Europa é que fica no interior do bairro Santana. Esse tipo de informação é reflexo desse jogo de indefinições que perpassam o bairro, seja pelo nome que recebe ou pelo modo como é identificado. Se por sua localização ele pode ser considerado um bairro rural, pelo seu aparelhamento infraestrutural, pelos hábitos urbanos da população e pelo próprio tratamento do poder público municipal, ele pode ser considerado um bairro urbano ou, como preferimos denominar, de bairro urbano.

A notícia ratifica ainda nosso argumento de que a Usina de fato se constitui como um elemento que interfere no processo de constituição das identidades que envolvem o bairro. Ao chamar o bairro de comunidade da Usina Santana, a matéria deixa entrever o papel marcante deste empreendimento para aquele espaço, bem como as relações de poder estabelecidas no passado, mas que ainda deixam ressonâncias no presente. Como Silva nos mostra o “poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca inocentes”⁷¹. Dessa forma, o modo como o bairro se identifica com o nome da Usina Santana está imerso nas relações de poder que estabelecem, também, as diferenças entre o Santana e os outros bairros da zona sudeste de Teresina.

Além do exposto, a referida notícia se refere ao fato de a entidade se dedicar ao amparo das pessoas que moram no bairro, conforme consta no Estatuto da referida instituição. Ressalte-se que o mesmo não foi aprovado pelo Tribunal de Justiça do Piauí como consta no

⁷⁰QUEM Somos. **Instituto Ativa Brasil**. Disponível em: <<http://www.universidadeativa.org/?pg=quemsomos>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

⁷¹SILVA, 2000, p. 81.

parecer do processo administrativo nº 11/2012⁷². Enquanto ainda não passa pela reformulação necessária o Estatuto versa em seu Art. 3º que tem por finalidade:

Atender a criança, adolescentes, jovens, adultos, idosos, deficientes físicos e grupos minoritários, afrodescendentes de acordo com as políticas públicas em consonância com as Leis de Diretrizes e Bases da Assistência Social – LOAS e do ECA em vigor: na área de esporte e lazer comunitário realizando treinamento voltado para os diversos tipos de atividades esportivas para crianças, jovens, crianças e idosos. Capoeira, jiu-jitsu, taekendô, etc⁷³.

Não descartamos a intenção desta Fundação agir, embora ainda sem o devido registro legal pela autoridade competente, buscando prestar assistência à população pobre do bairro, mas não podemos deixar de enxergar o fato de que a utilização do nome de Ivan de Assunção Santiago seja uma operação de memória: por um lado se remete às ligações que o referido industrial possui com o bairro, por outro se utiliza dessa memória e desses laços para ganhar aceitação junto à própria comunidade e além dela.

Assim, devemos lembrar que a memória é um instrumento e um objeto de poder⁷⁴. Esse processo de evocação está ligado às fundações do bairro, retomando elementos do passado como estratégia para a aceitação de uma ação presente. Desse modo, percebemos como o passado pode ser utilizado de modo a justificar ações que se dão no presente como nos é apontado por Eric Hobsbawn⁷⁵ ao discutir os sentidos do passado. Para este historiador, um dos sentidos do passado é o da genealogia, que está ligado ao fato de estabelecermos uma relação de continuidade coletiva entre o passado e o presente de um dado recorte espacial. Nesse caso, percebe-se a nomeação da Fundação como uma maneira de dar a ela uma genealogia, uma ligação, um laço de continuidade com o passado do bairro Santana e, assim, com as pessoas que o habitam o que se constitui também como uma operação de memória.

Fernando Catroga⁷⁶, em uma tentativa de definir a memória, retoma os três níveis da memória: “a *proto-memória*, fruto, em boa parte, do *habitus* e da socialização e fonte dos automatismos do agir; a *memória propriamente dita*, que enfatiza a *recordação* e o *reconhecimento*; e a *metamemória*, conceito que define as representações que o indivíduo faz do que viveu”⁷⁷. Partindo, então, de seu posicionamento, estamos trabalhando com o que o

⁷²PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 11/2012. **Diário da Justiça do Estado do Piauí**. Teresina, p. 55-56, 22 nov. 2012. Ano XXXIV, n. 7.168.

⁷³FIAS. **Estatuto da Fundação Ivan de Assunção Santiago**. Teresina: FIAS, 2012.

⁷⁴LE GOFF, 2003.

⁷⁵HOBBSAWN, Eric John Ernest. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁷⁶CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

⁷⁷CATROGA, 2001, p. 15, grifos do autor.

autor chama de metamemória. Dessa forma, o que a Sra. Adelaide e os demais entrevistados nos contam diz respeito às representações que eles fazem de seu próprio passado e do passado do bairro. Esse ponto é importante, pois permite que articulemos a memória às identidades forjadas no seio do processo de rurbanização do bairro, permitindo que entendamos a realidade histórica dos moradores conforme a especificidade do espaço que habitam, pois é preciso olhar para a relação entre a memória, as identidades e o espaço onde elas se estabelecem.

Na perspectiva de Stuart Hall⁷⁸, o “[...] “lugar” é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”⁷⁹. O autor, assim, destaca o sentimento de pertencimento que se constitui entre as pessoas e o espaço, como percebemos no Santana. Os moradores criaram laços de pertencimento com este espaço, o que os coloca como agentes transformadores deste na medida em que no processo de rurbanização exposto, há lugar tanto para a atuação do poder público – municipal ou estadual – que implementa mudanças de ordem estrutural no bairro, como para seus moradores atuando em seu cotidiano.

Joël Candau⁸⁰ caminha na perspectiva apontada por Catroga .quando afirma que a metamemória se trata da representação que cada indivíduo:

[...] faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao “modo de afiliação de um indivíduo a seu passado” e igualmente, como observa Michael Lamec e Paul Antze, a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, uma memória reivindicada, ostensiva⁸¹.

Diante disso, vê-se como memória e identidade andam juntas na medida em que a memória serve de base para esta segunda. Em se tratando de um bairro, deve-se falar em identidades no plural, pois trata-se de uma multiplicidade de sujeitos que vivem em seu espaço geográfico. Denotando essa perspectiva plural, o autor ainda acrescenta que “[...] mesmo que as lembranças se nutram da mesma fonte, a singularidade de cada cérebro humano faz com que eles não sigam necessariamente o mesmo caminho”⁸².

⁷⁸HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

⁷⁹HALL, 2005, p. 72.

⁸⁰CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

⁸¹CANDAU, 2011, p. 23.

⁸²CANDAU, 2011, p. 35.

Assim como Godói e Pollak citados anteriormente, Catroga e Candau retomam a ideia de que a memória está em constante reconstrução a partir da interação com o presente. Para analisar o papel dos Santiago no bairro é preciso ter-se em mente de que se trata de uma temporalidade muito próxima, pois não mais que três décadas separam o presente do momento em que eles atuaram de maneira direta na região. Nesse sentido, percebemos nas entrevistas como a memória individual de cada entrevistado busca ligações com a memória coletiva do bairro, em alguns pontos até bastante consensual quando se trata da presença dos Santiago e a imagem positiva que eles carregam consigo. Para entender melhor isso, Catroga nos conta:

[...] Como consequência, as recordações radicam na subjectividade, embora cada eu só ganhe consciência de si em comunicação com os outros, pelo que a evocação do que lhe é próprio tem ínsitas as condições que a socializam. A memória individual é formada pela consciência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às consequentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito⁸³.

Refletindo sobre isso, compreendemos como pelo bairro vai se construindo uma memória que idealiza os Santiago, deixando de lado, subterraneamente para utilizar a expressão de Pollak, os conflitos que devem ter emergido por conta da falência da Usina Santana, os salários atrasados, assim como posteriormente ocorreu quando do fechamento da Cerâmica Santana. A existência, como bem já tratamos, de processos judiciais de trabalhadores que exigem receber o que têm de direito quando do fechamento da Cerâmica faz perceber os conflitos que emergiram no bairro, mas que talvez pela proximidade temporal ainda sejam temas sensíveis para os entrevistados relatarem. Como conta Pollak, “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’. As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”⁸⁴.

Quando nos referimos a uma memória coletiva não estamos nos reportando a uma memória composta por memórias individuais, fragmentadas, que em conjunto a formam, mas reconhecemos, assim como Candau, a importância dos quadros sociais que agem sobre a memória individual e sobre as identidades.

⁸³CATROGA, 2001, p. 16, grifo do autor.

⁸⁴POLLAK, 1989, p. 8.

Nessa perspectiva, os Santiago não só ficam marcados na memória do bairro Santana, mas também de Teresina e do próprio Piauí. Ao decidirem comprar a “secular Usina Santana”⁸⁵ que integra o patrimônio piauiense, tornaram-se agentes que passaram a interferir decisivamente na história e memória do bairro gerando na população um sentimento de pertencimento que perpassa as fronteiras socioculturais de existência dos indivíduos. Encontramos, desse ponto de vista, memórias individuais e identidades que se conectam ao espaço de morada dos habitantes.

Morar no Santana implica, para a população trabalhadora, o deslocamento diário para o centro da cidade que leva em torno de uma hora e vinte minutos. Apesar disso, não se vê manifestado o desejo de ir embora do bairro. A Sra. Antônia Rosa avalia de duas maneiras a trajetória do bairro nas últimas décadas, como segue:

Por um lado fez foi piorar. No sentido assim, por que tinha ali serviço pra pessoa trabalhar. Ai trabalhava lá. Aí como agora? Meu filhos todinhos trabalham na rua, por que não tem aqui. Mas também melhorou. Por que as ruas eram negócio assim tudo na areia, buraco. Melhorou cem por cento. Por que aqui já tem o ônibus que entrega a bem dizer na porta⁸⁶.

O ponto de vista da Sra. Antônia Rosa, assim, corrobora com o nosso argumento de que o bairro passa por um momento dialético caracterizado pela rurbanização. Notemos que a entrevistada acredita que a situação do bairro piorou, por que as pessoas agora têm que trabalhar longe dos seus lares como ela aponta que é o caso dos seus filhos. Por outro lado, ela afirma que houve uma melhora retomando elementos da infraestrutura do bairro onde antes não havia calçamento, assim como o transporte coletivo urbano que facilita o deslocamento necessário. Vejamos a tabela abaixo:

TABELA 9: Transporte coletivo que atende ao Santana e aos principais bairros vizinhos.

BAIRROS	Bom Princípio	Santana	São Sebastião	Todos os Santos	Verdecap
CARACTERÍSTICAS					
Linhas de Transporte Coletivo	3	3	8	3	3
Número de veículos coletivos em circulação	14	14	37	14	14

FONTE: Adaptado de TERESINA (2004)⁸⁷

⁸⁵PARAIBANOS compraram a Usina Santana. **Jornal do Piauí**, Teresina, 29/30 abr. 1978.

⁸⁶SOUSA, 2013.

⁸⁷TERESINA, 2004.

Note-se que à exceção do bairro São Sebastião, todos os outros bairros possuem o mesmo quantitativo de linhas e de ônibus em circulação. Isso se dá por que o Santana é o bairro mais longe atendido pelo transporte coletivo urbano de Teresina, cortando os demais bairros. Assim, as mesmas três linhas e seus quatorze ônibus circulando atendem aos bairros Bom Princípio, Santana, Todos os Santos, Verdecap, além do próprio São Sebastião, pois nas oito linhas que dispõe, três são as linhas que saem do bairro Santana e que vêm cortando os demais no sentido bairro – centro. A distância entre determinada localidade e o centro das cidades é uma das características que é utilizada para demarcar as áreas rurais, no entanto a entrevistada acredita que o bairro já não mais pode ser considerado um interior, zona rural, afirmando que o bairro “tá quase uma cidadezinha né”⁸⁸. Assim, esta fala denota como esta espacialidade está entrecortada por características que interferem nos modos como a população e o próprio poder público municipal a representa: hora como rural, hora como urbana; e para nós, rurbana.

Retomando as palavras de Hall, “os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes”⁸⁹. Estas parecem ter sido criadas por nossos entrevistados, pois todos se remeteram ao desejo de permanecer morando até o fim da vida no bairro. Tomemos a fala da Sra. Antônia Rosa como exemplo. Quando questionada se alguma vez ela já tinha pensado em sair do bairro, ela nos respondeu o seguinte: “Não. Deus me livre. Não tenho vontade de sair daqui não. Acho que é devido eu ter nascido aqui, aí eu não tenho vontade de sair. Só daqui pra ali pro cemitério”⁹⁰. Portanto, os laços construídos pela entrevistada são muito fortes, mostrando como o sentimento que a liga ao bairro não está apenas ligado às relações de trabalho com a Usina, mas de fato à sua trajetória de vida, pois ela mora no bairro desde que nasceu, no ano de 1951.

Como bem demonstramos nos capítulos anteriores, durante os anos 70 e 80 o bairro estava imerso em um espaço predominantemente rural, com atividades produtivas agroindustriais ligadas diretamente à Usina. Nos anos 80, no entanto, deu-se um fato que vai impulsionar a urbanização da região que foi a criação do loteamento Jardim Europa com características urbanas em um meio rural. Com o fechamento da Usina, parte da população migra para trabalhar na Cerâmica Santana permanecendo com laços com o bairro e com os Santiago. Esse fato é tomado como ponto de partida por nós para entender a rurbanização que hoje identificamos no bairro e que interfere no jogo social da memória e das identidades que

⁸⁸SOUSA, 2013.

⁸⁹HALL, 2005, p. 72.

⁹⁰SOUSA, 2013.

ali se formam, pois o surgimento do Jardim Europa se dá a partir de um misto de rural e urbano que tem se desenvolvido e que aos poucos foi dando forma para a rurbanização que pode ser percebida no bairro nos dias atuais.

Entende-se, assim, o papel importante que os Santiago tiveram para o processo de rurbanização que temos chamado atenção. Com a criação do novo loteamento, eles fizeram surgir um espaço híbrido de rural e de urbano o que, posteriormente, também se refletirá nos hábitos da população que vai assumir contornos cada vez menos rurais e mais urbanos na medida em que com o fechamento dos empreendimentos dos Santiago, a população, pela própria necessidade de trabalho e sobrevivência, passa a se deslocar cotidianamente entre essas diferentes zonas da capital.

Tal situação acaba por também ser reforçada pelo poder público municipal quando na década de 1990⁹¹ enquadra o bairro na zona urbana da cidade, reconhecendo-lhe não apenas um novo status, mas também percebendo-o como um importante espaço da zona de crescimento no sentido sudeste da cidade. Quando em 2006⁹² este mesmo poder público (re)enquadra o bairro na zona rural, demonstra como este espaço é indefinido seja pelas suas características espaciais, seja pelo *habitus* de quem cotidianamente vive no bairro. Portanto, podemos falar que os Santiago foram importantes para que o bairro se constitua nessa perspectiva multifacetada, seja rural ou urbana, interferindo de forma marcante na memória e nas identidades que permanecem em movimento junto com o processo de rurbanização do bairro.

Mas é preciso que reconheçamos também o papel da população como agente modificadora do espaço. Evidentemente, a memória das pessoas não se limita às ações dos Santiago, sendo composta de uma infinidade de particularidades que pertence a cada um dos indivíduos. No entanto, o destaque que dão à presença dos Santiago faz-nos perceber a complexidade das relações estabelecidas no bairro, pois de um lado tem-se a presença dos industriais modificando sua estrutura organizacional, por outro temos pessoas que precisaram criar e consolidar novos referenciais para se integrarem ao novo espaço onde lhes foi permitido morar.

Nesse sentido, lembramos das palavras de Certeau⁹³ quando afirma que o homem ordinário joga com as estruturas de poder. Isso se dava na resistência silenciosa empreendida

⁹¹TERESINA. **Lei 2.311 de 17 e maio de 1994**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

⁹²TERESINA. **Lei 3.559 de 20 de outubro de 2006**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 2006.

⁹³CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

pelos moradores que, ao jogar com os mecanismos da disciplina, seguiram atribuindo uma nova significação ao espaço habitado que passaram a ocupar. Isso lembra as palavras da Sra. Antônia Rosa, para quem o Santana e o Jardim Europa “tudo é uma coisa só”⁹⁴. Nesse processo de reconstrução dos laços que ligam as pessoas ao espaço do bairro, é que emerge o trabalho da memória solidificando e reatualizando os referenciais dos moradores como que criando uma linha de continuidade entre a vida no antigo povoado e no novo loteamento. Com o passar dos anos, esse ideal de continuidade serviu de base para as reivindicações dos moradores ao indicarem que sempre foram moradores do bairro, embora nem sempre no mesmo espaço geográfico.

Dessa forma, foi possível compreender como a memória dos moradores do Santana vai se constituindo mediada ora pelas interferências dos Santiago no espaço, ora pelo sentimento de pertencimento que os moradores desenvolvem em seu cotidiano. Assim, o espaço de morada deixa de ser apenas uma casa, um bairro, para tornar-se um lar.

⁹⁴SOUSA, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TERMINADO O PASSEIO POR NOSSO JARDIM?

Se a história, não obstante, para a qual nos arrasta assim uma atração quase universalmente sentida, só tivesse isso para se justificar, se fosse apenas, em suma, um amável passatempo, como o bridge ou a pesca, valeria a pena todo o esforço que fazemos para escrevê-la? Para escrevê-la, quero dizer honestamente, indo verdadeiramente em direção, o máximo possível, às suas molas ocultas: por conseguinte, com dificuldade¹.

Ao longo destas páginas temos percorrido a história do bairro Santana. Como que passeando por um jardim, observamos suas flores e também seus espinhos, atentos para conhecê-lo melhor. De fato, não podemos dizer que esse passeio terminou, pois a pesquisa histórica nos permite uma multiplicidade de olhares que, em última instância, nos permite dizer que a pesquisa nunca acaba. Por outro lado, fazemos uma pausa nesse passeio, como que fazendo um balanço do que aprendemos e descobrimos sobre a fascinante história do bairro Santana. Confessadamente, procuramos escrever este trabalho pensando no desafio também enfrentado por Marc Bloch²: “saber falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares”³. Mantivemos isso sempre em mente, pois não é desejo deste pesquisador que seu trabalho sirva apenas aos historiadores, mas que também alcance os sujeitos que analisou retornando para o Santana como uma obra que ajuda a (re)contar o seu passado.

Como o título da dissertação já anunciava, buscou-se dar conta da história de um processo de rurbanização na cidade de Teresina. Partimos, então, da possibilidade de tomar o bairro Santana como um exemplo desse processo, o que não exclui a possibilidade de outras

¹BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.p. 44.

²BLOCH, 2001.

³BLOCH, 2001, p. 41.

zonas fronteiriças da cidade passarem por um processo semelhante. Como a rurbanização se trata de um processo, ela deve ser percebida em seu movimento dinâmico que vai assumindo novas nuances à medida que os anos passam. Sendo a rurbanização, esse processo que envolve determinadas configurações espaciais que se encontram entre o rural e o urbano, ela não deve ser vista como algo posto, mas que cotidianamente se constitui e reconstitui.

Nesse sentido, a narrativa foi organizada de modo que pudéssemos apresentar como a rurbanização foi se constituindo no bairro desde os anos 70, mas só podendo ser percebida com maior clareza por nossa análise a partir dos anos 90. Daí só termos aprofundado a teorização da rurbanização a partir do segundo capítulo, pois ao leitor seria possível relacionar a empiria discutida e analisada até então com os aportes teóricos que definem a rurbanização como essa categorização que dá conta dos espaços que encontram-se entre o rural e o urbano como o Santana.

Em nossa pesquisa sobre os anos 70 e 80, pudemos compreender como se deu a constituição do bairro Santana intimamente ligado à Usina Santana S/A. No mesmo sentido, foi possível esclarecer as relações entre o povoado Usina Santana e o povoado Jardim Europa, que posteriormente recebe a definição de loteamento, pois no presente o Jardim Europa é constantemente confundido com o Santana. Ficou claro, então, que o loteamento Jardim Europa surgiu a partir de um movimento de migração das pessoas que moravam no povoado Usina Santana que, naquele momento, eram em sua maioria trabalhadores deste empreendimento. No presente desta narrativa, o Jardim Europa é entendido pelo poder público municipal com um loteamento que é interior ao bairro Santana, sendo a parte de seu território que é densamente povoada. Esse fato explica o por que de muitas fontes se referirem de forma confusa, em alguns momentos ao Jardim Europa e em outros ao Santana.

Quando enveredamos pelos anos 90 e 2000, percebemos que com o status de bairro urbano que o Santana recebe a partir de 1994, a ação do poder público municipal muda para com a região, passando a atender de maneira mais objetiva e presente aos anseios da população residente. Desse modo, analisando as mudanças nas condições das moradias, o serviço educacional ofertado, o serviço de coleta de lixo, o atendimento à saúde, o crescimento demográfico do bairro, bem como o serviço de transporte coletivo urbano, foi possível perceber a consolidação do processo de rurbanização no bairro. Se, por um lado, o bairro cresceu dentro do processo de desenvolvimento da zona sudeste de Teresina melhorando suas instalações infraestruturais de atendimento à população, por outro ele ainda mantém fortes aspectos rurais. Como metaforizamos ao longo dos capítulos, olhar o bairro de cima é percebê-lo como uma ilha urbana em um meio rural, se estivermos atentos à paisagem

que o constitui e o cerca. Mas a perspectiva da rurbanização nos leva a olhar o bairro também pelo *habitus* que se constitui cotidianamente por aqueles que o habitam. Também nesse sentido, percebemos um perfil de comportamento que mescla elementos rurais e urbanos. Enquanto uns trabalham fora do bairro, o que nos faz retomar o conceito de bairro-dormitório, outros ainda vivem de atividades como a roça.

Como último objetivo de nossas análises, buscou-se compreender como se forma uma memória no bairro que o vincula à Usina, ao mesmo tempo em que se procura entender os laços entre essa memória e as identidades rurbanas que se constituem a partir da consolidação do processo de rurbanização presente no bairro. O reflexo mais evidente desse processo de constituição identitária é expresso na fala dos nossos entrevistados quando titubeiam ao definir o bairro. Para uns ele faz parte da zona urbana, para outros ele faz parte da zona rural. Isso também se reflete nos modos como o poder público municipal e estadual se referem ao bairro, muitas vezes denominando-o de zona rural quando ele já estava enquadrado na zona urbana da capital, ou tratando-o como zona urbana quando ele já havia sido (re)enquadrado na perímetro rural de Teresina. Tomamos, então, em um primeiro momento, como foco de análise a relação entre o bairro e a Usina Santana a partir de seu primeiro dono – o industrial Gil Martins. Nesse ponto do trabalho foi necessário fazer um recuo temporal ao início do século XX, para que fosse possível entender as razões que levam à permanência do nome deste industrial no bairro, constituindo-se como lugar de memória ao materializar-se como nome do Centro de Saúde, atravessando também a memória da cidade manifestando-se como nome de uma importante avenida no bairro São Pedro – a Avenida Industrial Gil Martins. Em um segundo momento, analisamos como os últimos donos da Usina – os Santiago, tiveram papel central no impulsionar do processo de rurbanização da região fazendo surgir um loteamento urbano em um meio rural, o que influenciará nos modos como a população se reconhecerá dali por diante, ganhando cada vez mais hábitos urbanos mediados pelas novas relações de sociabilidades que se constituem pela interação com outros espaços da capital, como o centro da cidade, onde a população em sua maioria trabalha. No caso dos Santiago, ainda foi possível perceber como seus nomes também são constituintes de lugares de memória manifestando-se no CMEI Tio Fernando Santiago e na Fundação Ivan de Assunção Santiago. Desse modo, os estudos sobre a memória do Santana nos permitem inferir que o bairro possui uma íntima ligação com a Usina, ao mesmo tempo em que encontramos nessa memória elementos reforçadores do ideal rurbanizado presente no bairro. Ao mesmo tempo em que o bairro se quer urbano, existe uma memória que o faz constantemente retomar seu passado rural ligado às atividades agroindustriais da Usina que o criou.

Poderíamos então concluir que o bairro está caminhando em sentido a uma plena urbanização? Acreditamos que não. Os estudos de Carneiro⁴ que se remetem ao ideal rurbarno deixam claro que a rurbarização não é um estágio de indefinição entre o rural e o urbano em que uma determinada configuração espacial caminha para a urbanização. A autora deixa claro que essa afirmação não é possível, pois do mesmo modo como a região pode em um determinado momento caminhar para a ampliação de seus aspectos urbanos, ela também o pode fazer no seu sentido rural. É assim também que preferimos olhar para o Santana – como um espaço que paulatinamente passou por um processo de rurbarização, mas que não necessariamente está determinado a ser urbano.

Entendemos que as considerações finais de um trabalho não devem apenas enfatizar os argumentos discutidos ao longo do texto, como fizemos até aqui, mas também levantar novas perguntas. O que mais este objeto pode suscitar? Foi pensando nisso que escrevi esta última seção do trabalho. Evidentemente, não foi nossa pretensão esgotar as possibilidades de análise sobre o bairro Santana, mas tentamos dar conta de elementos que fossem suficientes para subsidiar os argumentos levantados acerca de sua rurbarização. Pensando no futuro, acreditamos que a historiografia piauiense, embora já tenha se dedicado significativamente ao início do século XX, ainda não explorou suficientemente como os efeitos da modernização defendida no período também chegara até a zona rural de Teresina. Desse modo, nossa pesquisa não se encerra aqui. Continuaremos em nossa estrada como historiadores, buscando olhar mais afundo como a Usina Santana se constitui como um referencial de modernização para a cidade de Teresina, à luz das ações de seu empreendedor: o industrial Gil Martins.

⁴CARNEIRO, M. J. (Coord.). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto “Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção”. Rio de Janeiro, setembro de 2002, p. 5-23.; CARNEIRO, M. J. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. **Anais**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROS, José D'Assunção. História, Espaço e Tempo: interações necessárias. In: **Revista Varia História**. Belo Horizonte. v. 22, n. 36, 2006. p. 460-476.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário Histórico e Geográfico do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – PMT, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BERNADELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 33-52.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARNEIRO, M. J. (Coord.). Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: **Ruralidades contemporâneas**. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Relatório final do projeto “Pluriatividade e Ruralidade: identidades sociais em construção”. Rio de Janeiro, setembro de 2002, p. 5-23.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: XXII Encontro Anual da ANPOCS. **Anais**. Caxambu, MG: ANPOCS, 1998.

CATOGRA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORREIA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo: relações e contradições entre o urbano e o rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FAVARETTO, A. S. A longa evolução da relação rural-urbano. Para além de uma abordagem normativa do desenvolvimento rural. In: **RURIS**. Revista do centro de Estudos Rurais. Universidade Estadual de Campinas/IFCH, v. 1. n. 1. Campinas/Unicamp/IFCH, 2007, p. 157-192.

FERREIRA, Jerusa Pires. Campo e Cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. **Projeto História**. n. 19, São Paulo, 1999. p. 45-58.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba – Cidades-beira (1850-1950)**. Teresina: EDUFPI, 2010.

GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

HOBBSBAWN, Eric John Ernest. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Antônia Jesuíta de. **Gestão Urbana e Políticas Públicas de Habitação Social: análise de uma experiência de urbanização de favelas**. São Paulo: Annablume, 2010.

LOPES, Wilza Gomes Reis et. al. A Paisagem Urbana e o Sistema de Espaços Livres da Cidade de Teresina, Piauí. **Anais**. VI Colóquio da Pesquisa QUAPA-SEL, 2011, São Paulo, 2011. v. 1. p. 1-15.

MAYOL, Pierre. O bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p. 35-185.

MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: PÔRTO JR., Gilson (Org.). **História do Tempo Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 17-29.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Revista Brasileira de História**. n. 53, v. 27, São Paulo, p. 195-214.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n. 10, São Paulo, 1993. p. 7-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. v. 27, n. 53, 2007. p. 11-23.

PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **História e Historiografia**. Recife: Edições Bagaço, 2006. p. 53-70.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 163-198.

QUINTANA, Mário. **Poesias**. Porto Alegre: Editora do Globo, 1962.

REIS, José Carlos. **A História, entre a filosofia e a ciência**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.

REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **(Des) Encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro (Org.). **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectiva**. Teresina: Halley, 1995.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VICENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processos de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global Universitária, 1987. p. 375-402.

WILLIAMS, Raymond. **The country and the city**. New York: Oxford University Press, 1973.

WIRTH, Louis. Urbanism as Way of Life. In: **The American Journal of Sociology**. Chicago, v. 44. n. 1, 1938. p. 1-24.

Teses e Dissertações

ARAÚJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)**. 128 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

FERRAZ, Diná da Rocha Loures. **A questão fundiária urbana: reflexões sobre os direitos e as representações em relação à moradia**. 119 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva Fontineles. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. 374 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2009.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **Desafiando o olhar de medusa: a modernização e os discursos modernizadores em Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX**. 170 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. 235 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

Documentos escritos e legislação consultada

BRASIL. **Noções Básicas de Cartografia**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/elementos_representacao.html>. Acesso em 13 maio 2012 às 21:18.

BRASIL. **Centro de Saúde Gil Martins Usina Santana**. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. Disponível em: <cnes.datasus.gov.br/cabecalho_reduzido.asp?VCod_Unidade=2211002444127>. Acesso em 25 jul. 2012.

BRASIL. Ministério Público do Trabalho. Procuradoria do Trabalho da 22ª Região. **Processo n. 0212800-24.2009.5.22.0002**. 25 nov. 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004**. Brasília, DF: MDS, 2005.

BRASIL. **Norma Operacional Básica NOB/SUAS**. Brasília, DF: MDS, 2005.

BRASIL. Justiça do Trabalho da 22ª Região. 4ª Vara do Trabalho de Teresina. Execução Fiscal. **Processo n. 2000.40.00.005301-6**. 13 set. 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado, 1988.

BRASIL. Dispõe sobre a cobrança judicial da Dívida Ativa da Fazenda Pública, e dá outras providências. **Lei 6.830 de 22 de setembro de 1980**. Brasília: Presidência da República, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1980.

BRASIL. **Anuário Estatístico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1936.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Dispõe sobre a divulgação de dados processuais eletrônicos na rede mundial de computadores, expedição de certidões judiciais e dá outras providências. **Resolução n. 121, de 5 de outubro de 2010**. Ministro Cezar Peluso. Brasília, 2010.

FIAS. **Estatuto da Fundação Ivan de Assunção Santiago**. Teresina: FIAS, 2012.

OLIVEIRA, Newton (Coord.). **Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina**. Teresina: COPLAN S/A, 1969.

PIAHUY. **Primeira Exposição Estadual do Piahy**. Teresina: 1923.

PIAUI. **Cadastro Industrial do Piauí**. Teresina: Fomento Industrial do Piauí S/A (FOMINPI) – Núcleo de Assistência Industrial, 1971.

PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-1-15.134 do livro de Registro Geral 2-AG**. f. 287.2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-1-14.680 do livro de Registro Geral 2-AF**. f. 107.2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

PIAUI. **Registro de Imóvel sob número de ordem R-1-14.632 do livro de Registro Geral 2-AF**. f. 56.2º Tabelionato de Notas e Registro de Imóveis. Cartório NailaBucar.

TERESINA. **Conselho Municipal de Educação**: parecer CME/THE nº 039/2009. Teresina: CME, 2009a.

TERESINA. **Projeto Político-Pedagógico da CMEI Tio Fernando Santiago**. Teresina: Secretaria Municipal de Educação, 2009b.

TERESINA. **Lei 3.559 de 20 de outubro de 2006**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 2006.

TERESINA. **Projeto Político-Pedagógico do CMEI Tio Fernando Santiago**. Teresina: Secretaria Municipal de Educação, 2005.

TERESINA. **Teresina em bairros Maio/2004**. Teresina: Secretaria Municipal de Planejamento, 2004.

TERESINA. Perímetro Urbano. In: TERESINA. **Teresina em Dados**. Teresina: SEMPLAN, 2001.

TERESINA. **Lei 3.029 de 04 de julho de 2001**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 2001.

TERESINA. **Lei 2.515 de 18 de abril de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. **Lei 2.577 de 20 de outubro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. **Lei 2.587 de 01 de dezembro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. **Lei 2.596 de 01 de dezembro de 1997**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1997.

TERESINA. **Perfil da Zona Rural de Teresina**. Teresina: Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, 1995.

TERESINA. **Lei 2.311 de 17 e maio de 1994**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

TERESINA. **Lei 2.283 de 10 de março de 1994**. Delimita o perímetro da zona de expansão urbana de Teresina e dá outras providências. Teresina: Câmara de Vereadores, 1994.

TERESINA. **Lei 2.109 de 03 de fevereiro de 1992**. Delimita o perímetro da zona urbana de Teresina. Teresina: Câmara de Vereadores, 1992.

Fontes eletrônicas

CAMPO de futebol da Usina Santana será inaugurado dia 06. **Portal 180 graus**. 21 maio 2008. Disponível em: <<http://180graus.com/esporte/campo-de-futebol-da-usina-santana-sera-inaugurado-dia-06-10483.html>>. Acesso em: 07 out. 2010.

LUZ, Dulce. **Agespisa desenvolve projeto para Usina Santana**. Disponível em: <<http://ww.w.sict.pi.gov.br/materia.php?id=16926>>. Acesso em 17 nov. 2010 às 22:59.

MENEZES, Sâmia. **Governo e Prefeitura acertam novas parcerias e iniciam obras**. 20 nov. 2006. Disponível em: <<http://www.piaui2008.pi.gov.br/materia.php?id=21810>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

OLIVEIRA, Elionai. Caminhão Digital tem grande procura na Usina Santana. 08 mai. 2007. **Governo do Estado do Piauí**. Disponível em: <<http://www.piaui.pi.gov.br/materia.php?id=23863>>. Acesso em: 08 nov. 2007.

QUEM Somos. **Instituto Ativa Brasil**. Disponível em: <<http://www.universidadeativa.org/?pg=quem-somos>>. Acesso em: 13 jan. 2013.

SISTEMA Único de Assistência Social. **Portal MDS**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/suas>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

UNIDADES integradas ao Raul Bacelar serão inauguradas hoje. **Portal hoje**. 24 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

UNIVERSIDADE Ativa lança em Teresina nova etapa de seu programa social. **Portal Universidade Ativa**. 16 jun. 2012. Disponível em: <<http://universidadeativa.org/?pg=noticia&id=226#>> Acesso em: 10 ago. 2012.

VIANA, Thamirys. Usina Santana é beneficiada com Centro Municipal. 07 dez. 2008. **Portal 180 graus**. Disponível em: <<http://180graus.com/geral/usina-santana-e-beneficiada-com-centro-municipal-70326.html>>. Acesso em: 07 set. 2010.

ZONA Sudeste ganha mais duas unidades de assistência social. **Portal Hoje**. 23 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.portalhoje.com/tag/inauguracao>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

Periódicos

A “UNIÃO POPULAR”: ao eleitorado. **O Apostolo**, Teresina, p. 1, 29 out. 1911. Ano V, n. 231.

BANCO do Brasil destinou recursos a Usina Santana. **O Dia**, Teresina, p. 5, 4 jan. 1972.

CAMARA de expansão commercial do Estado do Piauhy: inquerito sobre as possibilidades da industria brasileira. **Diário Oficial**, Teresina, p. 8-9, 14 jan. 1937.

PARAIBANOS compraram a Usina Santana. **Jornal do Piauí**, Teresina, 29/30 abr. 1978.

PIAUI pede usina de alcool para utilizar a cana. **O Dia**, Teresina, p. 3, 30 jul. 1976.

PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 11/2012. **Diário da Justiça do Estado do Piauí**. Teresina, p. 55-56, 22 nov. 2012. Ano XXXIV, n. 7.168.

SEM TÍTULO. **O Apostolo**, Teresina, p. 3, 19 maio 1908. Ano II, n. 51.

TERESINA depois dos seus 139 anos. **O Dia**, Teresina, p. 3, 16/17 ago. 1991.

USINA Santana quer produção de álcool no Pi. **O Dia**, Teresina, p. 1, 30 jul. 1976.

USINA Santana S.A. **O Dia**, Teresina, p. 9, 6 fev. 1975.

USINA Santana S/A: Ata da Assembléia Geral Extraordinária. **Estado do Piauí**, Teresina, p. 5, 19 jul. 1959.

UZINA Sant'Anna. **O Apostolo**, Teresina, p. 2, 26 maio 1907. Ano I, n. 2.

Entrevistas

CAMPOS, Adelaide de Sousa. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 19 set. 2010.

CAMPOS, Antônio Carlos de Sousa. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 19 set. 2010.

SILVEIRA, Maria Leice Coelho. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 12 set. 2010.

SOUSA, Antônia Rosa Araújo. **Entrevista concedida a Thiago Coelho Silveira**. 10 jan. 2013.

ANEXOS

ANEXO A –Situação Cadastral da Usina Santana



Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral

Contribuinte,

Confira os dados de Identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer divergência, providencie junto à RFB a sua atualização cadastral.

	REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		
CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 06.842.355/0001-04 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	DATA DE ABERTURA 04/10/1966	
NOME EMPRESARIAL USINA SANTANA SA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) *****			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL *****			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 209-7 - SOCIEDADE EMPRESARIA EM COMANDITA POR ACOES			
LOGRADOURO *****	NÚMERO *****	COMPLEMENTO *****	
CEP *****	BAIRRO/DISTRITO *****	MUNICÍPIO *****	UF **
SITUAÇÃO CADASTRAL BAIXADA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 09/08/1990	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL EXTINCAO P/ ENC LIQ VOLUNTARIA			
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	


Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.183, de 19 de agosto de 2011.

Emitido no dia **29/06/2012** às **02:11:55** (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

Deseja emitir a Certidão de Baixa?

ANEXO B – Certidão de Baixa da Usina Santana

CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA - CNPJ			
		MINISTÉRIO DA FAZENDA RECEITA FEDERAL DO BRASIL	
CERTIDÃO DE BAIXA DE INSCRIÇÃO NO CNPJ			
NÚMERO DO CNPJ 06.842.355/0001-04		DATA DA BAIXA 09/08/1990	
DADOS DO CONTRIBUINTE			
NOME EMPRESARIAL USINA SANTANA SA			
ENDEREÇO			
LOGRADOURO POV SANTANA		NÚMERO S/N	
COMPLEMENTO CAIXA POSTAL 201	BAIRRO OU DISTRITO		CEP 64.076-410
MUNICÍPIO TERESINA		UF PI	TELEFONE
MOTIVO DE BAIXA			
EXTINCAO P/ ENC LIQ VOLUNTARIA			
<p>Certifico a baixa da inscrição no CNPJ acima identificada, ressalvado aos órgãos convenientes o direito de cobrar quaisquer créditos tributários posteriormente apurados.</p> <p>Emitida para os efeitos da Instrução Normativa RFB nº 1.183, de 19 de agosto de 2011.</p> <p>Emitida às 02:14:51, horário de Brasília, do dia 29/06/2012 via Internet</p>			
UNIDADE CADASTRADORA: 0330100 - TERESINA			

Voltar

ANEXO C – Situação Cadastral da Cerâmica Santana



Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral

Contribuinte,

Confira os dados de Identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer divergência, providencie junto à RFB a sua atualização cadastral.

		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 09.586.033/0001-30 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL		DATA DE ABERTURA 13/05/1980
NOME EMPRESARIAL CERAMICA SANTANA LIMITADA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) *****			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 23.42-7-02 - Fabricação de artefatos de cerâmica e barro cozido para uso na construção, exceto azulejos e pisos			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 206-2 - SOCIEDADE EMPRESARIA LIMITADA			
LOGRADOURO POV SANTANA	NÚMERO S/N	COMPLEMENTO	
CEP 64.003-690	BAIRRO/DISTRITO	MUNICÍPIO TERESINA	UF PI
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA			DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 03/11/2005
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL			
SITUAÇÃO ESPECIAL *****			DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.183, de 19 de agosto de 2011.

Emitido no dia **29/06/2012** às **02:16:51** (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

[Voltar](#)

ANEXO D – Situação Cadastral da Fábrica Água Mineral



Comprovante de Inscrição e de Situação Cadastral

Contribuinte,

Confira os dados de Identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer divergência, providencie junto à RFB a sua atualização cadastral.

		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL	
		CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA	
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 04.779.082/0001-75 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL		DATA DE ABERTURA 20/11/2001
NOME EMPRESARIAL M. C. S. SALSA LTDA			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) *****			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 82.92-0-00 - Envasamento e empacotamento sob contrato			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 206-2 - SOCIEDADE EMPRESARIA LIMITADA			
LOGRADOURO LOT SANTANA, QUADRA B	NÚMERO 07	COMPLEMENTO	
CEP 64.076-410	BAIRRO/DISTRITO USINA SANTANA	MUNICÍPIO TERESINA	UF PI
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 20/11/2001	
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL			
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.183, de 19 de agosto de 2011.

Emitido no dia **07/08/2012** às **05:22:33** (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

[Voltar](#)